

The Final Book in the *New York Times* Bestselling Trilogy

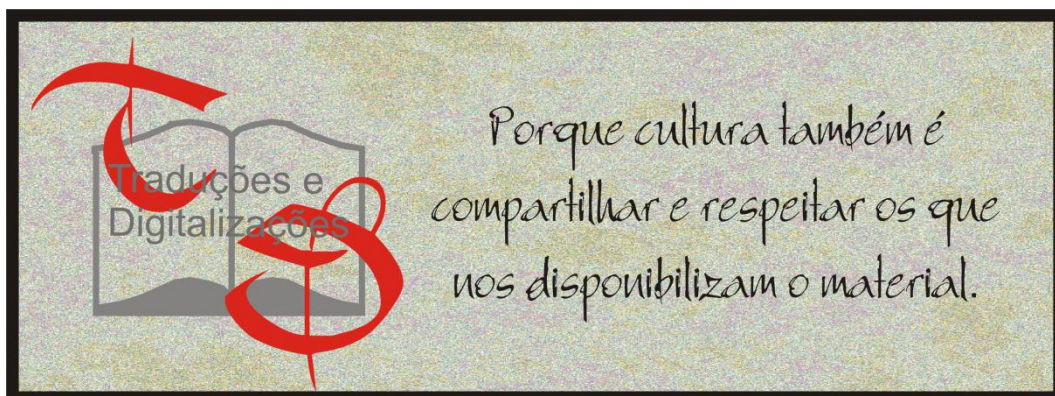
# GONE



LISA McMANN

Author of *Wake and Fade*





Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e- book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – [tradu.digital@gmail.com](mailto:tradu.digital@gmail.com)

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - [http://twitter.com/tradu\\_digital](http://twitter.com/tradu_digital)

*Traduzido por:*

*Nelda Mews Farias  
Baby*

Wake (2008)

Fade (2009)

Gone (2010)

*Wake - Lisa McMann*



# GONE

**Para todos aqueles que têm problemas em casa.**

**Vocês não estão sozinhos.**



# 24/7/365

## 24 de Junho de 2006

É como se ela não conseguisse mais respirar, não importa o que faça, é como se tudo estivesse se fechando ao redor, a oprimindo, a ameaçando. A audiência. A verdade vindo à tona. Reviver o que aconteceu na festa da casa do Durbin, em frente a um juiz e com os três bastardos a olhando. As câmeras a seguiam assim que saía do tribunal, a expondo como uma agente da polícia. Toda Fieldridge estava falando sobre ela.

Durante semanas estive em todos os noticiários locais. As pessoas fofocavam nas lojas e no centro da cidade. As pessoas apontavam para ela, e sussurravam com suas cabeças perto uma das outras, com olhares estranhos no rosto, algumas vezes a abordando para fazer perguntas indiscretas. Estranhos, e antigos colegas de classe, invadiam seu espaço, sussurrando como se fossem seus amigos próximos. – “então o que eles realmente fizeram a você?”

Janie não fora feita para isso. Ela é uma solitária. Alguém que trabalha em segredo. É como se ela nem tivesse tempo para pensar em outras coisas. As coisas realmente importantes, as coisas que haviam mudado sua vida. As coisas do caderno verde. Ficar cega, perder o uso das mãos.

A pressão era incrível.

Ela estava sufocando.

E só queria correr.

Se esconder.

Para então poder apenas ser ela mesma.



# *Junho 2006*

Cinco minutos que importam.

Do outro lado da mesa, o lugar em frente a ela estava vazio.

“Eu não sei de mais nada.” Ela falou. “Eu apenas não sei.”

Ela aperta as mãos contra as têmporas, esperando que sua cabeça não exploda.

“A decisão é sua. A mulher falou. E esse era o segredo delas.”

# *E então*

**1º de Agosto de 2006**

**07h25min**

“Eu não posso respirar.” Ela sussurra.

Ela pode sentir dedos quentes tocando suas costelas, penetrando através da pele, até seus pulmões congelados. Ele a abraça, a beija. Respirando para ela. Através dela. Permitindo-lhe esquecer.

E então ele falou.

“Estamos indo. Agora. Vamos.”

Ela foi.

Nas três horas de viagem ela olhava por entre os cílios para seus dedos borrados sobre os joelhos. Ela fingia dormir, sem ter bem certeza do por que. Apenas absorvendo a quietude. E sabendo que no fundo que ele e isso não eram as respostas para seus problemas.

Ela começou a pensar o que seria.



# *A primeira quinta feira*

**3 de Agosto de 2006**  
**01h15min**

Não havia curiosos naquela parte do estado. Aqui na casa em que Charlie e Megan alugam no Lago Fremont, ninguém a conhece. Os dias são calmos, mas as noites, dentro da cabana minúscula, as noites são ruins.

Os sonhos não tiram férias quando as pessoas tiram.

Há sempre alguma coisa, não é? Há sempre algum problema e nenhuma paz para Janie. Nunca, nunca há nada para ela.

Como o carro que o medico disse que ela não poderia dirigir. Ela ansiava isso. Ansiava se rebelar, contra aquilo que ela não podia ter. E quando o próximo pesadelo começou ela pensou seriamente sobre isso.

**01h23min**

Janie tremia no velho sofá, ao lado dela deitado em uma cadeira reclinável estava Cabel. Dormindo.

Ele estava sonhando com ela.

Janie observou, como fazia algumas vezes quando seus sonhos eram doces. Guardando memórias. Para mais tarde. Mas isso...

Eles estavam jogando paintboll em um campo juntamente com outra dúzia de pessoas desconhecidas. Parecia um vídeo game. Cabe e Janie se moviam através dos obstáculos, e atiravam um no outro, rindo, se desviando dos tiros e se escondendo. Cabel se esconde e acerta dois tiros em Janie, duas bolas de tinta vermelha.

Elas a acertam bem nos olhos.

Tinta vermelha começou a escorrer por suas bochechas, e das orbitas dos olhos vazias.

Ele continuou atirando e arrancando um membro de cada vez, até que restasse somente o tronco do corpo de Janie e seu rosto listrado de tinta.

Ele começou a chorar, cheio de remorso. Ele se ajoelha ao lado dela no chão, e em seguida, a pega no colo e a carrega para uma cadeira de rodas. Empurra a cadeira até uma área deserta do campo e a joga na grama amarelada.





Janie saiu do sonho. Ela sabia que não deveria estar desperdiçando sonhos, mas ela não podia evitar. Ela não conseguia olhar para longe. Quando ela conseguiu enxergar novamente, ela ficou encarando o teto escuro, enquanto Cabel se mexia de um lado para outro. Ela cobriu os olhos com o braço, tentando esquecer, tentando fingir que aquilo não vinha acontecendo por dois meses.

“Por favor, pare com isso.” Ela sussurrou. “Por favor.”

## 04h23min

Ele sonha e Janie luta para acordar novamente.

Ela segurou a cabeça.

Janie e Cabel estavam nos fundos da casa do Cabel, sentados na grama verde. Os braços de Janie terminavam em seus cotovelos, seus olhos estavam fechados, as agulhas ainda estavam penduradas nos cordões caídos contra as bochechas. Ela chorava lágrimas negras.

Cabel estava em pânico. Ele pegou uma espiga de milho de dentro da sacola de uma mercearia, e a prendeu a um dos cotovelos de Janie. Ele tira da sacola duas pedras olho de tigre marrom. Ele as empurra para dentro dos olhos suturados de Janie, empurra com força, mas elas não se prendem. Janie cai para trás como se você uma boneca de pano, incapaz de se segurar sem as mãos. A espiga de milho cai de seu cotovelo e rola para longe. Cabel segura às pedras em suas mãos.

Janie já amortecida não consegue mais observar. E ela não iria tentar mudar o sonho. Não um sonho como aquele. Por que era sobre ela, e como o Cabel estava lidando com as coisas. E parecia completamente errado manipular aquilo. Ela apenas esperava que ele nunca pedisse por ajuda.

Ainda assim ela não queria que ele sonhasse aquilo. Ponto final. Nenhum daqueles sonhos. Ela chutou sua perna. Se conectando a ele. E tudo ficou escuro.

“Sinto muito”, ele resmungou. E voltou a dormir.

Tem sido desse jeito.

É como se tudo o que ele não pudesse expressar aparecesse em seus sonhos.

## 09h20min

Um movimento familiar a faz parar de sonhar. Um alívio bem vindo. Janie estava deitada no sofá meio adormecida, tentando se convencer a acordar. Voltar a normalidade. Ela colocou sua expressão calma, até poder adivinhar o que fazer sobre aquilo.

Com a vida.

Com ele.





## 09h33min

Ela escutou a cadeira reclinável estalar, e então sentiu o Cabel se deitar atrás dela no sofá. Ela se enrijeceu, apenas um pouco. Apenas por um segundo. Então respirou fundo. Ele deslizou os dedos quentes por baixo de sua camisa até tocar o abdômen dela. Ela sorriu e relaxou, com os olhos ainda fechados.

“Você vai nos colocar em problemas.” Ela falou. “Você lembra das regras do teu irmão.”

“Eu estou sobre o cobertor, e você está em baixo dele. Ele vai aceitar isso. Além do mais, não estou fazendo nada.” Ele acaricia a pele dela, beijando seu ombro, deslizando os dedos sob o elástico da bermuda dela.

“Ei amigo.” Janie segurou a mão dele. “Nem pensar.” Ela gritou caso Charlie ou Megan estivessem escutando. “Nada vai acontecer aqui.” Ela murmurou para o Cabel. “Você vai fazer o café da manhã, certo?”

“Certo. Estou acendendo o fogo com a minha mente, fritando o bacon com meus mais obscuros e apavorantes pensamentos. E você achou que era a única com habilidades. Pense novamente querida.”

Janie riu, mas saiu de uma forma contida. “Você dormiu bem?”

“Sim.” O queixo dele arranhou o ombro dela. “Bem, tão bem quanto alguém pode dormir com faixas de plástico e metal enferrujado cutucando o traseiro.” Ele mordeu a orelha dela e adicionou. “Por quê? Eu tive algum pesadelo? Você sempre me deixa nervoso quando me pergunta isso.”

“shh.” Ela falou. “Vá fazer um pouco de bacon para mim.”

Ele ficou quieto por um momento, e então levantou. Colocou os jeans. “Tudo bem então.”

## 09h58min

Eles fizeram coisas de férias. Sentaram para conversar com o Charlie e a Megan, bebendo café, preparando o café da manhã no acampamento. Relaxando. Começando a se conhecerem melhor.

Janie se distraiu.

Ela olhava para tudo, com medo de perder alguma coisa que precisava ser vista, antes que fosse tarde demais.

Ela realmente não sabia o que fazer quando se estava de férias. Além do mais, você não pode fugir de algumas coisas. Mas ela era corajosa e tudo parecia estar normal, mas por dentro ela estava um caco. Havia sido meses difíceis. Encarar o Mestre, o Dunga e o Feliz fora muito mais difícil do que ela pensou que seria. Reviver as mentiras, as armações, o assédio, todas as



coisas que aqueles professores fizeram, foi horrível.

Agora estava acabado. O barulho cessou, embora ainda fosse difícil. Voltar a vida normal novamente, e enfrentar a realidade em que teria um futuro como uma pessoa cega e deformada, era muito difícil. Ter uma mãe alcoólatra era muito difícil também. Pensar na faculdade onde as pessoas dormiam em todos os lugares, e um namorado cujas dúvidas e medos somente se expressavam em seus sonhos. A vida no geral.

Sim.

Tudo aquilo.

Era muito, uma maldição de difícil.

Janie e Cabe lavavam a louça juntos, Cabel lavava e Janie secava. Aquilo parecia tão agradável. Janie segurava os pratos com firmeza enquanto os secava com o pano. Pensando.

Ela se perguntava se deveria interrogar Cabel sobre seus sonhos.

E então ela divagou:

“Você já pensou em como vai ser, se nós ficarmos juntos, e eu ficar cega e eu começar a caminhar pela cozinha, derrubando e quebrando pratos, por que não vou conseguir segurá-los.” Ela colocou o prato no armário.

Cabel mexeu os dedos jogando água nela. Sorrindo.

“Claro. Acho que tenho muita sorte. Aposto que pessoas cegas são ótimas fazendo sexo. Eu até mesmo posso usar vendas para que fiquemos quites.”

Ele bateu o quadril contra o dela. Ela não riu. Ela o estudou, então pegou uma panela pela alça e começou a secá-la. Olhando para seu reflexo distorcido nela.

“Hei.” Cabel falou. Ele secou as mãos no calção e acariciou a bochecha de Janie.

“Eu estava só brincando.”

“Eu sei”. Janie suspirou.

E colocou frigideira para o lado, e jogou o pano de prato sobre o balcão.

“Venha, vamos fazer alguma coisa divertida.”

## 13h12min

Ela se concentrou mentalmente. A água estava fria, mas o sol da tarde estava quente em seu rosto, e cabelos. Janie balançou a cabeça. Com os joelhos dobrados, braços retos tentando manter o equilíbrio. O colete salva vidas batia em suas orelhas. Seus braços fortes pareciam varetas saindo do colete salva vidas.

Os óculos de Janie estavam guardados a salvo dentro do barco, então tudo estava borrado. Era como se ela estivesse olhando através de uma parede de chuva. Ela respirou fundo.

“Vamos”. Ela gritou, e então foi puxada para frente.



Seus joelhos batiam e braços tremiam. Ela agarrou a alça da corda, seus dedos ficando brancos, palmas das mãos e músculos já ficando doloridos pelo esforço dos dias anteriores.

Se recline. Ela lembrou. E o fez. Deixe o barco te puxar. Ela ficou reta. Ou quase. Ela tremia e recuperou o equilíbrio. Ela sabia que seus ossos estavam aparecendo, mas não podia evitar e nem ao menos ligava para isso.

Tudo o que ela conseguia fazer era sorrir cegamente, enquanto a água respigava contra o rosto.

Ela havia ficado de pé. “Hoohoo”. Ela gritou.

Megan era um piloto calmo atrás do leme do pequeno barco verde. Ela observava Janie através do pequeno espelho retrovisor, como uma boa mãe observando seu filho com a testa enrugada de preocupação, mas acenava e sorria.

Cabel olhou para Janie. Ele estava na traseira do barco. Sorrindo o tempo todo. Seus dentes brilhavam em contraste a sua pele bronzeada e seu cabelo castanho estriado com dourado se mexia loucamente ao vento. As cicatrizes brilhavam em sua barriga e peito. Mas eram apenas borões para Janie que estava a cerca de vinte metros de distância.

Cabel gritou alguma coisa entusiasmado, mas o barulho do motor e da água abafaram suas palavras.

Os braços e pernas de Janie tremiam. O vento os secava, mas eram borrifados novamente com a água. Sua pele estava arrepiada.

Megan os manteve próximos da costa pontilhada de salgueiros. Quando eles se aproximaram da área urbana e dos acampamentos, ela fez o barco dar a volta, seguindo na direção oposta. Janie fica tensa durante a curva, mas era apenas um pouco mais difícil do que o restante. Assim que eles ficaram em linha reta novamente, Janie umedeceu os lábios, e determinada ela mostra os polegares para cima.

Mais rápido.

Megan acelerou, seguindo em direção a uma marina localizada ao lado de uma pequena construção marrom, uma das seis que se localizava no centro cultural histórico. Ela continuou passando. Explorando novos territórios.

*Eu sou demais.* Janie pensou. Ela aceitou o desafio de tentar cruzar o lago novamente, enquanto os dois no barco a incentivavam.

Quando Janie sentiu aquilo, já era tarde demais. Uma mulher estava deitada em um trampolim tomando banho de sol, sua pele brilhava com o bronzeador e suor.

Janie não conseguia entender a cena, mas ela era muito familiarizada com os sinais de avisos. Seu estômago se revirou, e Janie passou pela mulher sendo engolida pela escuridão. Ouve um flash de três segundos em um sonho, antes de estar tudo acabado e ela estar fora de alcance novamente. Mas fora o suficiente para tirar o equilíbrio de Janie.

Seus joelhos se bateram, seus esquis se enroscaram, e ela voou para frente. A água



forçou seu caminho através da garganta e narinas e pela maneira como queimava parecia que estava entrando em seu cérebro. Um dos esquis bateu na cabeça dela a forçando para o fundo novamente.

Ela não estava diminuindo a velocidade.

Se você cair largue a corda. Dã.

Janie voltou a superfície tossindo e cuspiendo água. Sua cabeça parecia em chamas.

Ela estava surpresa em ver que o colete salva vidas grande demais para ela, ainda estava no lugar. Ela estava enjoada depois de ter engolido metade do lago. Janie retirou a água de seus olhos ardendo e olhou através do borrão.

Desorientada.

Querendo seus óculos.

Alguma coisa tocou seus pés na água, e ela gritou, quando seu corpo deu um pequeno espasmo de nojo. Ela tentava não pensar em estar cercada por grandes carpas amarelas e laranjas. E seus excrementos. Eca. Não havia nada de engraçado nisso.

Alguns barcos passavam a distancia. Mas nenhum deles parecia estar se aproximando para resgatá-la.

Finalmente ela escutou o som abafado da lancha. Quando o motor foi desligado, Janie gritou. – Cabel! – ainda era o único nome que parecia seguro na língua dela.

## 13h:29min

No barco Cabel enrolou uma toalha nela, a entregou seus óculos. “Você tem certeza de que está bem?” os olhos deles brilhavam e ele estava tentando não sorrir.

“Estou ótima.” Janie resmungou entre seus dentes que batiam.

Megan deu uma olhada no carço na cabeça de Janie. E então puxou a corda de reboque. Cabel tossiu levemente e pressionou seus lábios juntos.

“Aquilo foi. Bem... foi um belo show Hannagah.”

“Você realmente está rindo de mim? Sério?” Janie enrolou a toalha no cabelo. “Eu quase morri naquela hora. E agora o meu cérebro está infectado com plâncton e merda de carpa. É melhor você se cuidar ou posso jogar um pouco disso em você.”

“Eu... eca... Isso é nojento.” Cabe sorriu. “Mas falando sério, você realmente devia ter visto aquilo. Certo Megan, eu queria ter uma câmera de vídeo.”

“Cara, eu sou como a Suíça<sup>1</sup> agora.” Megan falou.

Depois de recolher a corda, ela ligou o motor e virou o barco de volta para a doca.

Pela segunda vez naquele dia, Janie não estava achando nenhuma graça.

---

<sup>1</sup> A Confederação Suíça tem uma longa história de neutralidade, não estando em estado de guerra internacionalmente desde 1815. O país é sede de muitas organizações internacionais como o Fórum Econômico Mundial, e a Cruz Vermelha.



Cabel continuou gritando acima do barulho. “Quero dizer, o giro foi uma coisa, mas você sendo arrastada, foi uma coisa completamente fora de controle. As tuas pernas estavam voando. Você lembra da regra número um quando se está esquiando na água?”

“Eu sei. Nossa! Quando cair, largue a corda. Eu sei. É que, é muita merda para se lembrar naquela hora.”

Cabel bufou. “É claro... muita merda para se lembrar.” Ele riu durante muito tempo, então fechou os olhos e tentou se controlar.

“Largar a corda quando está se afogando não deveria ser uma resposta automática? Algum tipo de tática básica de sobrevivência?”

Ela olhou para ele. E ele parou de rir e a olhou de uma maneira inocente. “Tudo bem, tudo bem, eu sinto muito.” Ele falou.

“Oh cale a boca.” Janie falou.

Ela se virou e tentou se focar através dos óculos, localizando a mulher que dormia sobre o trampolim, agora apenas uma pequena ilha a distância.

*Você ainda não entendeu não é Cabe?* Ele provavelmente nunca iria. Supere isso Hannagah ela resmungou. Você está de férias. Você deve relaxar e se divertir. Aquilo soava como algo vazio.

“O que é isso querida.” Ele deslizou no banco de trás. “Eu falei que foi um pouco engraçado.”

Janie olhou nos olhos do Cabel. Sorriu tristemente. Com seus dedos ele pegou uma gota de água do queixo dela. Sorri e levou os dedos até os lábios, e lambeu a água.

“Hum.” Ele falou contra o pescoço dela. “Merda de carpa.”

## 13h53min

Cabe cochilava sobre um cobertor em baixo de um velho carvalho. Janie sentou com o queixo sobre os joelhos, enquanto olhava para os dedos. Escutando o ritmo das ondas calmas que chegavam até praia. Depois de algum tempo ela se levantou.

“Vou dar uma caminhada.” Ela sussurrou.

Cabel não se moveu.

Ela colocou uma camiseta comprida sobre seu maio. Colocou suas sandálias, pegou o celular, e caminhou até os fundos da cabana, e através do minúsculo estacionamento até a rua que levava para a estrada principal.

Do outro lado da estrada, havia um campo, e trilhos de trem. Os trilhos brilhavam sob o sol da tarde.

Janie caminhou pelos trilhos pensando. Feliz por ter um lugar tranquilo onde podia baixar a guarda contra os sonhos. Depois de algum tempo ela parou de caminhar, sentou nos trilhos,



sentindo o metal quente contra a parte de trás das pernas. Abriu seu telefone e digitou o número dois da memória do telefone.

“Janie? O que está acontecendo? Está tudo bem?”

Janie gentilmente espantou um inseto para longe.

“Oi. Sim. eu só estava pensando... Sobre o que conversamos. Você sabe que temos tempo de sobra para pensar durante as férias.” Ela falou. E riu nervosamente.

“E?”

“E... Você tem certeza que está de acordo com qualquer que seja a minha decisão?”

“É claro. Você sabe disso. Então você já se decidiu?”

“Na verdade não. Eu... eu ainda estou decidindo.”

“Você falou com o Cabe sobre isso?”

Janie se encolheu.

“Não. Ainda não.”

“Bem eu não culpo você por querer e precisar considerar todas as suas possibilidades.”

O peito de Janie se apertou.

“Obrigado senhor.”

“Você sabe como funciona. Me chame a qualquer momento. Me avise quando tomar a sua decisão.”

“Eu vou.”

Janie fechou o telefone e ficou olhando para ele. Não havia mais nada a se dizer.

No caminho de volta ela juntou uma moeda esmagada junto aos trilhos, e se perguntou se alguns dos veranistas a havia colocado lá, se alguma criança voltaria para saber o que havia acontecido com a moeda. Ela a colocou sobre os trilhos, se certificando de que seja quem for que a colocou ali, possa ver.

Janie caminhou lentamente de volta para a cabana para largar suas coisas, e voltou para perto da árvore.

Ela observou Cabel dormir. E mais tarde ela também começou a cochilar. Mas ela não teve a chance de dormir, tendo que escapar dos sonhos do Cabel e os de uma criança que dormia em algum lugar, provavelmente na casa ao lado.

Não havia como escapar de tudo aquilo ali. Ou em qualquer outro lugar. Não havia escapatória para ela.

## 17h49min

Um apito soou e o trem passou pela colina. Acordando todos que dormiam.

“Outro dia cheio no lago.” Cabel murmurou. “Meu estômago está roncando.” Ele rolou no



cobertor, Janie não pode resistir, ela se abraçou em seu corpo quente.

“Eu posso escutar.” Ela falou. “E já estou sentindo o cheiro da carne na grelha.”

“Nós realmente deveríamos levantar agora.”

“Eu sei.”

Eles ficaram parados. A cabeça de Janie contra o peito de Cabel. Uma brisa agradável vinha do lago. Ela apertou seus olhos fechados, e o abraçou, sentindo seu cheiro, sentido o calor de seu peito contra o rosto dela. O amando. Se quebrando um pouquinho mais por dentro.

## 18h: 25min

Janie escutou o clique da porta de tela da cabana e sentou se sentindo culpada, enquanto Megan caminhava em direção à eles.

“Sinto muito Megan, nós deveríamos te ajudar com o jantar.”

“Naaa.” Megan falou. “Você precisava de um cochilo depois de esquiar e se afogar, mas o teu telefone está tocando lá na cabana e eu não sei o que fazer com ele.”

“Obrigado, vou ver.”

Cabel também se sentou.

“Está tudo bem? Afinal de contas onde está o Charlie?”

“Na cidade fazendo algumas compras. Está tudo bem. Relaxe.” Megan falou. “Sério, vocês passaram por tempos difíceis, precisam descansar.”

Obediente Cabel voltou a se deitar no cobertor. Enquanto Janie se levantava.

“Volto logo.” Ela falou. “É melhor não ser a Capitã com algum trabalho, ou eu peço demissão.”

Cabel riu. “Você não faria isso.”

## 18h29min

Recados de voz.

De Carrie.

Cinco delas.

E eram notícias ruins.

Janie escutou incrédula. Voltou a escutar ainda estupefada.

“Hei Janie, que droga onde que você está. Ligue-me.” Clique.

“Janie isso é sério, tem alguma coisa errada com a tua mãe. Ligue.” Clique.

“Janie sério a tua mãe tá tropeçando pelo quintal da frente, gritando chamando por você. Você não falou que iria viajar. Ela está completamente drogada Janie. Merda ela caiu.” Clique.

“Hei estou levando a tua mãe para o hospital, se ela vomitar na Ethel você está morta.





Ligue. Jesus. Merda a bateria do telefone está acabando, então é melhor você ir direto para o hospital, eu não sei o que te falar. Vou tentar ligar de novo assim que puder.” Clique.

*Oh meu Deus.* Janie ficou olhando para seu telefone, sem realmente o ver. Então ela ligou para a Carrie, mas o telefone caiu na caixa de mensagens.

“Carrie o que aconteceu. Ligue. Estou com meu telefone agora, eu sinto muito, eu estava cochilando.”

Aquilo soava vazio, descuidado. Até mesmo frívolo quando Janie falou em voz alta.

*O que eu estava pensando em deixar minha mãe sozinha por uma semana?*

“Apenas ligue.”

Janie ficou parada lá. Todo o ar parecia ter sido sugado de dentro dela, e substituído por medo.

E se alguma coisa estiver realmente errada?

E então ela sentiu raiva.

*Eu nunca vou ter uma vida, enquanto aquela mulher viver.* Ela pensou.

Fechando os olhos, retirando aquele pensamento. Ela não podia acreditar que era uma pessoa tão terrível, por pensar uma coisa tão horrível.

Charlie entrou na pequena cozinha da cabana segurando os sacos marrons com as compras, e parou imediatamente quando viu o rosto da Janie.

“Você está bem?” Ele perguntou.

Janie piscou sem ter certeza.

“Não, acho que não.” Ela falou baixinho. “Eu acho... Eu acho que tenho que ir.”

Charlie largou as compras com força sobre o balcão. “Cabe!” Ele gritou através da porta de tela. “Venha aqui!”

Janie largou o telefone e pegou sua mala no guarda roupas. Ela começou a jogar as roupas dentro da mala. Ela se olhou no espelho, e passou os dedos por seu cabelo embaraçado.

“Oh meu Deus.” Ela falou para si. “O que diabos há de errado com a minha mãe?”

Então ela entendeu. E se a mãe realmente estivesse morrendo, ou morta? Era tanto fascinante quanto aterrorizador. Janie imaginou a cena.

“O que foi?” Cabel falou entrando na cabana. “O que está acontecendo?”

“Aqui.” Ela falou.

Ela discou para os recados de voz, e entregou o telefone para o Cabel.

Enquanto Cabel escutava as mensagens, Janie continuava a empacotar suas coisas. Depois que tudo estava dentro da mala, ela percebeu que iria precisar uma roupa para usar, ela não poderia dirigir até Fieldridg usando um maiô. E ela não podia nem dirigir. Um grande detalhe.

“Merda.” Janie resmungou.



Ela observou enquanto Cabel escutava as mensagens. Observando sua expressão se intensificar.

“Que merda!” Ele falou.

Ele olhou para a Janie. Pegou a mão dela. “Que merda Janie, o que eu posso fazer?”

Janie apenas enterrou o rosto contra o pescoço dele, tentando não pensar.

## 19h03min

Era uma viagem de três horas, de volta para casa. Cabel estava dirigindo a BMW que a Capitã havia emprestado. O DJ de uma rádio fazia piadas e então passou a tocar músicas no horário das mais pedidas. E Janie apenas olhava para seu telefone, desejando que Carrie ligasse, mas em silêncio.

Janie ligou para o hospital. Eles não tinham nenhum registro de atendimento com o nome de Dorothea Hannagah.

“Talvez ela esteja bem, e eles não precisaram ficar com ela no hospital.” Cabel falou.

“Ou talvez ela esteja no necrotério.”

“Eles já teriam ligado para você à uma hora dessas.”

Janie ficou em silêncio. Tentando encontrar razões para o hospital não ter ligado. E também sobre a Carrie não ter voltado a ligar.

“Nós podemos ligar para a capitã.” Cabel falou.

“Que bem isso faria?”

“Ela é a chefe de polícia, pode entrar em contato com quem quiser.”

“Verdade. Mas...” Janie suspirou. “Eu não... Minha mãe... Esqueça. Não eu não quero ligar para a Capitã.”

“Por quê? Ela pode te ajudar com isso.”

“Cabe”

“Janie estou falando sério, você deveria ligar para ela. Não se preocupe, ela adora você, se está com medo de se impor.”

“Não obrigada.”

“Você quer que eu ligue para ela?”

“Não, tudo bem, eu não quero que ela saiba!”

Cabel suspirou irritado.

“Eu não entendo.”

Janie cerrou a mandíbula. Olhando pela janela, e sentindo o calor se espalhar em suas bochechas, as lágrimas queimando. A vergonha. Então falou baixinho.

“É vergonhoso, tudo bem.”



“Minha mãe é uma droga de uma bêbeda. Tropeçando pelo jardim da casa, gritando. Meu Deus, eu não quero que a Capitã veja isso. Ou que saiba dessa... Dessa parte da minha vida. Isso é pessoal, há coisas que eu converso com a capitã, e há coisas que são particulares. Apenas esqueça.”

Cabel ficou em silêncio.

Depois de alguns minutos escutando o DJ da rádio tagarelar, ele ligou seu Ipod no radio do carro. Feels like rain do Josh Schicker encheu o carro.

Quando a música acabou e as primeiras notas da canção seguinte começou, ele ficou tenso e rapidamente desligou o rádio sabendo qual seria a próxima música. Sabendo que boas mães não vão embora.

Uma hora passou enquanto eles viajavam para o leste atravessando Michigan. Deixando o por do sol alaranjado em seu caminho.

O trânsito estava leve.

Janie recostou a cabeça contra a janela. Observando o borão verde das árvores, e os campos amarelos passarem.

Havia um veado pastando na grama, enquanto a escuridão se aproximava. Ou talvez fosse somente um galho de árvore queimado, que chamava a atenção dela todas às vezes.

Ela se perguntou quantas vezes mais ela poderia ver cenas como aquelas. Ela tentava lembrar tudo o que via agora, para mais tarde. Quando tudo o que ela terá será a escuridão e os sonhos.

Ela tentou ligar para o hospital novamente. Ainda não havia nenhum registro de uma Dorothea Hannagah. Era um bom sinal, Janie pensou. Exceto que Carrie ainda não havia ligado.

*Onde ela estava?* Janie bateu a cabeça contra o encosto do banco.

Cabel espiava Janie. “A Carrie não falou que o telefone dela estava ficando sem bateria?”

“Ela falou que a bateria estava fraca. Mas há outros telefones.”

Cabel bateu no queixo pensativamente.

“Ela realmente sabe o teu número, ou ele está na discagem rápida do telefone dela?”

“Ahhh. Bem pensado. Discagem rápida.”

“Então é por isso que ela não ligou. Ela não sabe o teu número, o telefone dela está sem bateria e ela não consegue te ligar.”

Janie sorriu. Deixando escapar um suspiro de preocupação.

“É, provavelmente você está certo.”

“Você tentou ligar para casa, para saber se a tua mãe está lá?”

“É eu fiz isso também. Ninguém atendeu.”]

“Você tem o número do Stu? Ou o da casa da Carrie?”

“Tentei a casa dela, mas ninguém atendeu. E eu não tenho o número do Stu. Eu deveria ter, eu sempre quero perguntar.”



“E quanto a Melinda?”

“Ah claro,” Janie bufou. “Tudo o que eu precisava, os esnobes do Hills espalhando essa história por aí.”

Ela voltou a olhar pela janela.

“Sinto muito ter me descontrolado, você sabe, mais tarde.”

Cabel sorriu na escuridão.

“Está tudo bem.”

Ele procurou pela mão da Janie, entrelaçando os dedos nos dela.

“Eu não estava pensando. O erro foi meu.”

Ele fez uma pausa.

“Você sabe, ninguém pensa mal de você, por causa de coisas que você não pode controlar. Como as coisas que a tua mãe faz. Ninguém.”

Janie falou.

“Certo. Todos tiveram uma opinião sobre a bagunça da história do Durbin.”

“Ninguém que importa.”

Janie inclinou a cabeça.

“Você sabe Cabe, talvez os vizinhos, toda a cidade Fieldrigd, talvez eu me importe com o que eles pensam. Quero dizer... Deus. Esqueça. Só estou cansada de tudo isso. Nossa o que mais vai acontecer.”

Depois de uma pausa Cabel falou.

“Então vamos direto para o hospital. Certo?”

“É. Acho que é o melhor a se fazer. Ela pode estar somente sentada, esperando na emergência. Vamos tentar lá primeiro. O que você acha?”

“Sim.”

## 19h57min

Janie e Cabel esperam na emergência sem saber ao certo o que fazer. Não havia sinal da Carrie ou da mãe da Janie entre as pessoas doentes ou feridas. Ninguém na recepção havia encontrado nenhum registro sobre ela também.

Cabel bateu os dedos contra os lábios pensando.

“Hannagah é o nome de casada da tua mãe?”

Janie apertou os olhos fechados e suspirou.

“Não.”

Ela nunca havia contado muita coisa sobre a mãe para o Cabel. E ele nunca havia perguntado. E era assim que Janie gostava das coisas. Até agora.

“Ãhh”. Cabel resmungou.

“Como posso colocar isso? Vamos ver. Tudo bem... A tua mãe já usou algum outro nome



além do Hannagah?”

“Não. O nome dela é Dorothea Hannagah, e esse é o único nome que ela já teve. Eu sou uma bastarda, tudo bem.”

“Janie, sério, ninguém liga para esse tipo de coisa.”

“É bem, eu me importo. Pelo menos você sabe quem são os teus pais.”

Cabel olhou para a Janie.

“E veja o bem que isso fez para mim.”

“Oh, nossa Cabe.” Janie resmungou.

“Eu sinto muito. Eu não pensei antes de falar. Estou estressada, não sei do que estou falando.”

Parecia que Cabe estava prestes a falar alguma coisa, mas ele mudou de idéia. Olhou ao redor novamente.

“Vamos.” Ele falou agarrando a mão da Janie.

“Vamos entrar no elevador, dar uma olhada nos quartos, dez minutos no máximo, se não encontrarmos a Carrie, voltamos para a tua casa e esperamos. Eu não sei o que mais fazer.”

Um estremecimento atravessou a pele de Janie. Sua mãe alcoólatra estava desaparecida.

## 22h02min

Na sala de espera do terceiro andar, com os cotovelos sobre os joelhos e o rosto enterrado nas mãos, os dedos enrolados no cabelo escuro e inclinada para frente, como se estivesse pronta para pular de pé a qualquer segundo e correr como se fugindo do inferno.

“Carrie!” Janie falou.

Carrie levantou.

“OH Deus, você pegou o meu recado.”

“Onde está a minha mãe?”

“Ela está no quarto com ele.”

“O que?”

“Oh você não pegou o meu recado?”

“Que recado? Tudo o que sei é o que você deixou na minha caixa de mensagens.”

“Deixei um recado na Ethel no estacionamento. Achei que você sendo uma detetive ou qualquer coisa dessas agora, você ia pensar em procurar pelo meu carro. Mas que diabos, como você me encontrou então? Esqueça. A tua mãe, ela está bem. Quero dizer, ela ainda está bêbeda, mas acho que ela está ficando sóbria agora. Ela estava chorando e tremendo, mas...”

“Carrie!” Janie falou. “Calma. Me diga o que há de errado com a minha mãe e onde posso encontrá-la.”



Carrie suspirou. Ela parecia cansada.

“A tua mãe está bem. Só ta bêbada.”

Janie olhou nervosa para a porta aberta no corredor enquanto uma enfermeira passava. Sua voz ficou mais baixa e urgente.

“Tudo bem, tudo bem. Eu entendi que ela está bêbada. Ela sempre está bêbada. Você pode, por favor, parar de gritar isso. E se ela está bem por que diabos ela está na UTI?”

“Oh Deus.” Carrie falou. Ela balançou a cabeça. “Por onde começar?”

Cabel levou Janie e Carrie em direção às cadeiras. E sentou junto dela.

“Quem é ‘ele’ Carrie? Com quem ela está?” Ele falou gentilmente.

Janie assentiu ecoando a pergunta. Mas ela já sabia a resposta. Havia somente um ‘ele’ que poderia ser, não havia mais ninguém no mundo, ninguém mais que faria a mãe de Janie reagir daquela maneira. Ninguém mais com quem a mãe de Janie sonhava.

Carrie cuja os olhos normalmente intensos estavam inquietos pela estranheza do dia olhou para Janie.

“Aparentemente é o teu pai, Janie. Ele parece estar realmente muito doente.”

Janie apenas olhou para a Carrie.

“Meu pai.”

“Eu não acho que ele vá conseguir.”

## 22h06min

Janie caiu para trás na cadeira. Sem ter idéia de como deveria se sentir sobre aquela notícia. Ela não tinha nenhuma maldita pista.

Cabel levantou a mão para pausar a conversa. Os três ficaram sentados na sala de espera em silêncio por um momento. Janie parecendo sem reação. Carrie mastigando um chiclete.

Cabel fechou os olhos e balançou a cabeça lentamente. “Comece do início.” Ele falou.

Carrie assentiu. Pensou.

“Sim. então... Nessa tarde, provavelmente perto das três da tarde, eu escutei alguém gritar do lado de fora, eu ignorei, por que sempre tem alguém gritando na nossa vizinhança. Certo? Eu estava dobrando a roupa sobre a cama quando vi a mãe da Janie através da minha janela, e achei estranho, por que ela nunca sai de casa, a menos que ela saia para ir até o posto de gasolina ou a parada de ônibus para conseguir mais bebida, certo? Mas hoje ela estava usando uma camisola enquanto caminhava pelo quintal.”

Janie ficou vermelha e colocou as mãos sobre o rosto. “Oh Deus!” Ela falou.

“E ela estava gritando. Janie! Janie! E ela meio que tropeçou e eu corri para rua para saber o que havia de errado com ela. E a Dorothea estava chorando e ela falava que tinha recebido uma ligação e precisava ir para o hospital, e ficou repetindo isso sem parar. Então eu liguei para você, e deixei recados, então finalmente a trouxe para cá, por que não sabia mais o que fazer. E



ficamos quase uma hora sentadas na recepção esperando para falar com a recepcionista antes dela... Ah para que ela se acalmasse e fosse capaz de explicar que ela havia recebido uma ligação e precisa ver o Henry.”

Janie olhou para cima. “Henry?”

“Sim Henry Feingold, é esse o nome do cara.”

“Henry Feingold.” Janie falou.

O nome soava vazio. Não tinha nenhum significado para ela. Não soava como o nome que ela imagina para o pai.

“Como vou saber se é ele? Dorothea,” ela falou dando ênfase as sílabas. “Nunca se incomodou em dividir nenhuma informação comigo sobre ele.”

Carrie assentiu solenemente. Ela sabia. E então. Janie conteve as lágrimas quando percebeu a verdade.

“Ele deve morar por perto para terem trazido ele para cá. Acho que ele nunca se incomodou em me conhecer também.”

“Eu sinto muito querida.” Carrie olhou para o chão.

Janie se levantou abruptamente e olhou para o Cabel e para a Carrie.

“Não posso acreditar que ela estragou as nossas férias! Eu realmente sinto muito Carrie por você ter desperdiçado todo o seu dia aqui. Você é uma boa amiga. Por favor, vá para casa, ou pro apartamento do Stu, tanto faz.” Ela se virou para o Cabel. “Cabe eu cuido de tudo por aqui. Vou pegar um ônibus para casa assim que achar minha mãe. Por favor pessoal, vão descansar um pouco.”

Ela caminhou pela porta, torcendo para que a Carrie e o Cabel a seguissem, para que ela pudesse mandá-los embora, para poder sofrer a vergonha de tudo aquilo em privacidade.

Seus lábios tremeram. “Deus isso é tão errado.”

Cabel se levantou, e então Carrie se levantou também.

“Então...” Cabel falou para a Carrie enquanto eles seguiam Janie até a porta. “O que há de errado com ele? Você sabe?”

“Algum problema no cérebro ou algo parecido. Eu não sei muito, mas escutei o médico falar para a Dorothea que ele ligou para a emergência e ainda estava consciente quando chegou aqui, mas não acordou mais. Então finalmente eles deixaram a Dorothea entrar para vê-lo a uns trinta minutos atrás. E Janie.” Carrie falou. “Não tem problema nenhum, tudo bem. Você faria o mesmo, se minha mãe precisasse de ajuda. Certo.”

A garganta de Janie se apertou. Ela piscou para espantar as lágrimas. Tudo o que ela conseguiu fazer foi assentir. Quando a Carrie a abraçou Janie engoliu um soluço.

“Obrigado.” Janie sussurrou contra o cabelo da Carrie.

Carrie se virou para ir embora.

“Me ligue.” Janie assentiu novamente, e observou Carrie caminhar em direção dos



elevadores. E então ela olhou para o Cabel.

“Vá.” Ela falou.

“Não.” Ele não iria a lugar algum.

Janie suspirou inquieta. Por que era ótimo ele ser tão cuidadoso, mas aquela situação era muito estranha. E Janie não sabia ao certo o que esperar. Algumas coisas eram mais fáceis de serem feitas sozinha.

Estava quieto e as luzes estavam fracas quando Janie e Cabel passaram pelas portas em direção ao corredor da UTI.

Janie sentiu um sonho a puxando fracamente a distancia. E ela o combateu imediatamente sem paciência. Espiou para dentro de um quarto, e silenciosamente amaldiçoou. Frustrada por não conseguir fugir dos sonhos das pessoas, até mesmo quando sua mente estava extremamente ocupada com outras coisas. Eles olharam na sala das enfermeiras, Janie limpou a garganta.

“Henry, ah... Fiendstai.”

“Fiengold.” Cabel falou calmamente.

“Vocês são da família?” A enfermeira perguntou. Ela olhou para eles duvidosa.

“Eu... Ah...” Janie falou. “Sim. ele é o meu pai. Eu acho.”

A enfermeira inclinou a cabeça. “O segredo para se entrar no quarto de um paciente é mentir de uma maneira mais convincente.” Ela falou. “Boa tentativa.”

“Eu... eu não quero entrar no quarto dele. Você poderia apenas dizer para minha mãe que estou aqui, sim? ela está lá com ele. Vou estar na sala de espera.”

Janie se virou rapidamente e Cabel deu de ombros para a enfermeira e seguiu Janie. Eles marcharam de volta para as portas duplas e a sala de espera. Deixando uma enfermeira confusa os observando sair.

Janie resmungou baixinho enquanto se lançou contra uma cadeira.

“Fiengold. Henry Fiengold.”

Cabe olhou para ela. “Henry.”

“Certo nossa. Eu nunca iria adivinhar que você trabalha para a polícia. O que provavelmente você é tão convincente trabalhando disfarçada.” Cabel falou sorrindo.

Janie bateu com o cotovelo nele automaticamente.

“Bem eu não trabalho mais. Não esqueça que você está falando com a garota da narcóticos.” Ela se virou para ele. Agarrando a mão dele implorando. “Cabe de verdade, você deveria ir embora. Durma um pouco. Volte para o lago e aproveite o restante da semana. Estou bem aqui, posso tomar conta disso.”

Cabel olhou para Janie. “Eu sei que você pode lidar com isso Janie. Você é uma maldita mártir. Na verdade está ficando cansativo ter a mesma discussão com você toda vez que acontece alguma coisa. Apenas esqueça. Eu não vou embora.” Ele sorriu diplomaticamente.





A mandíbula de Janie se abriu. “Um mártir!”

“É um pouco.”

“Oh, por favor, você não pode ser um mártir pela metade, ou você é ou não é. É como uma coisa única.”

Cabel riu baixinho. Os cantos de seus olhos se enrugaram. E então ele apenas olhou para ela. Sorrindo daquela maneira torta que fazia Janie lembrar da época em que ele andava de skate. Mas agora Janie não conseguiu retribuir o sorriso.

“Sobre essa pequena aventura.” Ela começou. “Isso é muito vergonhoso. Cabe, eu estou tão envergonhada sobre isso. Eu mal consigo suportar o quão bom você está sendo para mim. Odeio estar arruinando as suas férias também. Então de verdade, por favor, você vai me fazer sentir melhor se você apenas... sabe...” Janie olhou para ele tristemente.

Cabel piscou. Sua testa se enrugou, e ele olhou preocupado para ela. “Ah...” ele falou. “Você realmente quer que eu vá para casa. Quando você diz que isso é vergonhoso, você quer dizer que sente vergonha que eu saiba sobre essas coisas também.”

Janie olhou para o chão. Dando a resposta.

“OH.” Cabel mediu suas palavras. Em choque.

“Eu sinto muito Janers. Eu não havia percebido isso.” Ele se levantou rapidamente. Caminhou para a porta. Janie o seguiu pelo corredor até os elevadores.

“Bem... vejo você por aí. Eu acho.” Ela falou

“Ligue-me.”

“Eu vou.” Janie falou. Olhando para o grande sinal que dizia para desligarem os telefones preso na parede. “Mando uma mensagem para você mais tarde. É que isso é uma coisa que eu realmente prefiro cuidar sozinha. Tudo bem? Eu amo você.”

“É tudo bem. Amo você também.”

Cabel se virou e abanou incerto para ela. Ele olhou por sobre o ombro.

“Hei, os ônibus não funcionam entre as duas e cinco da manhã. Você sabe disso, certo?”

Janie sorriu. “Eu sei.”

“Não seja sugada em nenhum sonho. Tudo bem?”

“Tudo bem.” Janie falou.

Esperando que ninguém mais tenha escutado aquilo. Antes que ele pudesse pensar em mais alguma coisa Janie voltou para a sala de espera para sentar e pensar.

Sozinha.

1h: 20min

Ela cochilava na cadeira da sala de espera. De repente ela sentiu alguém a observando. Ela se assustou e sentou acordada. Pelo menos a mãe estava usando roupas, e não a camisola



que Carrie havia mencionado.

“Hei.” Janie falou. Ela se levantou. Caminhando até onde a mãe estava parada. Se sentindo estranha.

Incerta do que fazer.

Abraçar? Era isso o que eles faziam na TV. Era estranho.

Dorothea Hannagah estava suando profundamente. Tremendo. Janie não queria tocá-la. Aquela cena toda era tão estranha que quase parecia de outro mundo. E então. Loucura.

“Onde você estava?” A mãe de Janie tremia enquanto começava a chorar. Gritando alto demais. “Você não falou nada para onde você ia. Você apenas desapareceu. Aquela garota estranha da casa ao lado me trouxe para cá.” As mãos dela estavam tremendo. E seus olhos que encaravam o chão se voltaram para Janie, acusadores e raivosos. “Você não liga mais para a sua mãe. Você só fica por aí com aquele garoto.”

Janie deu um passo para trás. Assustada. Não só pela torrente de palavras, mais do que ela jamais escutou a mãe falar em um dia, mas ainda mais pelo tom da sua voz.

“Oh meu Deus.”

“Não fale desse jeito comigo.” As mãos tremendo de Dorothea vasculhavam a velha bolsa de vinil, derrubando papéis sobre as cadeiras da sala de espera. Estava se tornando dolorosamente óbvio que o que ela estava procurando não estava lá. Dorothea desistiu e caiu em uma das cadeiras.

Janie levantou, ela também estava tremendo um pouco. Se perguntando como deveria lidar com aquilo. E por que ela tinha que lidar com aquilo.

“Você não acha que já tenho muito com o que lidar?” Ela falou para ninguém em especial. Ou talvez para Deus. Ela não sabia. Ela só sabia de uma coisa. Que ficaria feliz em se afastar de toda aquela confusão.

Janie juntou os objetos espalhados pela sala de espera, os jogando dentro da bolsa, e pegou o braço da mãe.

“Vamos. Nós temos alguma coisa em casa, certo?”

Janie arrastou Dorothea até ficar de pé.

“Eu falei, Vamos! Temos que pegar o ônibus.”

“E quanto ao teu carro?” Dorothea perguntou. “Aquela garota estava com ele.”

Janie piscou e olhou para a mãe, a arrastando até o elevador.

“É mãe eu o vendi para ela a alguns meses atrás, lembra?”

“Você nunca me conta nada.”

“Apenas...” Janie sentiu como se fosse explodir. “Eu não te conto nada? Ou você estava bêbada demais para lembrar?” Ela respirou fundo e deixou o ar sair devagar. “Apenas... vamos, e não me envergonhe.”

“É, e você também não me envergonhe.”



“Tanto faz.”

Janie olhou por sobre o ombro para o corredor, onde presumivelmente seu pai estava, morto ou vivo. Janie não sabia. E realmente não se importava. Torcendo para que ele morresse de uma vez, para não ter que lidar com ele. Por que pela experiência de Janie pais não passavam de problemas.

## 02h10min

Dorothea tremeu como uma viciada o tempo todo no ônibus. Janie frustrada lutava ferozmente contra o sonho de um mendigo que dormia no ônibus. E estava feliz por ser uma viagem curta.

Quando elas chegaram em casa, Jane encontrou sua mala nos degraus da frente.

“Porra Cabe.” Ela resmungou. “Por que você tem que ser sempre tão cuidadoso.”

A mãe de Janie perambulou pela cozinha, pegando uma garrafa de vodka sob a pia e foi para o quarto sem falar uma palavra.

Janie a deixou ir. Ela teria tempo para descobrir o que estava acontecendo com aquele tal de Henry. Assim que a Dorothea estiver bêbeda, e um pouco mais racional novamente.

Janie mandou uma mensagem para o Cabel.

*Estou em casa.*

Cabel respondeu imediatamente apesar da hora.

*Obrigado querida. te amo. Vejo você amanhã?*

Ela desligou o telefone.

“É provavelmente.” Janie sussurrou.

Ela suspirou e colocou o telefone na mesinha de cabeceira, e a mala ao lado. E caiu na cama.

## 4h24min

Janie estava sonhando. Havia pedras cobrindo o chão do quarto, a mala estava sobre a cama. Cada pedra tinha alguma coisa escrita. Mas Janie só conseguia ler as pedras se as pegasse.

Ela pegou uma.

Me ajude. Estava escrito.

Cabe. Dizia a outra.

Dorothea. Aleijada. Segredo. Cega.

Quando ela as colocou de volta no chão, elas ficaram maiores, mais pesadas.

Logo ela percebeu que estava ficando sem espaço no quarto para colocar as pedras, mas ela não podia parar de pegá-las. Ler. O chão estava cheio, e Janie estava com dificuldade de



respirar. As pedras estavam sugando o ar do quarto.

Finalmente Janie colocou as pedras na mala. Elas encolheram e Janie metodicamente e lentamente pegou todas as pedras e as colocou na mala. A tarefa parecia interminável.

Finalmente ela pega a última pedra. Isolamento.

Ela a colocou junto das outras. E todas elas desaparecem.

Janie olhou para a mala.

Sabendo o que teria que fazer.

Ela fechou a mala.

A pegou.

E saiu.

## Sexta feira

4 de Agosto de 2006

09h25min

Janie continuava deitada, acordada, olhando para o teto. Pensando sobre tudo.

Sobre mais esse problema.

O caderno verde. A audiência. As fofocas. A faculdade. Sua mãe. E agora esse tal de Henry. O que viria a seguir? Já havia coisas demais!

Uma onda de pânico familiar passou por ela, capturando seu peito e o comprimindo. Com força. Cada vez mais forte. Janie lutou a procura de ar, e era como se ela não conseguisse o suficiente. Ela rolou até ficar de lado como uma bola.

“Calma.” Ela falou arfando. “Apenas se acalme.”

Eram coisas demais. Ela cobriu a boca e nariz com as mãos, respirando contra elas. Para dentro e para fora. Até poder respirar fundo. Ela fez sua mente ficar em branco, se focando.

Respire. Apenas respire.

09h29min



A porta do quarto da mãe de Janie continuava fechada. Janie caminhava sem parar ao redor da pequena casa. Se perguntando que diabos ela deveria fazer com o Henry. Ela mordida uma barra de granola, suando. Já estava uma fornalha.

Ela ligou o velho ventilador na sala, e abriu a porta da frente, implorando por uma brisa. Então ela se jogou no sofá. Através da porta de tela, Janie vê Cabel parando na entrada de carros, e seu coração afundou.

Ele saiu do carro, e deu longos e lentos passos até a porta da frente. Entrou direto como o normal. Ele parou deixando seus olhos se ajustarem. Sorrindo seu sorriso torto.

“Hei.” Ele falou.

Ela bateu na almofada do sofá ao lado dela.

“Eu ainda não escovei meus dentes.” Ela falou quando Cabel se inclinou na direção dela. “O teu nariz está descascando.”

“Eu não ligo, e eu não ligo.” Cabel se inclinou e beijou Janie. E então se sentou no sofá.

“Você está bem sobre eu estar... Aqui?” Ele perguntou.

“Sim.” Janie deslizou a mão na coxa dele e a apertou.

“Na noite passada eu não sabia o que esperar. Eu não estava muito segura quanto a minha mãe. Sabe, eu não estava certa do que ela faria.”

“O que ela fez?”

Ela olhou ao redor nervosa.

“Não muito, ela estava um pouco ansiosa, nada impossível. Mas ela não falou nada sobre o Henry e não me atrevi a perguntar. Deus ela não consegue ficar doze horas sem beber. E quando não consegue beber ela fica má.” Janie deixou seu queixo cair. “É vergonhoso sabe.”

“Meu pai era assim também. Só que ele era mau com ou sem a bebida. Pelo menos ele era consistente” Cabel sorriu.

Janie bufou. “Huh, acho que sou sortuda.”

Ela olha de lado para o Cabel, considerando e finalmente falou.

“Você chegou a desejar que o teu pai estivesse morto? Quero dizer, antes dele ter machucado você? Só para você não ter mais que lidar com ele.”

Cabel semicerrou os olhos. “Todo o maldito dia.”

Janie mordeu os lábios.

“Então você ficou feliz por ele ter morrido na prisão?”

Cabel ficou calado por um longo tempo, então deu de ombros. Quando ele falou sua voz estava comedida, quase clínica, como se estivesse falando com um psiquiatra.

“Foi o melhor final, diante das circunstâncias.”

O ventilador assoprava um vento que ia da tv até a mesa do café, pegando os dois pares de pernas no sofá no meio de sua corrida. Janie tremeu ligeiramente, quando o ar atingiu sua



pele suada. Ela pensou sobre o Henry Feingold, o estranho que presumivelmente era seu pai, morrendo. E pela terceira vez em vinte e quatro horas Janie desejou ser outra pessoa.

Ela encostou a cabeça contra o ombro do Cabel e passou o braço por trás do pescoço dele. Ele se virou a puxando para o colo, e eles se abraçaram fortemente.

Por que não havia mais ninguém.

Ela estava tão confusa.

Janie imaginou como seria a vida sem pessoas. Sem ele.

Coração partido, solidão, mas capaz de ver, de sentir, de viver. De existir em paz.

Sem precisar estar sempre olhando por sobre o ombro esperando o próximo sonho atacar.

E ela imaginou a vida com ele. Cega, aleijada, mas amada. Pelo menos enquanto as coisas forem bem. E sempre sabendo quais seriam as coisas com as quais ela teria que lutar nos sonhos dele.

Mas ela realmente queria ver aquilo enquanto os anos passavam?

Ela realmente queria ser esse fardo para um cara tão legal?

Ela ainda não sabia qual cenário ganharia.

Mas ela estava pensando. Talvez corações partidos se curem mais facilmente, do que mãos e olhos quebrados.

## 09h41min

Estava muito quente para ficarem sentados daquela maneira por muito tempo.

Cabe se espreguiçou. “Você vai acordá-la e voltar para o hospital novamente?”

“Deus eu espero que não.”

“Janie.”

“É eu sei.”

“Pelo menos eles tem ar condicionado lá.”

“O teu carro também, quer ir namorar na entrada de carros ao invés disso?”

Cabel riu.

“Talvez depois que escurecer. Na verdade, é claro que sim, depois que escurecer, mas sério Janie, acho que você precisa conversar com a tua mãe.”

Janie suspirou e revirou os olhos.

“Eu acho que devo.”

## 09h49min

Ela bateu gentilmente na porta do quarto da mãe. Olhando para o Cabel.

Para Janie aquele quarto não parecia ser parte da casa, era mais como uma porta para



outro mundo. Um portal para dor, por onde a Dorothea aparecia e desaparecia aleatoriamente. Normalmente ela nem mesmo olhava para dentro, a menos que a mãe estivesse entrando ou saindo.

Ela espera.

Entra.

Se preparando contra um possível sonho. Mas a mãe da Janie não estava sonhando no momento.

Janie deixou escapar sua respiração e olhou ao redor.

A luz do sol se filtrava através das partes gastas das cortinas. Havia poucos móveis, e estavam mal cuidados. Pratos de papéis, garrafas e copos estavam espalhados pelo chão próximo a cama. Estava quente e abafado.

Na cama a mãe de Janie estava dormindo de costas com a camisola final presa contra seu corpo ossudo.

“Mãe” Janie sussurrou.

Não ouve resposta.

Janie começou a se sentir ansiosa, e a balançar nos calcanhares. O chão gemeu.

“Mãe.” Ela falou, mas alto dessa vez.

A mãe da Janie gemeu e olhou para cima, se forçando para ver. Se erguendo com muito esforço em um cotovelo.

“É o telefone?” Ela resmungou.

“Não, é que... já são quase dez horas, e eu estava me perguntando...”

“Você não tem escola?”

A boca de Janie se abriu. Isso só pode ser brincadeira!

Ela respirou fundo, considerando perder a paciência com a mãe, e comentar sobre a formatura que ela não compareceu. E pelo fato de ser verão. Mas decidiu que aquela não era a hora. Ela se apressou a falar antes da mãe começar a falar novamente.

“Não. Ham, nada de escola hoje. Mas estou me perguntado qual é o problema com o Henry, e se deveríamos ir ao hospital. Eu não quero...”

Com a menção de Henry, Dorothea respirou fundo. “Oh meu Deus.” Ela falou gemendo, como se tivesse acabado de lembrar o que acontecera. Ela rolou e ficou em pé balançando, passando por Janie e saindo do quarto. Janie a seguiu.

“Mãe?” Ela não sabia o que fazer.

Enquanto elas caminhavam em direção da cozinha, Janie olhou perdida para o Cabel. Ele deu de ombros, mães.

Dorothea pegou o suco de laranja da geladeira, gelo e vodca do freezer, e preparou seu café da manhã.



“O que?” Ela perguntou.

“Esse tal de Henry é o meu pai?”

“É claro que ele é o teu pai. Não sou uma vagabunda.”

O Cabel fez um som abafado no outro aposento.

“Tudo bem, então ele está morrendo.”

A mãe de Janie tomou um longo gole. “É o que dizem.”

“Bem então ele sofreu algum acidente, ele está doente, ou o que?”

Dorothea deu de ombros e abanou as mãos flacidamente.

“Dizem que o cérebro dele explodiu. Ou um tumor, algo assim.”

Janie suspirou. “Você precisa que eu vá com você até o hospital hoje?”

Pela primeira vez durante a conversa a mãe olhou Janie nos olhos.

“De novo? Você foi comigo ontem?”

“Eu cheguei lá o mais rápido que pude mãe.”

A mãe da Janie drenou o copo e estremeceu. Ela continuou na cozinha, com o copo vazio em uma das mãos, e na outra a garrafa de vodca barata enquanto olhava para isso. Ela colocou o copo e a garrafa no balcão, e fechou os olhos. Uma lágrima escapou e desceu por seu rosto.

Janie revirou os olhos. “Você vai ou não até o hospital? Eu...” Ela ficou mais atrevida. “Eu não vou ficar esperando o dia inteiro.”

“Vá para onde quiser como você sempre faz sua vadia.” Dorotheia falou. “De qualquer jeito eu não vou voltar lá.”

Ela passou cambaleando por Janie, seguindo pelo corredor e entrando no quarto, e mais uma vez fechando a porta atrás dela.

Janie suspirou e seguiu de volta para a sala, onde Cabel estava sentado, esperando e escutando tudo.

“Tudo bem.” Ela falou. “E agora?”

Cabel parecia irritado e balançou a cabeça. “Bem, o que você acha que deveria fazer?”

“Eu não vou voltar lá para vê-lo. Se é isso que você está perguntando.”

“Eu? É claro que não, isso só depende de você, se quiser ver o cara.”

“Certo. Bom.”

“Quero dizer ele já é carne morta, e nunca fez nada por você. Quem sabe, talvez ele tenha outra família. Pense em como seria estranho se você aparecesse e todos estivessem lá...”

Cabel parou.

“É, Deus eu nunca havia pensado sobre isso.”

“Estou tentando me lembrar se há algum Feingold na escola de Fieldrigd. Talvez você tenha meio irmãos, sabia.”

“Havia um cara, um novato Josh que jogava basquete.” Janie falou.

“Aquele era o Findstain.”





“Oh.”

E então ocorreu um momento, uma pausa, enquanto Cabel esperou pela Janie.

“Então Feingold. Isso é judeu certo?” Ela perguntou.

“Isso muda alguma coisa se for?”

“Não! Quero dizer, não. É interessante, eu nunca pensei sobre as minhas raízes, sabe. História e ancestrais. Uau.”

Janie se perdeu em seus pensamentos.

Cabel assentiu. “Aham, mas acho que você nunca vai saber.”

Janie parou e olhou para o Cabel. Levantou e socou ele no braço com força.

“Ah!” ela fala. “Você é um perdedor.”

Cabel riu massageando o braço. “Droga o que foi que fiz dessa vez?”

Janie suspira brincando. Ela balançou a cabeça. “Você está fazendo com que eu me importe.”

“Vamos.” Ele falou. “Você já se importava antes, você nunca se perguntou quem era o seu pai?”

Janie pensou sobre o sonho que a mãe sempre tinha. O sonho caleidoscópico, em que Dorothea e o cara hippie flutuavam de mãos dadas. E mais de uma vez ela havia imaginando se ele seria seu pai. Agora ela se perguntava se seria o Henry no sonho. Ele provavelmente era um cara que usava terno, tinha 2.2 filhos, um cachorro, e uma casa grande.

Janie olhou ao redor para sua casa velha, para a droga da sua vida, uma mãe alcoólatra com o dobro da idade. Sabendo que sem os cheques de ajuda que a mãe recebia e a ajuda do salário de Janie, elas estavam a um passo de estarem desabrigadas. Mas Janie não queria pensar sobre aquilo.

Janie respirou fundo e deixou o ar escapar lentamente.

“Tudo bem, eu vou tomar um banho agora, e depois vou até o hospital. Acho que você vai comigo até lá.”

Cabel sorriu. “É claro, eu sou o teu motorista lembra?”

## 11h29min

Cabel e Janie subiram as escadas em direção do terceiro andar. Quando eles chegaram as portas duplas que levavam para a recepção, Janie se movia cada vez mais lentamente, até que parou.

Ela se virou abruptamente e foi para a sala de espera.

“Não posso fazer isso.” Ela falou.

“Você não precisa. Mas se não fizer, você vai ficar revoltada mais tarde.”



“Se ele estiver com mais algum visitante eu vou ir embora.”

“Isso é justo.”

“E se ele estiver acordado? E se ele me ver?”

Cabel pressionou os lábios juntos. “Bem depois do que a tua mãe falou sobre o cérebro dele ter explodido, eu realmente duvido que isso possa acontecer.”

Janie suspirou profundamente. E caminhou novamente em direção das portas duplas com Cabel a seguindo.

“Tudo bem.” Ela empurrou as portas e espiou para dentro, como fazia no lar Heather, para saber se havia alguma porta aberta. Por sorte quase todas estavam fechadas, e Janie não estava sentindo nenhum sonho ali.

Janie se aproximou da mesa, dessa vez com confiança.

“Henry Feingold, por favor.”

“Apenas familiares.” O enfermeiro falou automaticamente. Segundo seu crachá ele se chamava Miguel.

“Eu sou a filha dele.”

“Ei.” Ele falou prestando mais atenção nela. “Você não é aquela garota da polícia?”

“Sou.” Janie tentou não estremecer visivelmente.

“Vi você no noticiário, você fez um ótimo trabalho.”

Janie sorriu.

“Obrigado. Então, em qual quarto?”

“Quarto 312. No final do corredor a direita.

Miguel apontou para o Cabel. “E você?”

“Ele é...” Janie falou. “Ele e eu, nós estamos juntos.”

O enfermeiro olhou para a Janie.

“Sei, então ele é o teu... Irmão?”

Janie suspirou e sorriu agradecida.

“Sim.”

Cabel assentiu e permaneceu em silêncio. Como se quisesse provar para Miguel que iria se comportar apesar de não ser parente de ninguém no hospital.

“Você poderia me dizer qual é a condição dele?”

“Ele não está consciente. O doutor poderá lhe dar mais informações.” Miguel olhou para Janie em simpatia. Um olhar que dizia: as coisas não estão boas.

“Obrigada.” Janie murmurou.

Ela seguiu pelo corredor com Cabel logo atrás. E quanto ela abriu a porta.

Estática.

O barulho era como a estática de um rádio a todo volume.



Janie caiu de joelhos cobrindo os ouvidos, mesmo sabendo que não ajudaria. Cores vibrantes voavam ao redor dela, grandes clarões de vermelho, púrpura, e amarelo tão vibrantes que pareciam queimar seus olhos.

Ela tentou falar, mas não conseguiu. Não havia ninguém lá. Apenas aquela estática e luzes cegantes. Era tão doloroso, tão sem sentimentos e emoções como nada que Janie já havia testemunhado antes.

Com um grande esforço Janie se concentrou e puxou com força. Assim que ela sentiu que estava se afastando do sonho, ela começou a ver luzes e barulhos, e por um segundo havia uma mulher parada em um grande quarto escuro. E um homem sentado em uma cadeira no canto. Desaparecendo enquanto Janie fechava a porta para o pesadelo.

Janie recuperou o fôlego, esperando até poder ver novamente e sentir suas extremidades. Então ela descobriu que estava sobre os joelhos e mãos, dentro do quarto. Cabel estava ao lado dela, resmungando alguma coisa, mas ele não estava prestando atenção.

Ela olhou para o ladrilho no chão, se perguntando se aquele sonho, aquele caos era como o inferno se parecia.

“Estou bem.” Ela falou para o Cabel.

Lentamente voltando a levantar, limpando resíduos invisíveis de poeira dos joelhos, e finalmente voltando a colocar o peso do corpo sobre os pés, ela se virou. Olhando para a fonte do pesadelo. E o viu pela primeira vez.

O homem que era seu pai. Cujas DNA ela carregava.

Janie respirou fundo. Lentamente sua mão seguiu até a boca e ela dá um passo para trás. Seus olhos se arregalaram em horror.

“Oh meu Deus!” Ela murmurou. “O que diabos é isso?”



# Que diabos

**Ainda, sexta-feira**

**4 de agosto 2006**

**11h40min**

Cabel colocou os braços ao redor dos ombros da Jane, se era para demonstrar suporte, ou evitar que ela fugisse do quarto Janie não sabia.

Não ligava.

Ela estava horrorizada demais para se mover.

“Ele parecia uma mistura do Capitão Caverna, e o Unabomber<sup>2</sup>.”

Ela sussurrou. Cabel assentiu lentamente.

“Oh, esse é um estilo Alice Cooper<sup>3</sup>”

Ele se virou para olhar para a Janie. E falou em uma voz suave.

“Como foi o sonho?”

Janei não conseguia tirar os olhos do magro e cabeludo homem na cama. Ele estava cercado por máquinas, mas nenhuma delas estava presa a ele ou ligadas.

Ele não estava usando nenhuma bandagem, gaze, ou fita, apenas uma aparência de terrível agonia em seu rosto.

Ela olhou para o Cabel respondendo sua pergunta.

“Foi um sonho estranho.” Janie falou. “Nem ao menos tenho certeza de ter sido um sonho, foi mais como um não sonho, como quando você está assistido TV e o sinal da TV a cabo sai do ar, você tem aquela estática barulhenta e estranha a todo volume.”

“Estranho. Havia pontinhos preto e branco também?”

“Não. Havia cores. Como feijões gigantes de cores incrivelmente vibrantes. Roxo, vermelho, amarelo, paredes tridimensionais coloridas girando e vindo em minha direção, se unindo para fazer uma caixa, que se fechava sobre mim. E era tão brilhante que eu mal

---

<sup>2</sup> Theodore John Kaczynski, mais conhecido como Unabomber, é um matemático norte-americano, escritor e ativista político, condenado a prisão perpétua na sequência de uma série de atentados à bomba.

<sup>3</sup> Alice Cooper, nome artístico de Vincent Damon Furnier, é um cantor e compositor de Rock. É conhecido pelas suas apresentações ao vivo, que têm frequentemente recurso a cenas teatrais, violentas e cheias de efeitos de horror e humor, com a finalidade de chocar e provocar o público.



conseguia suportar. Foi horrível.”

“Estou feliz por você ter conseguido sair.”

Janie assentiu.

“E então por um rápido segundo as paredes desapareceram, e havia uma mulher lá onde elas deveriam estar, mas rápido demais para que eu conseguisse ver, eu já estava me puxando para fora daquilo. Era como se eu estivesse prestes a conseguir o vislumbre de um sonho de verdade.”

“Você consegue voltar?”

“Eu não sei, nunca tentei isso.” Ela falou. “Talvez se eu sair do quarto, fechar a porta e voltar a entrar. Mas não sei se realmente quero fazer isso, sabe?”

Cabel assentiu.

Ele deu um passo na direção do homem, pegando a planilha que estava pendurada nos pés da cama. Olhou para ela atentamente por um momento, e virou à primeira página para olhar a seguinte. E entrega para a Janie.

“Eu realmente não entendo essas coisas. Você consegue entender o que está acontecendo?”

Janie pegou a prancheta incerta. Sentindo como se estivesse se intrometendo na vida de um estranho, mas ainda assim ela olhou, tentando decifrar a terminologia. Mas mesmo com sua experiência trabalhando no lar Heather, não era como se Janie conseguisse entender.

“Ha. Parece que eles conseguiram detectar uma atividade cerebral instável e esporádica.”

“Isso é bom?”

Cabel parecia preocupado.

“Eu acho que não.” Janie falou.

Ela colocou a prancheta de volta.

“Ele pode nos escutar?” Cabel sussurrou.

Janie ficou calada por um momento, então ela também sussurrou.

“É possível. No lar Heather nós sempre conversávamos com os pacientes comatosos, como se eles conseguissem nos escutar. E pedíamos para que as famílias também o fizessem.”

Cabel engoliu com dificuldade e olhou para a Janie. Repentinamente com a língua presa. Ele assentiu para ela, e acenou na direção da cama.

Janie fez uma careta. “Não me apresse!” Ela sussurrou.

Ela olhou para o homem. Deu um passo para perto. Um estremecimento tomou conta, e ela parou, apenas a um passo de distância de seu maltratado pai.



*E se ele estiver fingindo, e pular para cima de mim?* Janie estremeceu novamente. Ela respirou fundo, e por um momento, ela era Janie Hannagan, policial disfarçada.

Ela olhou com mais cuidado para a expressão de dor no rosto do Henry. Sob todo aquela barba longa e escura, sua pele era cheia de marcas, e Janie se perguntou se era a ele que ela tinha que agradecer por seus ocasionais problemas com espinhas.

O cabelo em sua cabeça estava ralo e faltando em algumas partes, como se houvessem sido arrancados, em alguns lugares ela conseguia ver o escalpo dele, que estava coberto com arranhões avermelhados.

Ela olhou para as mãos dele, suas unhas estavam limpas, mas mastigadas até a carne.

Os pêlos em seu peito, que aparecia na camisola do hospital também estava falhado, e um pouco mais grisalho que o cabelo. Sua pele era pálida e cinza, como se não tivesse pegado muito sol durante todo o verão, mas seus braços eram levemente mais bronzeados.

“O que aconteceu com você?” Ela sussurrou. Mais para si, do que para ele.

Ele não se mexeu. Mas ainda assim o olhar de agonia em seu rosto era mais do que um pouco inquietante. Ela se perguntou se a estática ainda estava acontecendo na mente dele.

“Deve ser muito doloroso.” Ela murmurou.

Abruptamente ela olhou para o Cabel.

“Isso é muito estranho.” Ela moveu a boca.

Apontou para a porta. Cabel assentiu, eles saíram do quarto. Fechando a porta novamente.

“Muito estranho.” Janie falou alto.

Era mais do que ela conseguia lidar.

“Vamos sair, ir fazer exercícios, almoçar, caminhar ou algo assim. Preciso tirar esse cara da minha cabeça.”

## 12h30min

Eles pararam no Frank's bar e grill, e encontraram meia dúzia de policiais que estavam saindo.

“Voltaram das férias mais cedo só por que sentiram nossa falta?” Jason Backer provocou.

Janie gostava dele.

“Vá sonhando. Uma pequena emergência familiar nos trouxe mais cedo para casa. Mas está tudo bem agora.” Ela falou.



Cabel e Janie sentaram no balcão para um almoço rápido. Janie ganhou um Milk shake por ser a garota disfarçada. Aquilo não era de todo ruim.

## 13h41min

Janie deslizou sua perna lisa sobre as de Cabel. Seus dedos brincavam, enquanto eles trabalhavam no porão da casa dele.

Janie pesquisou na internet sobre danos cerebrais e ferimentos, mas não conseguiu nada. Havia muitas informações.

Cabel procurou no Google por Henry Feingold.

“Bem.” Ele falou. “Não há nenhuma informação sobre Henry Fiengold em Fieldridg, Michigan. Há um escritor em ascensão com esse nome, mas não parece ser o mesmo cara. Seja o que for que o teu pai faz, hã, fez, para viver, não está na internet. Pelo menos não com seu nome verdadeiro.”

Janie fechou a tampa do laptop, suspirando. “Isso é impossível, tentar descobrir mais sobre ele. Me pergunto por que não estão fazendo nada por ele, sabe?”

“Talvez ele não tenha plano de saúde.” Cabel falou em voz baixa. “Sem querer julgar pela aparência dele, mas ele não parece ter muitos meios.”

Janie fechou os olhos. Descansando a cabeça no ombro do Cabel, e pensando sobre as duas pessoas que eram relacionadas a ela.

A mãe, uma alcoólatra, magra, com cabelos grisalhos e sujos, prematuramente velha em seus trinta e tantos anos. E do pai, que de alguma maneira parecia um estranha mistura Hupert do Survival e Hagrid.

“Como você suporta pensar em como vou parecer daqui à quinze anos, quando vou estar cega e deformada, Cabe? Parecendo mais uma atração em um circo de aberrações.”

“Por que você se importa tanto em como vai ser sua aparência?” Ele acariciou a perna dela. “Você sempre vai ser bonita para mim.”

Ele falou aquilo casualmente, mas Janie podia sentir a tensão na voz dele.

“E ainda aqueles dois são duas aberrações.”

Cabel sorriu. Coloca seu Laptop no chão, espera até que Janie faça o mesmo, e então lentamente a empurrou até ela estar deitada de cotas. Ela riu. Ele deitou sobre ela. Pressionando o corpo contra o dela. A apertando justamente como ela gostava.

Ela passou os braços ao redor do pescoço dele, puxando seu nariz contra o dela.

“Eu amo você, minha atração de circo.”

Quase doía escutar ele falar aquilo.



“Eu amo você também, meu homem-monstro bobo.” Janie falou.

E aquilo doía ainda mais.

E então eles se beijaram.

Lentamente.

Gentilmente.

Por que com a pessoa certa, algumas vezes beijos são como curas.

Ainda assim alguma coisa se aproximou ao limite da mente de Janie. E ela se perguntou se valeria a pena?

Se valeria ficar cega, quando havia outra opção. E se o Cabel não conseguir superar seus medos em estar com ela?

Era muito assustador. Realmente muito assustador.

É como se o Cabel é que fosse ficar cego.

O beijo ficou mais lento, e Cabel descansou a cabeça contra o pescoço da Janie, mordiscando sua pele.

“No que você está pensando?”

“Ah, além de você?”

“Esperta.”

Cabel falou abrindo um sorriso. Movendo os lábios pelo pescoço da Janie.

“Sim. Além de mim. Se você conseguir pensar em outra coisa.”

“Oh.” Ela falou. “Se há alguma outra coisa, provavelmente é que devo criar coragem e ir confrontar minha mãe.” Distraidamente ela tirou o cabelo da frente dos olhos. “Tentar descobrir o que vai acontecer com eles, comigo, e o que devemos fazer agora com o tal de Henry.”

Cabel voltou a sentar e assentiu. Levantando com um gemido, puxando Janie com ele.

“Você quer que eu vá junto?”

“Acho que vai ser melhor se eu for sozinha, mas obrigada.”

“Eu achei que você diria isso. Me ligue, certo?”

Estranhamente o telefone da Janie tocou enquanto ele falava aquilo.

“É a Carrie, eu tenho que atender.”

Janie soprou um beijo para Cabel enquanto descia as escadas e atendia o telefone.

“Carrie!”

“É vadia, meu telefone tá carregado de novo. Como vai a novela mexicana da tua família? Tudo bem?”





“É estranho, e está uma confusão, mas está tudo bem. Obrigado mais uma vez por ter cuidado da minha mãe. Você é a melhor.”

“Sem problemas. Alguém tem que limpar a vizinhança, certo?”

“Ai, nossa Carrie!” Mas Janie riu assim mesmo.

“Bem você sabe onde me encontrar se precisar.” Carrie falou.

“Hei!

“Hei o que?”

“Estou noiva.”

“O que?”

“Stu me pediu a noite passada.”

“Ou nossa! E você disse sim?”

“Obvio já que acabei de te falar que estou noiva.”

“Uau Carrie. Você tem certeza? Você está feliz com isso?”

“É, quer dizer, sim, completamente. Eu sei que o Stu é o cara com quem quero ficar.”

“Mas?”

“Mas eu não estava exatamente esperando por isso agora.”

Janie que estava caminhando para casa, seguiu para a casa da Carrie ao invés disso.

“Você está em casa?”

“Sim.”

“Posso entrar?”

“Ótimo.” Carrie falou soando aliviada.

“Sim, entre. No meu quarto é claro.”

“Tudo bem. Tchau.”

Janie desligou o telefone e se deixou entrar, seguiu para o quarto da Carrie e pulou sobre a cama.

Carrie estava sentada na pequena penteadeira mexendo no cabelo e olhando para o espelho.



“Então.” Janie falou. “Você ganhou um anel, ou o que?”

Carrie sorriu e levantou a mão.

“Parece estranho. É um pouco embaraçoso.”

“O que a tua mãe falou?”

“Ela disse que é melhor eu não estar grávida.”

Janie bufou.

“O que diabos há de errado com nossos pais, afinal de contas? Espere, você não está grávida, está?”

“É claro que não. Nossa Janie! Posso não ter tido as melhores notas na escola, mas não sou estúpida. Você sabe que estou tomando anticoncepcionais, e o Stu não chega perto de mim sem estar usando uma capa de chuva, se você entende o que estou falando. Nada passa pela minha fortaleza”

“Tudo bem, nossa!” Janie riu novamente. “Então, mas você soa um pouco incerta quanto a isso.”

Carrie largou o alisador sobre a penteadeira e suspirou. “Eu quero casar com o Stu, eu quero. Não tem mais ninguém, e ele não está me pressionando ou coisa do tipo, mas já está falando em marcar uma data para o próximo verão, assim posso fazer o primeiro ano na escola de beleza, mas... Eu não sei, é uma coisa muito grande, eu não quero estragar tudo.”

Janie continuou em silêncio, deixando Carrie falar tudo. Era estranho ser normal novamente. Sentar e conversar com a Carrie.

Janie não se importava em trocar de problemas com ela.

“De qualquer forma, esse é o meu problema do dia. O que você anda fazendo?”

Carrie massageou seu cabelo alisado com um produto viscoso e brilhante.

“Eu vou para casa tentar descobrir como lidar com a minha mãe e esse tal de Henry. Não tenho idéia do que está acontecendo, e tenho que fazer com que minha mãe fale comigo.”

Carrie olhou para a Janie no espelho, e balançou a cabeça. “Boa sorte com isso, falar com a tua mãe é como falar com uma porta.”

Janie riu. “Adorei Carrie.” Então ela falou. “Talvez eu fique bêbada também, e nós acabamos brigando como em um bar.”

“Ha, me ligue se for fazer isso, eu adoraria assistir.”

Janie sorriu e deu um abraço rápido em Carrie. “Ligarei.”

Enquanto Janie caminhava para casa, ela pensou que talvez aquela não era uma idéia tão



ruim.

## *Ela fala*

16h01min

Jane respirou fundo algumas vezes, tentando ganhar confiança. Mas ainda assim sem sucesso. Ela pegou uma lata de cerveja da geladeira, abriu e tomou um gole do líquido amargo.

Ela não havia bebido nada de álcool desde a noite na casa do Durbin, então aquilo parecia um pouco estranho.

Ela esperou no sofá, torcendo para que a mãe saísse do quarto por vontade própria.

16h46min

Ela ainda estava esperando. A cerveja havia terminado.

Ela pegou outra lata. Ligou a TV e começou a assistir a Juíza Judy. Trocando o canal para um com jogos – julgamentos traziam a tona muitas memórias ruins.

17h39min

Onde diabos ela está? Janie chegou à conclusão que teria que ir atrás da mãe. Logo depois de ir ao banheiro.

17h43min

Janie abriu a porta do quarto da mãe, segurando duas latas de cerveja. Uma era um presente, ou talvez um suborno. Mas então Janie cai no chão, derrubando as latas. E é sugada para dentro de um sonho.

Ela escutou um estalo e soube que pelo menos uma das latas se abriu.

O barulho não foi o suficiente para tirar Dorothea de seu sono produzido pelo álcool.

*Maldição! Janie pensa. Sonhos, mais bebidas, igual a sonhos ruins.*

A cabeça da Janie girava, e ela tentou sair do sonho, mas não conseguiu.

Parada em uma fila do lado de fora de um prédio, Dorothea segurava um bebê que chorava. Janie sabia que ela era o bebê. Quem mais seria. Elas se moviam lentamente, mas o



prédio também se movia, indo para longe, fazendo com que a fila fosse interminável.

Era um abrigo, ou talvez um lugar para doação de alimentos.

Janie fica parada na rua, observando a mãe. Tentando chamar a atenção dela. Talvez dessa vez ela consiga ajudar a mudar algo.

“Olhe para mim.” Janie pensa tentando se concentrar. “Olhe para mim.”

Mas Janie estava ficando insensível, sem forças o suficiente no momento. E Dorothea meramente olha para Janie e então desvia o olhar para longe.

Ela ficou mais impaciente enquanto esperava na fila.

Finalmente Janie arrasta seu olhar para longe da mãe, e para o início da fila em direção ao prédio. Havia duas janelas, acima das janelas, um letreiro gigantesco.

Bebês por comida.

Era isso que o letreiro dizia.

Janie observou as pessoas depositarem seus bebês em uma das janelas e retirar uma caixa de comida pela outra.

Janie quis gritar com todas as forças, mas não podia. Ela reuniu suas forças e começou a engatinhar pelo chão, na direção da cama, e acabou batendo com a cabeça contra ela. Deslizando seus braços amortecidos para cima do colchão, sem nem ao menos ter certeza se estava tocando a mãe, mas tentando acordá-la. Tentando sair daquele pesadelo.

Finalmente tudo ficou preto, e ao mesmo tempo ela escuta:

“O que há de errado com você?”

Janie ainda não conseguia enxergar.

Ela se sentia molhada, ensopada pela lata de cerveja que explodiu.

Dorothea empurrou a Janie.

“O que diabos você está fazendo?”

Janie fingiu que conseguia ver. Afinal de contas seus olhos estavam abertos.

“Eu... Eu tropecei.”

“Saia daqui sua imprestável.”

“Pare!”

Janie estava bêbada, confusa e cega. Mas ela estava farta daquilo. “Pare de falar comigo desse jeito. Não venha com essa merda de imprestável, por que se não fosse por mim você estaria nas ruas. Então feche essa sua maldita boca!”

A mãe ficou surpresa.

Janie estava chocada pelas próprias palavras. Assim como pelo silêncio.

Quando o mundo voltou a ganhar formas para Janie, e mais uma vez ela conseguiu se



mover, ela ficou sobre seus pés instáveis e pegou as latas.

“Que droga de bagunça.” Ela resmungou. “Eu volto logo.”

Janie voltou com panos de limpeza e começou a limpar o chão.

“Sabe mãe que você não morreria se me ajudasse.”

Depois de um minuto a mãe da Janie seguiu até o chão e começou a ajudar.

“Você esteve bebendo?” Dorothea resmungou.

“E daí? O que você se importa?”

Janie ainda estava com raiva. E um pouco assustada pelo pesadelo.

“Por que você me odeia tanto?”

A mãe se inclinou tentando alcançar um ponto ainda molhado no chão. Quando ela falou sua voz estava macia. “Eu não odeio você.”

Janie estava frustrada.

“O que está acontecendo? Qual é a história desse tal de Henry? Acho que mereço saber o que aconteceu.”

Dorothea desviou o olhar. Deu de ombro. “Ele é o teu pai.”

“É, você já mencionou isso. Mas o que? Vou ter que fazer perguntas específicas agora? Ou você vai me falar sobre ele?”

Dorothea fez uma careta. “O nome dele é Henry Fiendgold. O conheci em Chicago quando eu tinha dezesseis anos, ele estudava na Universidade de Michigan, mas estava em casa durante o verão. Ele trabalhava na Pizzaria Lou Malnatiego, em Lincolnwood. Eu também trabalhava lá como garçoneiro.”

Janie tentou imaginar a mãe trabalhando de verdade.

“E então o que? Ele te engravidou, e fugiu? Ele é um idiota? Como foi que ele apareceu em Fieldridge?”

“Esqueça eu não vou falar sobre isso.”

“Vamos mãe, onde ele mora?”

“Não faço idéia. Em algum lugar por aqui. Eu larguei a escola e o segui até aqui. Nós moramos juntos por um tempo então ele fugiu e nunca mais o vi. Feliz?”

“Ele sabia que você estava grávida?”

“Não. Não era da conta dele.”

“Mas... mas... como você soube que ele estava no hospital?”



Agora a mãe possuía um olhar vago nos olhos. “Ele tinha meu número em um papel que deu para os paramédicos e meu nome estava na lista de contatos. Ele também tinha um documento que não queria ser mantido vivo. Foi isso que a enfermeira me falou.

Janie ficou em silêncio.

A Dorothea continuou mais suavemente.

“Talvez eu deva conseguir um desses papéis também. Para que você não tenha que continuar cuidado de mim quando o meu fígado se acabar.”

Janie olhou para longe e suspirou.

Achando que ela deveria protestar. Mas quem ela estava enganando.

“É”, ela falou. “Talvez.”

Dorothea voltou a deitar na cama, e se virou.

“Estou falando sério. Não quero mais falar sobre isso, nunca mais. Estou cheia disso.”

Depois de um momento de silêncio, Janie levantou, e rapidamente seguiu para o banheiro, e vomitando a cerveja barata. E prometendo.

“Nunca mais.”

Então ela rastejou até seu quarto fechou a porta, subiu na cama e caiu no sono.

## 00h12min

Janie estava correndo.

E correu durante a noite toda.

Mas nunca chegou a lugar algum.



# Sábado

5 de agosto de 2006  
08h32min

“Sim” Janie crocitou contra o telefone. “O que?” Ela ainda estava um pouco adormecida.

“Janie está tudo bem?”

Janie ficou em silêncio. Ela deveria conhecer aquela voz, mas não conseguia.

“Janie? É a capitã. Você está aí?”

“Oh!” Janie falou. “Deus, sinto muito, eu...”

“Sinto muito ter te acordado. Normalmente eu não ligaria, mas o Baker me falou que você teve uma emergência familiar e estava de volta a cidade. Estou ligando para perguntar se está tudo bem. E para descobrir mais, se você estiver disposta a me contar. O que é melhor você estar.”

“Eu... ah, é complicado.” Janie falou. Ela rolou na cama.

Sua boca parecia cheia de papel higiênico. “Mas está tudo bem. Bem, quero dizer... é uma longa história.” Eca.

“Eu tenho tempo.”

“Posso ligar para você depois? Alguém está me ligando na outra linha.”

“Vou esperar.”

Janie sorriu através da forte dor na cabeça e atendeu a outra ligação.

Era o Cabel. “Hei baby, está tudo bem? O que aconteceu a noite passada?”

“Sim, eu ligo para você em alguns minutos.”

“Certo.” Ele desligou.

Janie voltou para a ligação da capitã. “Estou de volta.” Ela falou.

“Ótimo.”

“E, uh, eu preferia não entrar em detalhes. Então.” Janie estava se sentindo ousada.

A capitã fez uma pausa durante um segundo. “Muito justo. Você sabe onde me encontrar, certo?”



“É claro. Obrigada senhor.”

“Se não nos encontrarmos antes, vejo você na segunda feira em nossa reunião. Cuide-se Janie.” A capitã desligou.

Janie fechou o telefone e gemeu. “Por que todos estão me ligando às oito e meia da droga da manhã?”

## 09h24min

Banho, comida, e escova. Janie se sentia um pouquinho melhor depois de tomar um ibuprofen<sup>4</sup> e beber três copos de água.

“Nunca mais.” Resmungou para o espelho.

Ela ligou de volta para o Cabel. “Desculpe demorar tanto.”

Janie explicou o que havia acontecido na noite passada, enquanto caminhava através do pátio em direção da casa dele.

“Hei”, ela falou desligando.

Cabel sorriu e também desligou. “Você tomou café da manhã?”

“Sim.”

“Quer dar uma volta?”

“Eu... claro. na verdade eu estava pensando em dar uma passada no hospital.”

Cabel assentiu. “Tudo bem.”

“Não que me sinta obrigada, por que não me sinto.”

“E você nem deveria.”

Janie se perdeu em um pensamento. Repassando o que a mãe havia contado na noite anterior, apesar de muitos detalhes parecerem estranhos depois de toda aquela cerveja.

“Eu acho.” Ela falou lentamente. “Que provavelmente ele não seja uma boa pessoa.”

“O que?”

“Apenas um pressentimento. Não importa. Vamos.”

“Você tem certeza de que quer ir, se ele é uma má pessoa?”

“Sim. quer dizer, eu quero ter certeza. Eu só quero saber, acho. Se ele for mau. Ou não.”

Cabel deu de ombros, mas entendeu. E eles saíram.

---

<sup>4</sup> O 'ibuprofeno' é um fármaco do grupo dos anti-inflamatórios não esteróides (AINE) sendo também analgésico e antipirético, utilizado frequentemente para o alívio sintomático da dor de cabeça (cefaleia), dor dentária, dor muscular (mialgia), moléstias da menstruação (dismenorreia), febre e dor pós-cirúrgica.





**09h39min**

No hospital, Janie se moveu com cuidado pelos corredores como sempre, procurando por portas abertas. Ela foi pega em um sonho fraco, mas apenas por alguns segundos... Ela nem mesmo precisou parar de caminhar. Eles pararam do lado de fora da porta do Henry, a mão de Janie estava tensa contra a maçaneta.

Estática e cores chocantemente vibrantes. Novamente Janie quase cai de joelhos, mas dessa vez ela estava mais preparada. Ela caminhou cegamente em direção a cama e Cabel a ajudou a sentar em segurança no chão, enquanto sua cabeça latejava com o barulho. Estava mais intenso do que nunca.

Justamente quando Janie achava que seus tímpanos iriam estourar, a estática diminui, e a cena da mulher no escuro apareceu novamente. Era a mesma mulher do dia anterior, Janie tinha certeza, apesar de não conseguir identificar nenhuma característica distintiva. E então Janie viu que o homem também estava lá. Era o Henry é claro. Era o sonho dele. Ele estava nas sombras, sentando em uma cadeira, observando a mulher. Henry se virou, olhou para Janie e piscou. Seus olhos se arregalaram e seu corpo se tencionou na cadeira.

“Ajude-me!” Ele suplicou.

E então, como um filme com problemas, a cena desapareceu e a estática estava de volta, mais alto do que nunca, um barulho constante em seus ouvidos. Janie lutou, sua cabeça latejando. Ela tentou sair do sonho, mas não conseguia se concentrar... a estática estava acabando com sua habilidade de concentração.

Ela se mexeu pelo chão. Tentando conseguir forças.

Pensando que o Cabel estava lá, a segurando, mas ela não conseguia sentir nada no momento.

As cores vibrantes se chocaram contra seus olhos, cérebro e corpo. A estática era como alfinetes em todos os poros de sua pele.

Ela estava presa.

Presa no pesadelo de um homem que não podia acordar.

Janie lutou novamente, sentindo como se estivesse sufocando. Achando que se não saísse daquela confusão, ela poderia morrer ali.

*Cabe! Ela gritou dentro de sua cabeça. Tire-me daqui!*

Mas é claro ele não conseguia escutá-la.

Ela reuniu toda suas forças e empurrou, gemendo interiormente com tanta força que chegava a doer. Quando o pesadelo tremeluziu para o quadro com a mulher novamente, Janie mal conseguiu se arrastar para fora de sua prisão.

Ela arfava por ar.

“Janie?” a voz do Cabel era suave e urgente.



Seus dedos acariciavam a pele da testa até a bochecha, e capturaram sua nuca quando ele a levantou, a carregando em direção da cadeira.

“Você está bem?”

Janie não conseguia falar. Não conseguia ver. Seu corpo estava amortecido. Tudo o que conseguiu fazer foi assentir.

E então, havia um som do outro lado do quarto.

Certamente não era o Henry.

Janie escutou Cabel amaldiçoar baixo.

“Bom dia.” O homem falou. “Sou o Dr.Ming.”

Janie se sentou o mais firme que pôde na cadeira, torcendo para o Cabel parar na frente dela.

“Olá.” Cabel falou. “Nós... eu... como ele está hoje? Acabamos de chegar.”

O Dr.Ming não respondeu imediatamente e Janie pensou. *Oh deus ele está olhando para mim.*

“Você é...?”

“Somos filhos dele.”

“E essa jovem está bem?”

“Ela está ótima. Isso é muito...” Cabel suspirou e sua voz ficou mais pesada. “Ah... é um momento muito emocional para nós, você sabe.” Janie sabia que ele estava mentindo para o bem dela.

“É claro.” O doutor falou. “Bem.”

A visão de Janie começou a voltar e ela viu que o Dr.Ming estava olhando para a planilha. Ele continuou.

“Pode acontecer a qualquer momento ou ele pode agüentar por mais alguns dias. É difícil de dizer.”

Janie limpou a garganta e se inclinou cuidadosamente contra a lateral da cadeira, para poder ver o médico.

“Ele está... com morte cerebral?”

“Hm? Não, parece que ainda há uma pequena atividade cerebral.”

“O que exatamente há de errado com ele?”

“Nós não sabemos ao certo. Pode ser um tumor, talvez uma série de derrames. E sem uma cirurgia, podemos nunca saber. Mas ele deixou claro em seu DNR que não queria nenhum tipo de procedimento, e a pessoa responsável – a sua mãe eu acredito? – ela se recusou a assinar autorizando uma cirurgia ou qualquer outro procedimento.” Ele falou aquilo com uma voz de pena, que fez Janie odiá-lo.

“Bem.” Janie falou. “Ele pelo menos possuía seguro?”



O doutor verificou a papelada novamente. “Aparentemente não.”

“Quais as chances da cirurgia ajudar? Quer dizer, ele poderá ser normal novamente?”

Dr.Ming olhou para o Henry, como se estivesse determinando suas chances apenas de olhar para ele.

“Eu não sei. Ele poderá nunca ser capaz de morar sozinho. Isso, se ele chegar a sobreviver à cirurgia.” Ele olhou para a planilha novamente.

Janie assentiu lentamente. É por isso. É por isso que ele estava apenas deitado lá.

Isso, e o DNR. Era por isso que não estavam tentando concertá-lo – ele estava muito quebrado. Ela tentou soar simplesmente curiosa, mas acabou soando nervosa.

“Então, uh, quando mais vai custar para ele ficar aqui, esperando para morrer?”

O doutor sacudiu a cabeça.

“Eu não sei... Isso é uma pergunta para a área financeira.” Ele olhou para o relógio. Colocou a planilha no lugar. “Tudo bem, então.” Ele caminhou rapidamente para fora do quarto, puxando a porta atrás dele.

Quando o Dr.Ming saiu, Janie olhou para o Cabel. “Nunca mais deixe que isso aconteça! Você não consegue saber quando estou presa em um pesadelo? Eu não conseguia sair Cabe. Achei que ia morrer.”

Cabel abriu a boca, surpreso e magoado.

“Eu vi que você está lutando, mas como eu podia saber que você não iria ficar furiosa se eu interrompe-se? E o que você quer que eu faça, a arreste até o corredor? Estamos em uma droga de hospital Hannagan. Se alguém ver você desse jeito, vão te prender em uma maca em menos de trinta segundos e ficaríamos presos aqui o dia todo, sem mencionar a conta.”

“Melhor do que ficar presa na terra da estática. Não me espanta o cara estar maluco. Já estou quase louca só de passar alguns minutos escutando aquilo. Além disso.” Janie adicionou friamente, apontando para o banheiro privativo. “Olá”.

Cabel revirou os olhos. “Eu nem cheguei a pensar nisso, tudo bem? Você sabe que não é como se eu passasse todos os momentos em que estou acordado vivendo ao redor dos seus problemas estúpidos. Há mais coisas...”

Ele fechou os lábios.

A boca de Janie se abriu.

“Oh droga.” Ele caminhou na direção dela, com um olhar de arrependimento.

E ela se afastou.

Janie balançou a cabeça e olhou para longe, com os dedos contra a boca, seus olhos se enchendo de lágrimas.



“Não Janie. Eu não tive a intenção.”

Janie fechou os olhos e engoliu com dificuldade.

“Não.” Ela falou lentamente. Não querendo dizer, mas sabendo que era verdade. “Você tem razão. Sinto muito.” Ela deu um sorriso sombrio. “É fácil para você falar, sendo normal como é, você sabe? Saudável. E essas coisas.”

“Vamos.” Ele falou. “Venha aqui.” Ele caminhou na direção dela e dessa vez ela foi à direção dele. Ele passou os dedos pelo cabelo dela, e a segurou contra o peito. Beijando sua testa.

“Eu também sinto muito. E isso não é verdade também. Eu apenas... aquilo saiu da maneira errada.”

“Foi? Você está dizendo que não está preocupado com o que vai acontecer comigo? Sobre como isso vai te afetar?”

“Janie...” Cabel olhou para ela indefeso.

“Bem?”

“Bem o que? O que você quer que eu diga?”

“Quero que você fale a verdade. Você não está preocupado? Nem mesmo um pouco?”

“Janie.” Ele falou novamente. “Não. Por que você está fazendo isso?”

Mas ele não respondeu a pergunta.

Para Janie aquilo dizia tudo. Ela fechou os olhos. “Acho que estou um pouco estressada.” Ela sussurrou depois de um momento, e então balançou a cabeça. Pelo menos agora ela sabia. “Tenho muita coisa em minha mente.”

“Oh verdade?” Cabel riu suavemente.

“Que bela semana de férias não é?”

Cabel bufou. “Sim. parece que passou uma eternidade desde que estávamos deitados no sol.”

Janie ficou calada, pensando sobre a mãe, o pai e tudo o mais. Cabel e seus próprios problemas estúpidos, como o Cabel os chama. E agora, ela se perguntava, quem vai pagar essa conta de hospital? Ela esperava que o Hanry tivesse dinheiro, mas pela sua aparência, ele era um sem teto. “Sem seguro”, ela gemeu. E bateu com a cabeça contra o peito do Cabel.

“Isso não é problema teu.”

Janie suspirou. “Então por que estou me sentindo tão responsável sobre isso?”

Cabel ficou calado.



Janie olhou para ele. “O que?”

“Você quer que eu analise você?”

Ela riu. “Claro.”

“Provavelmente vou me arrepender de falar isso. Mas é assim. Você está acostumada em ser a responsável com a tua mãe. Agora você está vendo esse cara disfuncional, que alguém diz ser o teu pai, e boom, o teu instinto é de ser responsável por ele, já que ele aparenta estar ainda mais fodido do que a tua mãe. Deus sabe que nunca achamos que isso seria possível.”

Janie suspirou. “Eu só estou tentando superar tudo isso, você sabe? Superar todos esses problemas, um por um, esperando que cada um deles, venha a ser o último, e então eu olho adiante e percebo, merda ai vem mais problemas. Só espero que algum dia eu finalmente estarei livre.” Janie olhou para o Henry e caminhou para o lado da cama. “Mas isso nunca vai acontecer.” Ela falou. E olhou para o pai por um longo tempo.

Pensando.

Pensando.

Talvez estivesse na hora de mudar.

Hora de ser responsável por apenas uma pessoa.

“Vamos.” Ela finalmente falou para o Cabel. “Acho que não há nada que podemos fazer por ele. Apenas vamos embora. E esperar para que eles liguem para minha mãe, quando ele... quando estiver acabado.”

“Tudo bem querida.” Cabel seguiu Janie para fora do quarto. Ele acenou para o Miguel na mesa da recepção e Miguel ofereceu um sorriso simpático.

“E agora?” Cabel falou, segurando a mão da Janie enquanto eles caminhavam até o carro. “Comida?”

“Acho que prefiro que você me leve para casa. Preciso de um tempo para processar tudo. E também é melhor dar uma olhada na minha mãe.”

“Ah. Tudo bem.” O Cabel não soava feliz. “Hoje à noite?”

“Sim...” Janie falou distraída. “Isso seria bom.”

## 13h15min

Janie caiu na cama. Afundando o rosto no travesseiro. Seu ventilador estava ligado no máximo e virado para ela, a janela e persianas fechadas para manter o calor do lado de fora. Estava quente na casa, mas Janie não ligava. Ela ainda estava se recuperando da noite anterior. Ela caiu profundamente no sono. Seus sonhos eram desordenados e aleatórios, mudando entre um mendigo cabeludo que a perseguia, para a mãe tropeçando no gramado da casa bêbada e



completamente nua, para o Sr.Durbin ameaçando matá-la, até para um desfile de todas as pessoas que moram no Hill alinhadas ao longo da rua, observando. Apontando e rindo da garota da narcóticos.

Então ela sonhou algo terrível com a senhora Stubin morrendo, mesmo sabendo que ela já estava morta, mas ainda assim doía. No sonho Janie chorava. Quando acordou, seus olhos estavam molhados.

Assim como o restante de seu corpo. Ela estava soando tanto que os lençóis estavam úmidos.

E ela sentia como se alguém a tivesse dado uma surra.

Janie odiava cochilos como aquele.

## 16h22min

Ela colocou seus tênis de corrida, se alongou, e seguiu para a porta segurando uma garrafa de água. Achando que talvez fosse aquilo que ela precisava. Ela não havia se exercitado a semana toda.

Ela caminhou até a calçada, seus pés esmagando o cascalho e logo embalou até uma corrida. Batendo com os pés no pavimento remendado, seus sapatos deixando marcas no alcatrão ainda mais macio pelo calor do sol. Suor escorria por suas costas e entre os seios. Suas pernas estavam cansadas, mas ela continuou a correr, esperando até a adrenalina tomar conta. Ela correu por todo o caminho até o Lar Heather sem se dar conta de onde estava indo.

Os passos ritmados, a respiração medida, ambos fazia os maus pensamentos e memórias pulsarem pela mente de Janie, tentando expulsa-los.

Mas sem nenhum sucesso.

Ela seguiu pela entrada, até o estacionamento de cimento e parou de correr. Parando em uma vaga de estacionamento cujas linhas se desgastaram pelos anos de uso e falta de tinta. Olhando para o céu, acima dos enormes bordos, lembrando a noite há alguns verões quando ela sentou ali fora com os residentes do Lar Heather para ver os fogos do quatro de Julho. Eles exclamavam ahs, e uhs diante dos fogos, mesmo que um deles fosse cego. Cega, como Janie um dia vai ficar.

*Oh senhora Stubin.*

Janie respirando com dificuldade se abaixou até o piso quente, e as lágrimas desceram livremente, a dor de estar com dezoito anos e apaixonada por um cara que não conseguia falar sobre o que está acontecendo com ela, e sentindo esse peso gigantesco pressionando seu peito, a esmagando, a puxando para baixo, a impedindo de realmente viver como toda garota adolescente deve viver, e ela se perguntou, não pela primeira vez, por que toda aquela merda estava acontecendo com ela. Pensando se não havia cometido um terrível engano aceitando



trabalhar com a Capitã e acelerando sua cegueira para beneficiar outros. Se perguntando como seria se aquilo nunca tivesse acontecido com ela, se ela nunca tivesse lido aquele maldito caderno verde, se nunca tivesse entrado naquele trem onde tudo começou, quando ela tinha oito anos. Se ela realmente pudesse estar controlando sua vida, só para variar.

Ser perguntando se ela realmente conseguiria fazer, o que temia fazer por todo esse tempo.

Se salvar, e o resto que se dane.

“Me dê um tempo droga!” Ela gritou para os fogos que não estavam mais lá.

“O que diabos eu tenho que fazer para ser simplesmente normal? O que eu fiz para merecer essa merda? Por quê?” Ela chorou. “Por quê?”

E também, não pela primeira vez, não ouve resposta.

## 17h35min

Janie se acalmou.

Limpou a sujeira do seu calção.

E começou a correr para casa.

## 18h09min

Ela entrou pela porta dos fundos da casa do Cabel. Exausta e vazia.

Ele a olhou de onde estava preparando um sanduíche na cozinha e piscou para ela.

“Ola.” Ela falou. Ficando parada, suas bochechas manchadas com as lágrimas, suor e poeira.

O nariz do Cabel se enrugou. “Uou, você está cheirando mal.” Ele falou. “Venha comigo.”

E então ele a guiou até o banheiro.

Abriu o chuveiro. Ajoelhou-se para retirar seus tênis e meias enquanto ela colocava os óculos sobre o balcão e soltava o cabelo. Ele a ajudou a tirar as roupas suadas. E então segurou a cortina aberta para ela.

“Vá em frente.” Ele falou.

E ela entrou embaixo do chuveiro.

Ele a observou, admirando suas curvas. E relutante se virou para sair.

E então parou.

Achando que talvez Janie pudesse precisar de uma atenção extra.

Ele tirou a camiseta, e os shorts. O boxer também. E se uniu a ela.

## 18h42min



“Cabe?” Ela falou secando o cabelo, se sentindo refrescada. Sorrindo. Colocando todos os pensamentos de lado, menos um. “Você quer pegar uma capa de chuva para o Jimmy para podermos cuidar de você?”

Cabel olhou para ela.

Virou a cabeça e semicerrou os olhos.

“Quem diabos é Jimmy?”

## 23h21min

No porão fresco e escuro, ela sussurrou. “Não é Ralph é?”

Cabel ficou calado por um momento, como se estivesse pensando. “Você quer dizer como em Forever Ralph<sup>5</sup>? Uh não.”

“Você leu Forever?” Janie estava incrédula.

“Não havia muita escolha no carrinho de biblioteca do hospital, e Deenie<sup>6</sup>\* estava sempre emprestado.” Cabel falou sarcasticamente.

“E você gostou do livro?”

Cabel riu baixo.

“Um... bem, não era a leitura mais inteligente para um garoto de quatorze anos com marcas novas na pele daquele lugar, se você está me entendendo.”

Janie abafou uma risada e enterrou o rosto contra a camiseta dele. O abraçando. Sentindo sua respiração.

Depois de alguns minutos, ela falou. “Então qual o nome? Pete? Clyde?”

Cabel rolou para o lado, e fingiu dormir.

“É Fred não é?”

“Janie. Pare.”

“Você nomeou a sua coisa de Janie?” Ela riu.

Cabel gemeu alto. “Vá dormir.”

## 23h41min

Ela dormiu. E foi delicioso.

Por algum tempo.

---

<sup>5</sup> Livro da escritora Americana Judy Blume, publicado em 1975, que lida com a sexualidade na adolescência.

<sup>6</sup> Livro da escritora Americana Judy Blume, tema Young adult publicado em 1973.





## 03h03min

Ele sonhou.

Eles estavam na casa do Cabel, os dois, sentados juntos no sofá, jogando Halo, e comendo pizza. Se divertindo. Havia um som abafado ao fundo, alguém gritando por ajuda na cozinha, mas os dois ignoravam – eles estavam muito ocupados aproveitando a companhia um do outro.

O choro por ajuda ficou mais alto.

“Calada!” Cabel gritou.

Mas o chamado apenas ficou mais intenso. Ele gritou novamente, mas nada mudou.

Finalmente ele foi até a cozinha. Janie foi compelida a segui-lo.

Ele gritou. “Somente cale a boca sobre os teus problemas estúpidos! Eu não agüento mais!”

E lá deitada em uma cama de hospital no meio da cozinha, estava uma mulher.

Ela era retorcida e inválida.

Cega e amaciada.

Horrenda.

E era a Janie velha.

A Janie jovem no sofá desaparecera.

Cabel se virou para a Janie no sonho. “Ajude-me.” Ele falou.

Janie olhou para ele. Balançando levemente a cabeça, mesmo estando compelida em ajudá-lo. “Não posso.”

“Por favor, Janie. Ajude-me.”

Ela olhou para ele. Sem palavras. Estremeceu e segurou as lágrimas.

E sussurrou. “Talvez você simplesmente devesse dizer adeus.”

Cabel olhou para ela. E então ele se virou para a Janie velha.

A tocando com dois dedos.

Fechando seus olhos.

Janie lutou e se puxou para fora do sonho.

Paralisada.

Arfando.

O mundo estava se fechando ao redor dela novamente. Ela lutou para se mover. Para respirar.



Quando foi capaz, Janie tropeçou com seus dedos adormecidos pelo porão, e subiu a escada, passando pela porta. Através dos jardins até sua pequena e sufocante prisão.

Deitando de lado, contando sua respiração, se obrigando a sentir cada uma delas, para dentro e para fora. Encarando a parede.

Se perguntando por quanto tempo ela pode continuar a esconder tudo aquilo.

## *Domingo*

**06 de agosto de 2006**  
**10h10min**

Ela olha para a parede.

E puxa-se para fora da cama para enfrentar mais um dia.

Janie encontra Dorothea na cozinha, ajeitando o coquetel do meio da manhã.

É a primeira vez que Janie a vê desde que elas conversaram.

"Hey," Janie diz.

A mãe da Janie grunhiu.

É como se nada tivesse acontecido.

"Alguma palavra sobre o Henry?"

"Não."

"Você está bem?"

A mãe de Janie pára e dá uma aparência imprecisa. Ela finge um sorriso.

"Ótima."

Janie tenta novamente.

"Você sabe, o número do meu celular está aqui ao lado do calendário se precisar de mim, certo? E o do Cabel está aqui também. Ele fará qualquer coisa por você, tipo, se eu não estiver por perto ou algo assim. Sabe disso?"

"Ele é aquele cara hippie?"

"Sim, mãe." Janie revira os olhos. Cabel cortou seus cabelos meses atrás.

"Cabel - que tipo de nome é esse?"



Janie a ignora. Deseja que ela não tivesse dito nada, em primeiro lugar.

"É melhor você não engravidar - isso é tudo que tenho pra te dizer. Crianças arruinam a vida." A mãe de Janie vai arrastando os pés até o quarto dela.

Janie olha espantada para sua mãe enquanto ela sai. Sacode a cabeça.

"Hey, muito obrigada," ela grita.

Ela pega seu telefone e o liga. Há uma mensagem de Cabel.

*Não ouvi você sair. Onde você foi? Tudo bem?*

Janie suspira. Manda uma mensagem de volta. Só acordei cedo. Tinha algumas coisas para cuidar.

Ele responde. *Você deixou seus sapatos aqui. Quer que eu os traga, ou?*

Janie considera. *Sim. Obrigada.*

## 11h30min

Ele está na porta. "Pensou se vamos dar uma volta?"

Janie estreita os olhos. "Onde?"

"Você verá."

Relutantemente, Janie o seguiu para o carro.

Cabel dirige para fora da cidade e por uma estrada que passa por vários campos de milho e, em seguida, acre após acre<sup>7</sup> de floresta. Ele diminui a velocidade do carro, olhando a ocasional caixa de correio enferrujada, examinando a floresta.

"O que você está fazendo?" Janie pergunta.

"Olhando para 2-3-8-88."

Janie se senta e espreita para fora da janela também. Ela diz desconfiada: "Quem vive aqui em forma de BFE?"

Cabel observa novamente e diminui à medida que passam da 23.766. Ele olha em seu espelho retrovisor e um momento depois, um carro zuni, passando por eles.

"Henry Feingold."

"Quê? Como você sabe?"

"Eu olhei na lista telefônica."

"Hunh. Você é inteligente," Janie diz. Insegura.

---

<sup>7</sup> Medida agrária usada em alguns países com valores diferentes (o acre inglês e americano equivalem a 40,47 ares).



Deveria estar ofendida ou ansiosa? Ou apenas envergonhada por não ter pensado nisso antes?

Outra milha e Cabel vira em uma via dupla coberta de cascalho. Arbustos arranham os lados do carro e a pista é extremamente esburacada. Cabel pragueja sob sua respiração.

Janie espreita para fora do pára-brisa. O Sol bate entre os galhos das árvores, fazendo um trajeto listrado. Ela vê algo desfocado, cerca de um quarto de milha de distância, numa clareira.

"É uma casa?"

"É."

Depois de alguns minutos com Cabel dirigindo agonizantemente lento pela pista esburacada, eles chegam a uma parada em frente a uma pequena cabana em ruínas.

Eles saem do carro. Na virada de cascalho há um velho e enferrujado Station Wagon<sup>8</sup> com painéis de madeira. Um recipiente de Sun Tea encharcado sobre o capô do carro.

Janie observa tudo.

Arbustos cercam a minúscula casa. Uma sequência irregular de rosas chamuscadas ameaçam ultrapassar uma grade apodrecendo. Alguns lírios isolados estão bem abertos, absorvendo o sol. Todas as outras flores são ervas daninhas. Do lado de fora da porta da frente tem uma pequena pilha de caixas de papelão.

Cabel anda cuidadosamente através dos arbustos para a janela suja e olha para dentro, tentando ver através da pequena abertura entre as cortinas.

"Parece não ter ninguém aqui."

"Você não deveria fazer isso," Janie diz. Ela se sente desconfortável. É o ar quente e o vibrar dos insetos. E eles estão invadindo a privacidade de alguém. "Esse lugar me dá arrepios."

Cabel examina a pilha de caixas na frente da porta, olhando para os endereços de retorno. Ele escolhe um e o sacode perto de sua orelha. Em seguida, ele o coloca de volta na pilha e olha em volta.

"Quer entrar?" Pergunta ele com um sorriso perverso.

"Não. Isso não é legal. Poderíamos ser presos!"

"Nah, quem vai saber?"

"Se a Capitã descobrir, ela chutará nossas bundas. Ela não está pegando leve. "Janie se move em direção ao carro. "Vamos, Cabe. É sério. "

Cabel relutantemente concorda e volta para o carro. "Eu não entendo. Você não quer saber mais? O cara é seu pai. Não está curiosa?"

Janie olha pela janela enquanto Cabel volta com o carro. "Estou tentando não estar."

"Porque ele está morrendo?"

---

<sup>8</sup> um carro



Ela está perdida em pensamentos. "Sim". Sabe que, se não investir em Henry, ela pode escrever desistindo dele enquanto um problema é resolvido quando ele morrer. Ele vai ser um cara cujo obituário está no papel. Não é seu pai. "Eu não preciso de mais uma coisa para me preocupar, eu acho."

Cabel coloca o carro na estrada novamente e Janie olha sobre o ombro uma última vez. Tudo o que ela vê são árvores.

"Espero que seus pacotes não fiquem todos molhados na próxima vez que chover", diz ela. "Realmente importa se eles estão molhando?"

Eles andam em silêncio por alguns minutos.

E então Cabel pergunta: "Você não conseguiu nada no pesadelo do Henry ontem? Eu tinha medo de perguntar depois do nosso pequeno mal-entendido de condenação."

Janie vira em seu assento e observa Cabel dirigir.

"Era basicamente o mesmo que antes. Estática. Cores. Mulher distante, e então eu vi Henry no sonho também. Sempre sentado naquela mesma cadeira. Ele estava assistindo a mulher. "

"O que a mulher está fazendo?"

"Só ali, no meio de um quarto mal iluminado, era como um ginásio escolar ou qualquer coisa. Eu não pude ver seu rosto. "

"Ele estava apenas olhando para ela? Soa assustador."

"É", Janie diz. Ela observa as linhas dos campos de milho passar em um borrão. "Não me senti realmente assustada, apesar de tudo. Me senti . . . sozinha. E então," Janie pára. Pensa. "Hmm".

"O quê?"

"Ele se virou e olhou para mim. Como ele ficasse talvez um pouco surpreso de que eu estivesse lá. Ele me pediu para ajudá-lo. "

"Outras pessoas viram você em seus sonhos, certo? Eles falam com você."

"Oh, totalmente. Mas... Não sei. Senti que era diferente. Como... "

Janie busca em suas memórias, o pensamento voltando através das dezenas de sonhos que ela tinha experimentado em sua vida.

"Como nos sonhos da maioria das pessoas, eu só estou lá, e elas aceitam isso, e elas falam comigo como eu sendo um apoio. Mas eles não associam realmente — eles olham para mim, mas não me enxergam realmente."

Cabel coça sua nuca e seu rosto, e distraidamente passa os dedos pelos cabelos.



"Eu não entendo a diferença."

Janie suspira. "Acho que eu também não. Apenas senti que era diferente."

"Assim como no primeiro dia que eu vi você na parada de ônibus e você foi a única que olhava para mim, e olhos fizeram um tipo de contato?" Cabel estava apenas brincando, um tipo de. Mas não é verdade.

"Talvez. Mas era mais como quando Miss Stubin olhou para mim quando eu estava em seu sonho de volta na casa de repouso e ela me fez uma pergunta. Uma espécie de reconhecimento da coisa. Como, de alguma forma, ela simplesmente sabia que eu era uma apanhadora de sonhos também. "

Cabel olha para Janie e depois voltar à estrada. Enruga a testa e ele inclina a cabeça intrigado.

"Espere", diz ele. "Espere um minuto." Ele pisa no freio e se vira para olhar Janie novamente. "Sério?"

Janie olha para Cabel e acena. Ela está perguntando isso.

"Janie. Você tem alguma razão para pensar que esse negócio de sonho possa ser hereditário?" O carro desacelera e chega a uma parada no meio da estrada rural.

"Eu não sei", disse Janie. Ela olha por cima do ombro nervosamente. "Cabe, o que você está fazendo?"

"Dando a volta", diz ele. Ele volta em um turno de três pontos e atinge o gás. "Isso é uma coisa importante. Ele poderia ter alguma informação sobre essa maldiçãozinha de vocês. E poderíamos não ter outra chance. "

## 12h03min

Cabel fica na porta da frente da casa de Henry e tira sua carteira de motorista de sua carteira. A enfia na fenda da porta ao lado da maçaneta e começa a movê-la para os lados. Ele aperta os lábios enquanto ele trabalha, tentando chegar ao parafuso para mover para o lado para que eles possam entrar.

Janie o observa por um momento. Então ela alcança e segura a maçaneta da porta. Gira-a. A porta se abre.

Cabel se endireita. "Pois bem. Quem não tranca suas portas nos dias de hoje?"

"Alguém cujo cérebro está explodindo, talvez? Alguém que vive no meio do nada e não tem nada de bom para roubarem? Alguém que é meio louco? Talvez ele disse para os paramédicos não a trancarem, porque ele não tinha as chaves." Janie entra na pequena casa, abrindo espaço para Cabel a seguir. "Está vendo?", Diz ela, apontando para a chave no armário da parede com um conjunto de chaves penduradas.



Lá dentro está abafado. Cozinha, sala de estar e cama, ficam todos na sala principal. Uma porta no canto nos fundos parece levar a um banheiro. Há um rádio em uma estante e uma pequena televisão no balcão da cozinha. O ar quente mergulha no quarto por uma janela de tela aberta na parte de trás da casa. Uma trêmula, fina, cortina amarela. Abaixo da janela tem uma mesa onde fica um computador antigo. Pela caneca de café e a tigela, parece que a mesa estava sendo usada como um lugar para comer e como um escritório. Sob a mesa, tem um conjunto de três gavetas que parecem ter pertencido a uma mesa real. Uns jornais jogados no chão que parecem ter sido levados para lá pelo vento.

Caixas de papelão achatadas encostadas na parede perto da porta de trás. A cama está desalinhada. Um copo quase vazio de água fica em uma mesa de cabeceira improvisada feita de uma caixa de papelão.

"Bem", disse Janie. "Lá se vai meu sonho de ter uma herança mágica de surpresa. O bacana era mais pobre do que nós."

"Isso não é uma tarefa fácil", diz Cabel, observando tudo. Ele anda até a mesa. "A menos que, talvez, esta propriedade que ele possui pode ser valiosa." Cabel revira algumas notas sobre a mesa. "Ou... não. Aqui está um cheque cancelado, diz 'aluguel' na linha do memorando. "

"Maldição". Janie relutantemente se une a Cabel. "Isso parece estranho, Cabe. Nós não deveríamos estar fazendo isso."

"Você nunca vai encontrar nada se você esperar até depois dele morrer, o estado vai assumir e o proprietário vai querer um inquilino que realmente possa pagar as contas. Eles irão limpar o lugar, vender tudo o que puderem para pagar o hospital, e é isso."

"Você com certeza conhece um monte de merda ao acaso." Janie olha em volta.

"Acaso, merda útil."

"Eu imagino." Ela perambula pela casa.

Em cima da TV, tem uma variedade de analgésicos sem receita. A geladeira está abastecida pela metade. Um litro de leite, meia fatia de pão integral, uma vasilha de bolonha. Uma prateleira que está cheia só de vagem, espigas de milho, tomate e framboesas. Janie olha pela janela o quintal e vê um pequeno jardim e, mais ao lado, os arbustos de aparência vermelha.

Os armários estão em sua maioria vazios, exceto por alguns pratos e copos não apropriados. Tem uma leve camada de poeira ao redor, mas a casa não está suja. Na área de estar, tem um velho surrado La-Z-Boy<sup>9</sup> reclinável, uma mesinha com uma lâmpada de madeira sobre ela, e uma grande estante improvisada cheia de caixas. Próximo a ela, há uma pequena estante. Janie visualiza Henry sentado aqui, à noite, na poltrona, lendo ou assistindo TV nesta casa quase acolhedora. Ela imagina que tipo de vida que ele tinha.

Ela anda até a estante e vê cópias usadas de Shakespeare, Demônios. Kerouac,

---

<sup>9</sup> É uma fabricante de imóveis.



Hemingway e Steinbeck<sup>10</sup>, também. Alguns livros com letras estranhas que se parecem com hebraico. Livros didáticos de ciências. Janie tira um e olha dentro. Vê o que deve ser a caligrafia de seu pai embaixo de uma lista de nomes que haviam sido riscadas.

## HENRY DAVID FEINGOLD

University of Michigan

Ela se senta e folheia pelo livro, lendo as notas na margem. Se pergunta se estas anotações são dele ou se pertenciam a uma pessoa antes dele. A encadernação está quebrada e algumas páginas estão soltas, então Janie fecha o livro e o devolve à estante.

Cabel está procurando pelos papéis sobre a mesa.

"Faturas," ele diz. "Para todos os tipos de coisas estranhas. Roupas de bebê, jogos de vídeo. Jóias, globos de neve, pelo amor de Deus. Queria saber onde ele guarda tudo. Meio estranho, se você me perguntar."

Janie se levanta e caminha até Cabel. Pega um caderno e o abre. Lá dentro, em uma escrita elegante, tem uma lista de transações. Não há duas iguais. Janie fica confusa sobre o notebook e depois vai para a porta da frente. Puxa os pacotes para dentro e olha para os endereços de retorno. Correspondem aos do caderno.

Ela coloca seu cabelo atrás da orelha. "Acho que ele deve ter uma pequena loja na Internet, Cabe. Ele compra o material mais barato e vende em sua loja virtual para um lucro. Então, ele tem um pequeno envio / recebimento de departamentos lá." Ela aponta para a estante de grande porte.

"Talvez ele vá para as vendas de garagem e compra coisas demais."

Janie acena. "Parece estranho que ele iria para a escola para a ciência e acaba fazendo isso. Eu me pergunto se ele foi despedido, ou algo assim? "

"Considerando o estado da economia de Michigan e o aumento da taxa de desemprego nos últimos tempos, é inteiramente provável."

Janie sorri. "Você é tão nerd. Eu te amo. Eu realmente amo. "

O rosto de Cabel se ilumina. "Obrigado."

"Então..." Janie coloca o caderno em cima da mesa e pega uma cópia de rascunho bem-encapada de Artil 22<sup>11</sup>. Folheia-o, perder seu trem de pensamento. Vê um pedaço de papel usado como um marcador. As palavras são escritas a lápis no marcador.

---

<sup>10</sup> São escritores estadunienses.

<sup>11</sup> Romance satírico-histórico do autor estadunidense Joseph Heller.





## MORTON'S FORK.

É o que diz.

Janie fecha o livro e o coloca de volta na mesa. "E agora?"

"O que você quer fazer? Não vejo nenhuma evidência de que ele seja um apanhador de sonhos, você vê?"

"Não. Mas você não encontraria qualquer evidência disso na minha casa se você procurasse?"

Cabel ri. "Uh, caderno verde, anotações dos sonhos em sua mesa de cabeceira..."

"Mesa de cabeceira," Janie diz, tocando o lábio inferior com o dedo indicador. Ela caminha até a cama de Henry, mas não há nada lá. Apenas o copo de água. Ela ainda afasta o colchão e desliza os dedos entre ele e as molas de caixa, sentindo por um diário ou jornal de algum tipo.

"Não há nada aqui, Cabe. Nós deveríamos ir."

"E o computador?"

"Não — Nós não faremos isso. Sério. Apenas vamos embora. E, além disso, você viu o cara. Ele não é todo retorcido e cego. "

"Como você sabe que ele não é cego? Você não pode dizer isso."

"Sim, talvez você esteja certo", disse Janie. "Mas suas mãos pareciam boas."

"Bem... O que disse a Sra Stubin no caderno verde? Trinta anos e meio para as mãos? Ele não pode ser muito mais velho do que trinta e tantos anos, no máximo quarenta, certo? Então, talvez isso só não aconteceu ainda."

Janie suspira. Ela não quer se meter nisso. Ela não quer pensar sobre o caderno verde mais. Ela caminha até a porta e fica lá um momento. Bate a cabeça levemente de encontro a ela. Então ela abre, sai e se senta no carro sufocante até Cabel vir.

"Hospital?", Diz ele, a esperança na sua voz, quando ele vira o carro na estrada.

"Não." Janie voz é firme. "Nós somos feitos disso, Cabe. Eu não me importo se ele era o rei dos apanhadores de sonhos. Provavelmente ele não é — provavelmente ele é apenas um cara que iria pirar se ele soubesse que estávamos bisbilhotando dentro de sua casa. Eu só não quero continuar com isso." Ela está cansada de tudo isso.

Cabel acena. "Ok, ok. Nem mais uma palavra. Prometo."

**19h07min**



Na casa de Cabel, ambos se exercitam. Janie sabe que ela tem que manter sua força. Eles têm uma reunião com a Capitã na segunda-feira, o que significa uma atribuição de trabalhos. Pela primeira vez, Janie não se sente muito animada com isso.

"Qualquer idéia do que a capitã terá para nós?" Janie pergunta aflita.

"Nunca se sabe com ela." Cabel respira e sopra ferozmente enquanto ele termina de exercitar o bíceps. "Espero que seja alguma coisa leve e fácil."

"Eu também", Janie. diz

"Descobriremos em breve." Cabel coloca o peso no chão. "Entretanto, eu não consigo parar de pensar em Henry. Há algo de estranho sobre aquilo tudo."

Janie coloca a barra no suporte e se senta. "Pensei que você disse que deixaria isso quieto," diz ela. Irrita-se. Mas a curiosidade toma conta. "O que faz você dizer isso, afinal?"

"Bem, você disse que havia uma conexão no sonho, como se fosse com a Sra Stubin, certo? Isso é o que mexeu com o meu cérebro e agora não posso parar. E como é estranho o jeito que ele vive. Ele é um isolado. Quero dizer, ele tem aquela velha caminhonete estacionada no pátio, então ele obviamente dirige, mas..."

Janie olha rispidamente para Cabel. "Hmm," ela diz.

"Talvez seja apenas uma coincidência", diz ele.

"Provavelmente", diz ela. "Como você disse, ele é apenas um isolado."

Entretanto.

## 22h20min

"Boa noite, doce." Cabe murmura no ouvido de Janie. Eles estão na varanda da frente de Cabel. Janie não dormirá ali novamente. É muito difícil. É muito difícil manter seu segredo.

"Eu te amo," ela diz, com emoção. Significa isso. Significa tanto.

"Eu te amo também."

Janie vai, de braços estendidos e dedos entrelaçados nos de Cabel até eles não poderem mais, e, em seguida, ela relutantemente deixa seu braço cair e caminha lentamente, aos quintais de sua rua, à sua casa.

Ela está deitada de costas. E sua mente indo de Cabe aos acontecimentos do dia anterior. Ao Henry.

**00h39min**

Ela não consegue parar de pensar nele.

*Será?*

*E como é que ela deveria saber? A não se.... ?*

Janie desliza para fora da cama, coloca a roupa e pega o telefone, a chave de casa e um lanche para dar energia. O ônibus está vazio, exceto pelo condutor.

Felizmente, ele não está dormindo.

**00h58min**

Os chinelos de Janie batem no chão do hospital e ecoam, diferentemente dos quietos corredores. Um empregado com uma maca vazia, acena para Janie enquanto ele sai do elevador. No terceiro andar, Janie abre a porta sem hesitação. É pouco iluminado e silencioso. Janie afasta os sonhos nos corredores e, antes que ela abra a porta de Henry, coloca seus planos em mente.

Ela respira fundo e abre a porta, fechando-a rapidamente atrás dela enquanto tudo ao seu redor fica preto, e, em seguida, ela bateu com as cores estáticas e chocantes, uma vez mais.

O poder do sonho força Janie a cair de joelhos, apoiada nas mãos. O ataque a seus sentidos torna a gravidade dez vezes maior do que o normal. Ela balança involuntariamente, enquanto evita as paredes de blocos gigantes de cores quentes que balançam em direção a ela em 3-D. Mentalmente, ela está tentando ouvir seus próprios pensamentos acima do barulho e é incrivelmente difícil—é como se ela estivesse em um redemoinho de estática.

A dormência nas mãos e nos pés de Janie aumenta rapidamente. Cegamente, ela se vira para a direita e rasteja, visando ir ao banheiro para, então, poder entrar e fechar a porta. Enquanto um bloco flamejante amarelo balança na direção dela, Janie se precipita para evitá-lo e sente a cabeça batendo contra a parede da sala do hospital.

*Concentre-se!* Ela grita para si mesma.

Mas o barulho é insuportável. Tudo o que ela pode fazer é deslizar para a frente, apoiada nos membros dormentes, esperando que ela esteja mesmo se movimentando, e esperando por um lampejo de alguma coisa, qualquer coisa que vá explicar alguns dos mistérios de Henry.

Janie não sabe quanto tempo passa até que ela não pode continuar se movendo.

Antes que ela não possa aguentar a pressão, incapaz de lutar por mais tempo. Incapaz de



encontrar o banheiro, para quebrar a conexão.

É como se ela tivesse caído entre o gelo, engolfada pela água gelada. O corpo e a mente dormentes. Mesmo que o barulho e as cores sejam suaves.

As coisas deixam de ter significado.

Ela não pode sentir ela mesma fracassando descontroladamente.

Ela não sabe que ela está perdendo a consciência.

Não importa tanto assim mais. Ela só quer desistir, deixar o pesadelo alcançá-la, engolfá-la, encher seu cérebro e seu corpo com a interminável gritaria e a cegueira enjoativa.

E ele faz.

Logo, tudo fica preto.

Mas depois.

Na própria inconsciência de Janie, a imagem de um louco, um cabeludo, demente, gritando que é seu próprio pai, aos poucos vai surgindo das trevas à sua frente.

Ele chega até ela, os dedos pretos e sangrentos, seus olhos perturbados, sem pestanejar. Janie está paralisada. As mãos frias de seu pai alcançam seu pescoço, apertando, apertando mais, até Janie não ter mais fôlego. Ela está incapaz de se mexer, incapaz de pensar. Forçada a deixar seu próprio pai matá-la. Enquanto ele agarra o pescoço de Janie, a cara de Henry fica pálida e doentia. Ele força mais e começa a tremer.

Janie está morrendo.

Ela não tem nenhuma luta deixada por ela.

Acabou.

Assim que ela desiste, o rosto pálido de seu pai se transforma em vidro e se quebra em uma dúzia de pedaços.

Seu aperto em torno do pescoço de Janie diminui. Seu corpo desaparece.

Janie cai no chão, ofegante, ao lado do rosto explodido em pedaços de seu pai. Ela olha para eles, sugando ar, finalmente podendo se mover.

Ela se levanta.

E lá, em vez de ver seu pai no vidro.

Ela a vê, a si mesma, horrorizada, o rosto gritando, refletido de volta para ela.

Estática novamente.

Por muito.

Muito.

Muito tempo.

Janie percebe que ela pode estar presa aqui. Para sempre.

**02h19min**



E então.

Uma centelha de vida.

Um flash da figura de uma mulher em um ginásio escuro, um retrato de um homem em uma cadeira...

E uma voz.

Distante. Mas clara. Distinta.

Familiar.

A voz da esperança de uma pessoa no mundo cada vez mais obscuro.

"Volte", a mulher diz. Sua voz é doce e jovem.

Ela vira o rosto para Janie. Anda para a luz.

Parada em pernas fortes, de olhos claros e brilhantes. Seus dedos, não retorcidos, mas longos e encantadores.

"Janie", diz ela a sério. "Janie, minha querida, volte."

Janie não sabe como voltar.

Ela está exausta. Desaparecida. Longe deste mundo e pairando em algum lugar onde nenhuma outra pessoa poderia estar vivendo.

Com exceção de Henry.

A mente de Janie está inundada com a nova cena, uma cena suave e tranquila, de um homem em uma cadeira, e uma mulher, estando agora na luz implorando para que Janie volte. A mulher anda até Henry, ficando ao lado dele. Henry se vira e olha para Janie. Pisca.

"Ajude-me", diz ele. "Por favor, por favor, Janie. Ajude-me."

Janie tem medo dele. Mesmo não tendo nada que ela possa fazer, ela ajuda.

É o seu dom.

Sua maldição.

Ela é incapaz de dizer não.

Forçada, Janie puxa sua própria atenção, para ter plena consciência, com medo da morte, de que o barulho horrível e as cores queimando irão retornar a qualquer momento, temendo chegar perto desse homem que vira maluco e a estrangula. Desejando que ela pudesse reunir forças para sair desse pesadelo agora, enquanto ela tem chance. Mas ela não pode.

Janie luta silenciosamente com seus pés no ginásio. Com esforço, ela caminha em direção aos dois, seus passos ecoando. Ela não tem idéia do que fazer por Henry. Não vê nada que possa fazer para ajudar. Realmente só quer amarrá-lo, ou talvez matá-lo, então ele não tem a chance de machucá-la.

Ela pára a poucos metros deles. Olha para a mulher ali, não acreditando muito nos seus olhos.

"É você", diz ela. Ela sente uma onda de alívio. Seus lábios tremem. "Oh, Senhora Stubin".



A Senhora Stubin a alcança e Janie, confundida por vê-la novamente e incrivelmente vulnerável neste pesadelo, tropeça em seus braços. A Senhora Stubin a aperta forte, cheia de conforto. O abraço restaura as forças de Janie. Janie está cheia de emoção que ela sente o calor, o amor, no toque da Senhora Stubin.

"Não, está tudo bem." diz a Senhora Stubin.

"Você", Janie diz. "Você está... Eu pensei que não veria você novamente. "

A Senhora Stubin sorri. "Eu tenho desfrutado bastante o meu tempo com Earl desde a última vez que te vi. É bom estar inteira outra vez."

Ela faz uma pausa, pisca os olhos. Eles captam os raios de luz fraca entrando pelo ginásio pelas pequenas janelas superiores. E então ela olha para o calado Henry, que ainda está sentado.

"Eu acredito estar aqui por Henry... Acho que para trazê-lo para casa, se você sabe o que quero dizer. Às vezes eu mesma não sei por que eu sou convocada para os sonhos dos outros apanhadores de sonhos."

Os olhos de Janie arregalam. "Então, é verdade. Ele é realmente um."

"Sim, aparentemente."

Elas olham para Henry, e depois uma para a outra. Silenciosas, ponderando. Os apanhadores de sonhos, todos juntos em um só lugar.

"Uau", murmura Janie. Ela volta à Senhora Stubin. "Por que você não me contou sobre ele? Você disse no caderno verde que não havia qualquer outro apanhador de sonhos vivo."

"Eu não sabia nada sobre ele." Ela sorri. "Parece que ele precisa de sua ajuda, em primeiro lugar, antes que ele possa vir comigo. Estou feliz que você veio."

"Não foi fácil", disse Janie. "Seus sonhos são horríveis."

"Ele não tem muitos", diz a Senhora Stubin.

Janie pressiona os lábios e toma respira profundamente. "Ele é meu pai. Você sabia disso, certo?"

A Senhora Stubin sacode a cabeça. "Eu não sabia. Então é hereditário. Eu sempre quis saber. É por isso que eu não tenho filhos."

"Você—" Janie é subitamente atingida por um pensamento. "Você não tem parentesco, não é? Com a gente, eu quero dizer?"

A Senhora Stubin sorri calorosamente. "Não, minha querida. Não deveria ser algo assim?"

Janie ri baixinho na loucura disso. "Você acha que talvez existam outros lá fora, então? Além de mim?"

A Senhora Stubin bate na mão de Janie e aperta. "Sabendo que Henry existe me dá esperança de que haja mais. Mas apanhadores de sonhos são quase impossíveis de encontrar."



Ela dá uma risadinha. "A melhor coisa que você pode fazer para encontrá-los é adormecer em locais públicos, eu acho."

Janie acena. Ela olha para Henry. "Como eu vou ajudá-lo?"

A Senhora Stubin levanta uma sobrancelha. "Eu não sei, mas você sabe o que fazer para descobrir. Ele já lhe pediu ajuda. "

"Mas... Eu não vejo... e ele não me leva a lugar algum."

Janie olha ao redor do ginásio quase vazio, à procura de pistas, tentando descobrir o que ela poderia fazer para ajudar a Henry. Sem querer chegar muito perto. Finalmente, Janie vira para Henry e toma uma respiração profunda, olha para a Senhora Stubin brevemente de apoio.

"Ei", ela começa. Sua voz treme um pouco nervosa, com medo, não tendo certeza do que esperar. "Como posso ajudar?"

Ele olha para ela, um olhar vazio em seu rosto. "Me ajude", diz ele.

"Eu - Eu não sei como, mas você pode me dizer."

"Me ajude", Henry repete. "Me ajude. Me ajude. Me ajude. Me ajude. ME AJUDE. ME AJUDE! ME AJUDE!"

A voz de Henry se transforma em gritos selvagens e ele não pára. Janie se afasta, em sua guarda, mas ele não vem em sua direção. Ele alcança sua própria cabeça e a agarra, gritando e arrancando pedaços de cabelo de seu couro cabeludo. Seus olhos incham e seu corpo fica rígido em agonia.

"ME AJUDE!"

Seus gritos não param. Janie está congelada, chocada, horrorizada.

"Eu não sei o que fazer!", Ela grita, mas sua voz é abafada pela dele.

Aterrorizada, ela olha para a Senhora Stubin, que observa atentamente, com um pouco de medo.

E então.

A Senhora Stubin o alcança.

Toca no ombro de Henry.

Seus gritos gaguejam. Falham. Sua respiração irregular diminui.

A Senhora Stubin olha fixamente para Henry, concentrando-se. Focalizando. Até que ele se vira para olhar para ela e ele está quieto.

Janie observa.

"Henry", diz A Senhora Stubin suavemente. "Esta é a sua filha, Janie."



Henry não reage. E então seu rosto se contorce.

Imediatamente, a cena em frente à Janie estala. Pedacos do ginásio caem, como peças de um espelho quebrado. Luzes brilhantes aparecem nos buracos. Janie vê isso acontecendo e seu coração bate forte. Ela atira um olhar frenético à Senhora Stubin, e em seu pai, desesperada para saber se ele entende, mas ele está segurando sua cabeça novamente.

"Eu não posso continuar nisso." Janie grita, e ela reúne toda a sua força, se puxando para fora do pesadelo, antes que as cores estáticas e a cegueira a alcance novamente.

## 02h20min

Tudo está calmo, exceto pelo zumbido nos ouvidos Janie.

Minutos passam enquanto o rosto de Janie está para baixo, imóvel, sem enxergar, no chão de azulejo frio do quarto do hospital. Sua cabeça dói. Quando ela tenta se mover, seus músculos não obedecem.

## 02h36min

Finalmente, Janie pode ver, apesar de tudo estar fraco. Ela geme e, depois de algumas tentativas, empurra seus pés, apoiando-se contra a parede, limpando a boca. O sangue vem em sua mão. Ela move lentamente sua língua, notando o corte dentro de sua bochecha, onde, aparentemente ela mordeu durante o pesadelo. Sente seu pescoço, garganta, cautelosamente. Seu estômago revira enquanto ela engole saliva e sangue engrossado. Janie olha furtivamente em seu relógio, chocada com o tanto de tempo que se passou.

E então ela se vira para olhar para Henry. Passa os dedos dela nos cabelos, enquanto olha para o rosto angustiado, congelado na mesma expressão horrível como no seu sonho quando ele gritava repetidas vezes.

"O que há de errado com você?" Ela diz. Sua voz está como a estática no pesadelo.

Ela morde o lábio inferior e ainda assim ela assiste de longe, lembrando do Henry louco.

Ele está inconsciente. Ele não pode me machucar.

Ela não acredita, então ela diz isso em voz alta, para ela mesma e para ele. "Você não pode me machucar."

Isso ajuda um pouco.

Ela se aproxima.

Ao lado de sua cama.

Seu dedo paira acima de sua mão e Janie imagina ele saltando, agarrando-a com esse frio aperto de morte. Rasgando a garganta dela. Estrangulando-a. Ainda assim, lentamente, ela abaixa a mão e coloca-a em cima da mão de Henry.





Ele não se move.  
Suas mãos são quentes e ásperas.  
Assim como as mãos de um pai deveria ser.

**02h43min**

É tarde demais para o ônibus.

Quando ela se sente capaz, Janie vagueia no caminho através do hospital e pela rua. Mancando lentamente para casa, na calada da noite.

## *Segunda*

**7 de Agosto de 2006  
10h35min**

Um apanhador de sonhos. O pai. Assim como ela.  
Inacreditável.

Janie vestiu sua roupa de corrida e foi até a parada de ônibus. Seguindo até a última parada na fronteira da cidade. E correu o restante do caminho.

As coisas no campo eram muito mais lentas do que na cidade. Os pés da Janie batiam no pavimento enquanto ela corria pelo caminho, e todo o mundo parecia ter parado diante de seus olhos.

Fileira após fileira de milho maduro implorava para ser colhido – Janie podia ver as espigas marrons se tornarem borões enquanto ela corria.

Os óculos escorregaram por seu nariz suado e ela foi lembrada mais uma vez, que precisava apreciar as paisagens enquanto podia. Ela ficava doente de pensar em perder tudo aquilo, então ela as absorvia, um passo após o outro, até que sua mente divagou novamente.

Ela escutou o crocitar de três sapos e lembrou-se de como, quando era criança, ela costumava pensar que aquele zumbido intenso não vinha de um animal, mas de arames eletrificados carregados com energia. Quando ela aprendeu que o som vinha dos sapos, ela não acreditou.

Ainda não acreditava.

Afinal de contas, ela nunca realmente vira um.



E enquanto ela sugava o ar úmido, o ligeiro odor de estrume de vaca se tornou comum. Junto estava o cheiro adocicado das flores do campo e o odor ácido da estrada recém pavimentada.

A mente da Janie estava limpa, e seu propósito claro quando ela atingiu a longa estrada de chão que levava a casa do Henry. Ela diminuiu para uma caminhada, tentando se refrescar.

Quando ela atingiu a clareira, o telefone tocou em seu bolso. Ela o ignorou, sabendo que provavelmente era o Cabel. Ela precisava pensar. Fazer aquilo sozinha. Ela abriu a porta e entrou na casa.

Aquele estranho sentimento se apoderou dela – o que a fazia tremer e a ficar um pouco tonta e enjoada tudo ao mesmo tempo, quando ela estava em um ambiente muito calmo e extremamente fora dos limites. Janie ofegou, ainda sem ar e o barulho quebrou o silêncio.

“Fale comigo Henry, seu estranho assustador.” Janie falou baixo. “Mostre-me como posso te ajudar.”

Ela caminhou para a cozinha, limpando sua testa suada com um pano de prato e pegou um copo do balcão. Abriu a torneira. A água cuspiu e jorrou, com uma adorável cor de ferrugem a princípio, até se tornar limpa um momento mais tarde. Janie a deixou correr por um minuto e então encheu o copo. Bebeu a água tépida, não ruim o suficiente para fazê-la engasgar.

Ela decidiu enfrentar o computador primeiro.

Ela o ligou e descobriu que ele ainda usava internet discada.

Nenhuma surpresa quando se está no campo, mas ainda assim totalmente irritante.

“Fale comigo.” Ela murmurou novamente, batendo seus dedos impaciente na mesa.

Primeiro ela olhou em seus sites favoritos. Imediatamente encontrando a loja online do Henry, e fez o log in, seu username e senha desprotegidos, já estavam na memória do computador. Janie navegou pela loja online, chamada de Dottie's Place.

Encontrando uma coleção de objetos estranhos e sem relação uns com os outros, que incluía roupas para bebês e crianças a figuras de vidros colecionáveis. Ela clicou em um macacão para crianças e leu a descrição. Lê as palavras escolhidas pelo Henry. Vendo sua capacidade e inteligência nos negócios usados naquela lojinha.

Havia vários leilões em andamento, e mais alguns que haviam encerrado nos dias em que o Henry adoeceu.

Então ela viu sua classificação. 99.8% positiva.

Janie não reconheceu o sentimento que brotou em seu peito.

Fazendo seus olhos lacrimejarem.

Tudo o que ela sabia era que Henry Feingold possuía uma pontuação quase perfeita.

E ela não iria permitir que sua reputação fosse manchada.

Janie vasculhou os inventários. Acessou os itens que já haviam sido vendidos e procurou por eles nas prateleiras. Empacotou os poucos itens e encontrou os formulários da UPS em uma



das gavetas. Os preencheu. Se perguntando se iria precisar ligar para que fossem buscar as caixas, mas então encontrou o link da empresa entre os sites favoritos do Henry. Ela programou para que buscassem antes das cinco, e arrumou as caixas do lado de fora da porta, para que não esquecesse.

Voltando ao computador, Janie vasculhou as outras páginas preferidas do Henry. Um fórum sobre política, um site de culinária, vários links de profissionais de marketing, um site sobre feriados judeus. Sites de jardinagens.

Sonhos.

E um link do Wikipedia sobre Morton's Fork.

Janie clicou no ultimo link.

Leu a página.

E descobriu que Morton's Fork não era literalmente um garfo. É um termo para um dilema. Em resumo: uma escolha forçada entre duas opções igualmente ruins.

Janie leu sobre aquilo e viu uma comparação com o Catch 22<sup>12\*</sup>, e olhou para o livro sobre a mesa que cunhou a frase. Ela enrugou as sobrancelhas.

“Tudo bem, senhor misterioso”, ela resmungou, voltando para o computador e digitando as palavras chaves. “O que você fazia? E qual era a sua grande escolha?”

E ela parou de digitar no meio das palavras.

Ela fundou na cadeira, lembrando a última vez que leu sobre um catch-22. Apenas a alguns meses, em um caderno verde.

E é claro ela soube.

Estava claro qual fora a escolha do Henry anos atrás.

Ele não tivera a Senhora Stubin para ajudá-lo. Para ensiná-lo.

Ele não tinha ninguém.

## 12h50min

O barulho estremecedor de um caminhão chamou a atenção da Janie. Pela janela ela o viu chacoalhando na direção da casa, e seu coração disparou, sabendo que não deveria estar ali. Mas quando o motorista bateu à porta e gritou com uma voz amigável.

“Hei Henry, você precisa assinar dessa vez! Você está nos fundos?”

Janie hesitou e então abriu a porta. “Olá.”

---

<sup>12</sup> Catch-22 (Ardil 22 no Brasil) O livro, situado durante os estágios finais da Segunda Guerra Mundial de 1943 em diante. O romance gira em torno de Yossarian, um bombardeador de B-25 da Força Aérea Americana, enquanto ele e os demais membros do "256.º Esquadrão" encontram-se baseados na ilha de Pianosa, na Itália. Devido a seu uso específico no livro, a frase "Catch-22" passou a ter um significado idiomático para uma situação sem saída, uma armadilha. No livro, "Catch-22" é uma lei militar, a lógica auto-contraditório circular que, por exemplo, previne que alguém tente fugir das missões de combate.



A mulher olhou para cima, com a máquina nas mãos. Suor escorria em suas bochechas bronzeadas e criavam manchas sob os braços. Ela usava o calção marrom da companhia e suas pernas bronzeadas estavam repletas de picadas de insetos e hematomas. Ela pareceu surpresa e confusa por um momento, mas então falou.

“Olá, ã, você tem dezoito? Você pode assinar.”

“Eu... sim.”

“Onde está o Henry? Procurando vendas de garagens? Bem, obviamente não, por o carro dela está ali... bem você pode falar para ele que vi a propaganda de uma grande venda de garagem, que os Luthers vão organizar. Em Washtenaw, à sexta e sábado.” Ela parecia agitada.

“Henry... ele não vai poder ir. Ele está doente. Não está muito bem.” Janie sentiu a garganta se apertando. “Ele está no hospital, e provavelmente não vai sobreviver.”

A boca da mulher se abriu. Ela agarrou o quadro da porta.

“Oh, nossa. Você não está falando sério. Você... quem é você?” ela bateu com um punho contra o quadril como que para se acalmar. “Se posso perguntar, quer dizer – não é assunto meu, mas o Henry tem sido um cliente à anos. Somos amigos.” Ela se virou abruptamente e olhou para as árvores, seus dedos agora próximos aos lábios e então passando pelo cabelo.

“Meu nome é Janie. Sou filha dele.” Janie falou. Aquilo soava estranho.

“Filha? Ele nunca contou que tinha uma filha.”

“Acho que ele não sabia sobre mim.”

A mulher suspirou. “Bem, sinto muito sobre isso, tenha certeza. Você pode falar para ele que desejo melhoras?”

“Claro, eu... ele está em coma, ou algo do tipo, mas vou contar para ele mesmo assim. Mas... você pode me falar um pouco sobre ele? Quer dizer, acabei de descobrir que ele é meu pai, quando o levaram para o hospital, então não sei nada...” Janie engoliu com força. “Você quer água?”

“Não obrigada, tenho o suficiente no caminhão.” Ainda em estado de choque diante das notícias, ela enxotou um mosquito sem nem ao menos prestar atenção. “Henry Feingold é cara legal. Ele não incomoda ninguém. Ele pode parecer um pouco estranho, mas tem um coração de ouro. Ele apenas cuida de seus negócios e mora aqui, sozinho, mas sempre diz que prefere assim. Ele estuda bastante no computador, fazendo pesquisas para seus negócios e algumas outras coisas – acho que ele fez um curso online uma vez. Não tenho certeza do que, mas normalmente ele sempre tinha algo interessante para conversar.”

“Ele comentou se estava se sentindo doente na última semana?”

“Nada além de suas dores de cabeça usual. Ele tinha enxaqueca às vezes. Nunca foi ver



um médico, como eu disse que deveria. Ele falou que não tinha plano de saúde.”

“Então ele tinha dor de cabeça já a algum tempo?”

“Ia e vinha. Foi isso que...?” A entregadora da UPS assentiu ao invés de falar as palavras.

“Sim. há algo em seu cérebro, talvez um tumor. Acho que eles não sabem muito bem.”

A mulher olhou para o chão. “Bem, eu realmente sinto muito. Você se cuide. Eu... Sim. que droga. Eu realmente sinto muito.” Ela pegou as embalagens e preparou para ir embora.

“Obrigada.” Janie falou.

“Se algo acontecer, você sabe... Se você puder, talvez me deixar um recado na porta? Eu passo muito por aqui, até duas vezes por dia, se há alguma coisa para arrecadar durante a tarde. Eu com certeza apreciaria isso. Meu nome é Cathy com C.”

Janie assentiu. “Vou tentar. Hei Cathy?”

“Sim?”

Janie esta inquieta. “Ele não é, tipo, cego ou algo assim, é?”

Cathy olhou para Janie surpresa. “Não.” Ela falou. “Ele nem ao menos usa óculos.”

## 13h15min

Janie sentou na velha poltrona pensando sobre aquilo.

Isolamento.

Ele morava aqui, em seus trinta e tantos anos e sem ter ficado cego ou aleijado.

Oh, droga.” Janie falou. Ela deixou sua cabeça cair para trás contra a poltrona. “O que diabos estou fazendo? Isso faz sentido. Sou uma grande idiota.”

Seu telefone não parava de vibrar.

“Hei.” Ela falou.

“Hei.” Cabe falou, soando irritado. “Você está fazendo alguma coisa, ou o que?”

“Eu só precisava sair um pouco.” Janie falou. “Por que, o que poderia ser tão importante que não posso me afastar por três horas sem que me persigam?” Seu tom estava mais afiando do que ela pretendia. Mas Janie realmente estava começando a apreciar a quietude.

Cabel não falou por um momento, e Janie estremeceu. “Sinto muito.” Ela falou. “Isso não saiu como deveria.”

“Tudo bem.” Ele falou. Mas sua voz ainda estava irritada. “Eu estava ligando para saber quando devo te pegar para aquela reunião com a capitã. Às duas horas.

Janie sentou na poltrona. “Oh droga!” ele olhou para o relógio. “Merda, eu esqueci.” Ela olhou ao redor da sala se tudo estava no lugar e ela seguiu para a porta, a fechando mas não



trancando, assim como o Henry havia deixado.

“Eu... sai para uma corrida. Vou direto para casa tomar um banho rápido. Que tal a uma e cinquenta e cinco?”

“Uau, isso é bem perto. Nós vamos chegar atrasados. Você quer que eu vá buscar você onde está agora e te leve para casa mais rápido?”

Janie começou a correr pela entrada, seus músculos se retesando. “Não.” Ela falou. “Não, eu posso encontrar você na delegacia.”

“O que, você vai pegar um ônibus? A capitã vai ficar irritada. Eu devo te levar. você sabe disso. Vamos Janie.” Ele soava furioso.

A voz da Janie falhava enquanto ela corria. Ela respirou pela boca para evitar a dor que já estava sentindo na lateral do corpo.

“Eu sei.” Ela falou. “Eu sei.”

“Onde você está?”

Ela diminuiu para uma caminhada. “Você sabe de uma coisa Cabe, acho que... você... vai sozinho.” Ela falou. “Tudo bem? Por que eu não vou.”

“Mas o que...? Janie! Vamos. Não faça isso. Vou pegar você a uma e cinquenta e cinco. Vai ficar tudo bem.”

Janie continuou andando. “Não.” Ela falou firmemente. “Tenho algumas coisas para fazer. Vou ligar para ela e explicar. Apenas vá sozinho.”

“Mas...” Cabel suspirou.

Janie permaneceu em silêncio.

“Ótimo.” Ele falou. E desligou sem se despedir.

Janie fechou seu telefone e o colocou no bolso de trás.

“Deus.” Ela falou. “não sei se consigo fazer isso.”

Ela ligou para a Capitã enquanto caminhava para casa.

“Está tudo bem Hannagan?”

“Não verdade não senhor.” Janie falou. Sua voz tremia. “Não vou á reunião hoje. Sinto muito.”

Silêncio.

Janie parou de caminhar. “Não posso ir a reunião. Eu – eu acho que tomei minha decisão.”

Ouve o som de uma cadeira estalando e um leve suspirar do outro lado. “Tudo bem. Certo.” Ela parou. “Cabe?”

Janie parou no acostamento da estrada fechando os olhos. Mordendo seu dedo indicador.



E respirou fundo para estabilizar a voz.

“Ainda não.” Ela falou. “Logo. Preciso de alguns dias para descobrir o que vou fazer a partir de agora.”

“Oh Janie.” A capitã falou.

### 13h34min

Ela ficou parada na estrada, sem saber ao certo para onde ir. Para casa, ou de volta para a cabana do Henry.

Sua cabeça dizia apenas uma coisa.

Mas quando seu estômago roncou, ela soube a resposta.

Não parecia certo comer a comida que era do pai. Então ela seguiu até a parada de ônibus.

Pensando. Sempre pensando.

Ela sabia que teria que dizer adeus para o Cabel.

Para sempre.

Só que era muito difícil imaginar se fazendo isso.

### 14h31min

Em casa, Janie arrumou três sanduíches. Ela comeu um e embrulhou os outros dois em um plástico e os guardou na mochila. Dorothea fez uma rara aparição, caminhando ao redor da geladeira.

“Você quer que eu faça um sanduíche mãe?” Janie perguntou, mas sem realmente querer fazer um. “Eu já tenho tudo aqui.”

Dorothea dispensou a sugestão com um aceno descuidado e um resmungo, e ao invés, pegou uma lata de cerveja. E se arrastou de volta para o quarto.

E então a porta da frente se abriu.

“Hei. Janers você está em casa?” Era a Carrie.

Janie gemeu intimamente. Ela só queria voltar para a casa do Henry.

“Olá garota. O que está acontecendo?”

“Nada.” Carrie seguiu até a cozinha e se ergueu até o balcão. Ela estava usando chinelos. “De uma olhada nas minhas unhas. Você não está enciumada?”

Janie fixou sua atenção nos dedos da Carrie.

“Totalmente! Realmente lidas Carrie.” Janie encheu uma garrafa de água na torneira e a jogou na mochila também.

“Você vai a algum lugar?” Carrie parecia um pouco desapontada.



“Sim.” Janie falou.

“Para a casa do Cabe?”

“Não.” Janie suspirou. Ela fora forçada a mentir para Carrie enquanto estava em missão, durante seu último ano da escola. E não queria fazê-lo agora. “Posso confiar em você para manter um segredo?”

“Dã.”

Janie sorriu. “Eu – eu encontrei a casa do Henry. Vou voltar lá e tentar aprender mais sobre ele.”

“Legal!” Carrie desceu do balcão. “Posso ir também. Eu dirijo.”

“Uh...” Janie falou. Ela queria ficar sozinha, mas depois de já ter caminhado até a casa uma vez naquele dia, a idéia de ter uma carona até lá era muito tentadora. “Claro. Você pode se aprontar para ir, tipo, agora?”

“Sempre estou pronta para sair. Vou dar partida na pequena Diva e te encontro na calçada.”

## 14h50min

“Então.” Janie falou do lado do passageiro do Nova 77. “Sem planos com o Stu hoje à noite?”

“Não.” Carrie fez uma careta enquanto levava o carro para fora da cidade, seguindo as instruções de Janie. “Por que todos me perguntam isso toda vez que me vêem sem ele?”

“Por que quase sempre você está com ele?”

“E daí? Também tenho minha própria personalidade. Isso é tudo que se tem para falar? Onde está o Stu?”

Janie espichou sua cabeça pela janela, para pagar a brisa em seu rosto e torceu para que não houvesse sonhos.

“Vocês estão brigados ou algo assim?”

“Não.” Carrie falou.

“Tudo bem. Então... quando começam as tuas aulas?”

Carrie se alegrou. “Depois do dia do trabalho. E vai ser uma loucura. Finalmente! Vou estudar sobre algo que realmente quero aprender.”

“Você vai ser a melhor da sua classe, Carrie. Você tem muito talento com cabelos.”

“Eu tenho, não é.” Ela falou. “Obrigada.” Ela tirou os olhos da estrada por um momento





para olhar para Janie. Eles brilhavam um pouco.

Talvez eles estivessem assim por causa do vento. Ou não.

Janie sorriu, e deu um meio abraço no pescoço de sua amiga. Esquecendo que Carrie também não recebia muito encorajamento em casa.

Carrie guiou Ethel para dentro da estradinha esburacada. Ethel protestou com rangidos e gemidos, mas Carrie pressionou o acelerador.

“Por que diabos ele vive tão longe assim, na maldita... Maldita Saskatchewan<sup>13</sup>?” Carrie falou dando risadinhas.

Janie não se incomodou em apontar que a província Canadense mais próxima era na verdade Ontário. Não que elas estivessem seguindo para o sul.

Do lado de fora do carro, Janie seguiu imediatamente para a casa, enquanto Carrie observava a tudo – os arbustos crescidos, a pequena e desgastada cabana e a porta destrancada.

“O que, ele não trancou a porta?”

“Não – pelo menos da última vez que saiu.”

“Bem, sim, posso ver isso. Não é como se ele vivesse em nosso bairro, você entendeu? Quem vem até aqui? É um pedido para levar um tiro. As pessoas por aqui ou colocam uma arma na sua cabeça, ou convidam você para comer uma carne assada.”

Carrie provocou.

Janie a ignorou.

Estava tudo bem.

## 15h23min

Janie seguiu direto para o computador. Carrie caminhou pela cozinha, pegando algumas framboesas na geladeira, mas Janie não prestou atenção nela. O computador, que ainda estava ligado por ela ter saído com tanta pressa mais cedo, levou uma eternidade para acordar e outra para acessar a internet.

O barulho de discagem do modem fez Carrie olhar para Janie.

“O que você está fazendo no computador dele Janers? Isso é meio, tipo, errado, não é?” Carrie parou na cozinha, com suas mãos na porta do armário, pegando algumas coisas e as colocando no lugar novamente.

“Nah,” Janie mentiu. “Ele é meu pai. Tenho permissão.”

---

<sup>13</sup> O Saskatchewan, ou raramente Sascachevão, é uma das dez províncias do Canadá, parte das Províncias das Pradarias e das Províncias Ocidentais. Limita-se a leste com Alberta, a oeste com Manitoba, ao norte com o Territórios do Noroeste, e ao sul, com os Estados americanos de Montana e Dakota do Norte.



Carrie deu de ombros e seguiu para a próxima porta.

Janie pesquisou mais sobre a loja do Henry. “Hei Carrie, ‘Dottie’ é um apelido para Dorothea, não é?”

“Como vou saber?” Carrie falou. E então. “É, parece que pode ser. E muito mais fácil de falar do que o nome completo.”

“É.” Janie falou, então abriu uma nova janela e pesquisou no Google. “Sim, com certeza é.”

“O que?” Carrie gritou, aparentemente agora sentada no chão da cozinha. Revirando as panelas.

“Nada.” Janie falou distraidamente. “Apenas pare – seja lá o que está fazendo. Você esta me deixando nervosa.”

“O que?” Carrie gritou novamente.

Janie suspirou. Seus dedos pairaram sobre o mouse decidindo. Finalmente, ela desistiu e abriu o e-mail do Henry.

Realmente sentindo como se estivesse se intrometendo agora.

Mas ela não podia evitar.

Janie sorriu, lendo as respostas gentis que ele enviava para os clientes, tentando imaginá-lo. Desejando ter podido conversar com ele sobre tudo aquilo.

Sobre a vida dele.

Mas então um som alto veio da cozinha, a assustando novamente e ela deu um pulo, frustrada.

“Carrie, que diabos? Sério, apenas pare com isso, tudo bem? Jesus Cristo, não posso levar você em lugar nenhum!”

Janie queria se concentrar, ser capaz de salvar aquelas palavras. E as interrupções a estavam deixando maluca.

Carrie parou em frente aos balcões da cozinha com as portas abertas, e se segurando em uma das portas. Ela olhou por sobre o ombro, parecendo envergonhada enquanto Janie entrava na cozinha para avaliar a bagunça.

“Eu amo quando você me chama de Jesus Cristo.”

Janie apertou os lábios juntos, ainda furiosa, tentando não sorrir.

O estrago não era tão ruim quanto parecia.

Na maioria apenas latas vazias.

“Olhe o que encontrei.” Carrie falou, pegando uma caixa de sapatos de uma prateleira. Ela sentou no chão. “Notas e coisas do tipo! Como uma caixa cheia de memórias.”

“Pare! Isso é tão errado.” Janie espiou nervosa pela janela, como se o barulho das latas caindo naquela quietude fosse atrair sirenes e som de pneus guinchando. “Nós temos que sair



daqui, de qualquer maneira.”

“Mas —” Carrie falou. “Cara, você precisa dar uma olhada nessas coisas. Há um monte de pistas sobre o teu passado. A história do teu pai. Você não está curiosa?” Ela olhou para a Janie. “Vamos Janers! Que tipo de detetive você é? você deveria se importar com isso. Há alguns botons e algumas moedas e coisas assim, e um anel! Mas também há cartas...”

Os olhos da Janie brilharam, mas ela olhou para a caixa de sapatos. “Não. Isso é muito invasivo. Não é...” A voz dela falou.

“Vamos Janie.” Carrie sussurrou, seus olhos brilhavam.

Janie se inclinou e espiou dentro da caixa, gentilmente movendo alguns objetos.

“Não.” Ela voltou a levantar. “E quero que você pare de xeretar.”

“Eca que chato.”

“É bem, nós meio que estamos infringidos algumas leis aqui.”

“Achei que você tinha dito...”

“Eu sei, eu sei. Eu menti.”

“Então podemos ser presas? Oh isso é simplesmente maravilhoso. Você lembra que fiz isso uma vez, e não estou interessada em parar na cadeia de novo— especialmente com você! Quem vai paga nossa fiança?” Carrie começou a juntar as latas do chão e colocá-las de volta nos armários. “Meus pais vão absolutamente me matar. E também o Stu. Nossa Janie.”

“Sinto muito — olha, não é como se fossemos ser pegas. Ninguém nem ao menos conhece o cara. E mais, sou a filha dele. Isso deve nos livrar de qualquer confusão. Não que vá haver alguma...”

Janie colocou a caixa de recordações sobre o balcão e entregou os outros itens para a Carrie. Ela estava frustrada. Desejando não ter levado Carrie com ela. Ela só queria ter algum tempo a sós para vasculhar as coisas, para se concentrar e chegar a uma conclusão.

Mas o tempo havia acabado, Janie sabia. Ela tinha que achar uma maneira de ajudar o Henry, antes que ele morresse. E talvez houvesse uma pista na caixa.

Ainda assim, Janie estava acima de roubar. Itens físicos pelo menos.

Janie suspirou resignada. “Apenas vamos embora, Carrie.”

Elas foram.

Os dedos da Janie pairaram sobre o trinque da porta.

## 18h00min

Ela arrastou os pés pela entrada de carros na Rua Waberly passando a BMW. “Hei.”

Cabel olhou de onde estava sentado em um balde virado. Ele estava pintando a moldura ao redor da porta da frente. Ele limpou o suor da testa com a manga de sua camiseta.



“Hei.” Ele falou. Sua voz estava fria.

“Você não me ligou a tarde toda.”

“Você não atende quando eu ligo, então por que me incomodar?”

Janie assentiu, reconhecendo que ela era uma idiota.

“Então, como foi à reunião?”

Ele apenas olhou para ela. Aqueles olhos. A dor.

Ela sabia o que precisava falar. “Eu sinto muito Cabe.” E ela sentia. Muito.

Ele levantou. “Tudo bem, obrigado.” Ele falou.

“Você gostaria de me dizer o que estava acontecendo com você mais cedo?”

Janie engoliu com força. Ela passou os dedos pelo cabelo e apenas olhou para ele. Inclinou a cabeça e pressionou os lábios juntos para impedi-los de tremer.

Ela não podia fazer aquilo.

Não conseguia contar para ele.

*Não posso falar. Não posso falar, estou deixando você.*

Então ela mentiu.

“É toda essa coisa com o Henry. E a merda toda com a minha mãe. Não consigo lidar com nada mais no momento. Preciso de algum tempo para arrumar tudo.” Ele sentiu seus olhos se afastando dele. Imaginando se ele poderia saber.

Ele ficou calado por um momento, a estudando.

“Tudo bem.” Ele falou contido. “Eu entendo isso. Há algo que eu possa fazer?”

Ele se inclinou e largou o pincel. Descendo para ficar com ela. Tocando o rosto dela e arrumando uma mexa do cabelo que havia caído para o lado errado.

“Eu só preciso de algum tempo e... e algum espaço. Por pouco tempo. Pelo menos até que alguma coisa aconteça com o Henry. Tudo bem?”

Ela levantou a cabeça. O olhando nos olhos novamente. Eles ficaram parados lá, cada um estudando o outro. Então ela deu um passo contra ele. Passou os braços ao redor da cintura dele. Sua camiseta estava molhada de suor.

“Tudo bem?” ela perguntou novamente.

Ele a puxou. Abraçando.

Ele beijou o topo da cabeça dela e suspirou.

**17h48min**



Janie estava no chão, recostada contra a cama. Pensando.

Ela poderia simplesmente ir para a cama mais cedo.

Tentador.

Não.

## 20h01min

Janie comeu o sanduíche no ônibus. O engolindo com a água. Caminhou o quilômetro e meio da última parada de ônibus até a casa do Henry. Pelo menos não estava mais tão quente. E ainda havia luz o suficiente.

Os sons da floresta ao anoitecer eram mais altos do que durante o dia. Um mosquito voou furiosamente passando por ela, Janie tapeava seus braços e pernas enquanto caminhava. Ela havia sido devorada quando chegou a casa. Especialmente depois de caminhar a longa estradinha com grama.

Dentro da casa, estava decididamente mais fresco do que antes. Uma brisa decente assoprava por causa das árvores, a pequena casa já estava sob as sombras por horas.

“Ahh” Janie falou quando estava dentro da casa, à porta se fechou atrás dela.

Paz e tranquilidade. Uma pequena casa somente para ela. Janie olhou ao redor e imaginou como seria morar ali, sem temer os sonhos das outras pessoas.

Achando que Henry havia arrumado tudo da maneira correta. Controlando uma pequena loja pela internet, tendo sua serenidade e ninguém o incomodando além da motorista da UPS Cathy... E a Cathy nunca estaria dormindo.

Ela pensou no dinheiro que vinha guardando por anos. Incluindo os cinco mil da senhora Stubin. Ela pensou sobre a bolsa de estudos. Ela iria perdê-la se desistisse do trabalho. Se ela se isolasse. Mas sua visão não valia perder a bolsa de estudos?

Ela se perguntou se ainda poderia pagar pela faculdade se tivesse um pequeno trabalho pela internet.

Ou.

E se eu tipo que simplesmente... Herdasse um?

Sua pele se arrepiou.

E se ela assumisse tudo para o Henry – tomando conta dos negócios?

Ela olhou ao redor, sua mente um turbilhão. Inferno, ela praticamente já cuida da casa sozinha, com aquela mãe inútil – ela sabia como fazer aquilo. Pagar o aluguel, comprar comida... Alguém ao menos notaria, ou se importaria, se ela simplesmente tomasse conta do lugar?

“Por que não?” Ela sussurrou.



Janie tomou um gole de água de sua garrafa e simplesmente ficou sentada na velha cadeira, cercada pelos sons da noite, consumida por seus pensamentos. Repentinamente, a opção de isolamento no caderno verde da Senhora Stubin não parecia tão ruim.

“Eu poderia me acostumar a isso.” Ela falou suavemente para – felizmente – ninguém. “Nunca mais ser sugada para sonhos.” Ela sorriu, por que parecia delicioso.

E então ela parou.

“Talvez eu ainda possa ver o Cabe.” Ela sussurrou.

Ela imaginou aquilo, fazendo jantares à luz de velas ali, ou talvez o almoço se ele conseguisse sair das aulas. Ficando juntos algumas horas por dia... Namorando e conversando. Só que não nas horas de dormir.

Aquilo parecia bom.

Por cerca de cinco minutos.

E então ela pensou nos anos que estão por vir.

Não havia possibilidade de eles morarem juntos.

Não haveria bebês, nenhuma família, nunca. Janie não poderia arriscar aquilo se pretendesse manter sua visão – ter uma criança sonhando totalmente a arruinaria. Além do mais Janie não queria passar sua maldição de apanhadora de sonhos para mais ninguém.

Ela estava bem com aquilo.

Mas o que aquilo significaria para o Cabe?

Seu futuro nessas condições:

- Morar em outro lugar.
- passar algumas horas por dia namorando na pequena cabana
- nunca casar
- nunca ter filhos
- nunca passar a noite com a mulher que ele ama.

Ela imaginou o tempo que eles teriam juntos, como seria, dia após dia. Estagnada. Cabel aparecendo para suas duas horas obrigatórias, enquanto ele lidava com a escola, sua própria casa e o trabalho.

Janie sabia que seria um inferno para o Cabe.

Seria como as horas de visita no Lar Heather.

Eles iriam acabar falando sobre palavras cruzadas ou o tempo.

E ele faria isso também. Ele ficaria com ela. Mesmo sabendo que iria arruinar completamente sua vida.

Ele era esse tipo de cara.

Janie bateu com o punho contra o braço da poltrona.



Deixando sua cabeça cair para trás.

Sussurrando para a sala vazia.

“Não posso fazer isso.”

## 21h30min

Ela olhou as coisas do Henry. Os arquivos de negócios. Anotações, listas de compras. Panfletos sobre enxaqueca. E online uma grande lista de sites sobre medicina, juntamente com sites que ofereciam maneiras de lidar com a dor.

Ela se perguntou que se ele tivesse um plano de saúde, e se eles tivessem identificado o tumor, aneurisma, ou seja o que for, mais cedo... Se ela ainda o tivesse.

Mas ela não o teria conhecido dessa maneira.

Ela pensou sobre ele, arrancando os cabelos e segurando a cabeça. O olhar de agonia congelado no rosto dele. Se perguntando se ele ainda estava sentindo tanta dor, deitado indefeso na cama do hospital agora. Ela pensou sobre como ele implorou pela ajuda dela. Ela falou para as palavras holísticas na tela.

“Eu gostaria de saber como ajudar você Henry. Acho... espero que você parta logo, para que você se liberte de uma vez disso tudo.”

Janie soltou suas pernas quentes e suadas do plástico da cadeira da cozinha e olhou para a pequena sala de estar. O imaginando ali, naquela pequena e aconchegante casa, longe do barulho, e das pessoas.

Ela caminhou pela cozinha, onde a caixa que a Carrie havia encontrado ainda estava sobre o balcão. Janie estava tentada em olhar a caixa.

Olhar as cartas que quase acenavam para ela, na leve brisa passando pela janela aberta. Mas.

Havia duas coisas.

Ela não queria ler alguma carta íntima e melosa escrita por sua alcoólatra e pesarosa desculpa de mãe. E.

Ela não queria sentir pena do Henry, mais do que já sentia.

Ela já possuía dor o suficiente no coração, muito obrigado. Problemas o suficientes. E de conhecer pessoas que a entenderiam somente na hora de suas mortes.

Ela estava feliz em assumir as coisas ali. Mas ela não iria amá-lo. Era tarde demais para isso.

Ele já estava muito distante. E ela já possuía muita dor por vir.

Janie respirou fundo. Balançou a cabeça.

Colocou a caixa de volta no balcão onde Carrie a havia encontrado.

Ela arrumou a casa para que se parecesse como da primeira vez que a viu. Desligou o



computador, as luzes e ficou no escuro, escutando o silêncio. Desejando aquilo – ansiando por esse tipo de paz em sua vida. E sabendo agora que ela a poderia ter, assim que o Henry morrer. Esse lugar era onde ela poderia abaixar a guarda. E viver. Onde ela não precisaria se preocupar em cair no sonho de outra pessoa.

Algo bem no fundo dela ansiava por isso, mais do que por qualquer outra coisa. Até mesmo pelo Cabe.

Talvez fosse uma técnica de sobrevivência.

Ou talvez, seja como antes dela ter encontrado o Cabe, ela é apenas uma solitária. E sempre será uma.

As coisas certamente pareciam ser assim.

Então ela sentou novamente na velha cadeira, no escuro, naquele santuário.

Se perguntando o que sua vida aguardava.

Em como ela poderia cuidar da mãe, ou se ela tinha que fazê-lo – talvez a Dorothea precisasse se cuidar sozinha de agora em diante.

Talvez Janie a tenha protegido durante todo esse tempo.

Viver pacificamente daquele jeito. Mantendo sua visão. Ela olhou para os dedos. Eles lançavam longas sombras com a claridade que entrava pela janela. Janie mexeu os dedos e as sombras se batiam em seu colo.

Ela sorriu.

E ao mesmo a Capitã ficando desapontada, e retirando a bolsa escolar, ela sabia que a Capitã nunca iria culpar a Janie por querer ter uma vida normal. Janie sabia bem no fundo, que tudo ficaria bem.

Ela ia sentir falta da Capitã e dos rapazes.

Com certeza.

“Bem” ela falou suavemente para suas mãos, flexionando os dedos e os entrelaçando no colo. “Está decidido. Isolamento. Minha escolha.”

Deus era bom falar aquilo em voz alta.

Mesmo que fosse muito assustador.

Havia somente mais uma coisa que Janie precisava fazer antes de parar de apanhar sonhos de uma vez por todas. Um último quebra cabeças para resolver.

Parecia ser apropriado terminar dessa maneira.

Apesar de estar ligado ao pior sonho de toda sua vida.

Janie respirou fundo e deixou o ar escapar, fazendo seus lábios vibrarem. Ela estava assustada. Com mais medo de ir até o hospital, do que quando tinha que ir á festa na casa do Durbin. Mais assustada do que quando aquele garoto estranha chamado Cabel caiu no sono pela primeira vez na livraria da escola e sonhou com um homem monstro que tinha facas no lugar dos dedos.





Mas.

Mas.

Essa também era a última chance de dizer adeus de uma vez por todas para a Senhora Stubin.

Fechar a porta, como dizem. Era muito doloroso pensar sobre aquilo.

Mas Janie iria conseguir passar por aquilo, achar uma maneira de ajudar o Henry, e fazer isso de uma única vez, mesmo que a matasse.

Ãh...

Bem, esperando que aquilo não a matasse. Isso iria arruinar tudo. Sim.

*Henry*

**Ainda é segunda-feira.**  
**22h44min**

É uma caminhada longa e escura até a parada de ônibus. Relâmpagos quentes no céu. Um trovão faz um baixo estrondo e a umidade está densa. Sem chuva, entretanto.

Já basta com os mosquitos.

Janie lancha um sanduíche e uma barrinha energética. Estocando energia, se preparando para uma grande noite. Querendo saber se Henry ainda está vivo, mesmo.

**23h28min**

Os corredores estão calmos, como de costume, e as portas estão fechadas. Janie acena para o Enfermeiro Miguel e se aproxima da mesa.

"Alguma coisa nova?"

Miguel balança a cabeça. "O médico pensa que não vai demorar", diz ele.

Janie acena. "Provavelmente, vou passar a noite... sentar com ele. Ok? "

"Claro que sim, querida" diz ele. Ele desce por trás do balcão. "Aqui está um cobertor no caso de você ficar com frio. Você provavelmente sabe da cadeira reclinável, certo? "

Janie não sabe, mas ela balança a cabeça de qualquer maneira, pegando o cobertor. "Obrigada." Ela continua a descer o corredor para o quarto de Henry. Fica lá por um momento,



tomando algumas respirações profundas. "É este", ela diz baixinho, e então ela abre a porta. Empurra ela rapidamente para trás enquanto ela vai para baixo.

É diferente desta vez.

Desta vez, Janie é jogada diretamente no pesadelo. Ela está em um local familiar, com Henry gritando: "Me ajude! Me ajude!" De novo e de novo. Ele se vira para Janie quando ela se aproxima e ele continua a gritar com ela. A Senhora Stubin está em pé, perto de Henry, esperando pacientemente para que termine. Mesmo em seu estado divino, se é que ela está, ela parece cansada.

Janie não perde tempo. "Henry", ela grita. "Eu quero te ajudar! Estou aqui para ajudá-lo. Mas eu não sei o que fazer. Você pode me mostrar? "

Não há como pará-lo.

Janie vira para a Senhora Stubin. "Por que você não sai?"

"Eu não posso. Não até que ele esteja pronto para vir comigo."

Janie resmunga, percebendo agora que ela é responsável não apenas pela histórica paz de seu pai quase morto, mas também pela felicidade da sua amada Senhora Stubin. Ela coloca as mãos nos ouvidos. Frustrada, a inquietação crescendo por causa da gritaria. É irritante, na verdade. E doloroso. Todo o seu corpo começa a doer.

Henry se levanta e caminha até Janie e ela dá passos para trás, ficando tensa, preocupada que ele vá agarrá-la, a estrangular, mas ele não faz isso. "Me ajude! Me ajude!" Ele grita no ouvido dela, fazendo seus ossos chacoalharem pela intensa altura. Ela anda e ele a segue. Sua voz é suplicante. Ele fica de joelhos e agarra a mão de Janie, puxando ela, chorando. Implorando por ajuda.

Sua voz irregular aumenta, fora do controle.

Janie não sabe o que fazer. Ela grita de volta para ele: "Diga-me o que fazer!"

O choro de Henry aumenta ainda mais.

A Senhora Stubin espera e observa, com os olhos cheios de piedade.

"Eu não acho que ele possa", diz ela, mas Janie não pode ouvi-la.

Janie sabe que ela não pode aguentar por muito mais tempo. Ela não pode se mover. Seu corpo físico saiu dela, e seu corpo no sonho grita em sua própria dor. Não há nada que ela possa fazer por Henry. . . Nada.

Nada do que ela possa pensar.

Ela se vira para a Senhora Stubin. "Você pode tentar? Como da última vez? "

A Senhora Stubin acena. Ela se aproxima de Henry. Quando ela anda, é como se ela estivesse deslizando facilmente através do assoalho.

"Henry", diz ela. Ela coloca a mão em seu ombro.



Seus gritos vacilam.

A Senhora Stubin está concentrada. Fala com ele com sua mente. O acalma.

A voz áspera de Henry desaparece.

A Senhora Stubin o leva de volta para sua cadeira e acena para Janie vir.

"Assim," Senhora Stubin diz, sorrindo. "É realmente muito mais fácil dessa maneira, Henry".

Henry pega um punhado de seu cabelo. O mostra à Janie.

Janie acena. "Sua cabeça dói, não é?"

"Sim", diz ele, adulando, como se falar com calma fosse difícil para ele. "Sim, dói."

"Eu não sei o que fazer", afirma Janie. "Você sabe como eu posso ajudar?"

Henry olha para Janie. Ele sacode a cabeça. "Eu só quero morrer", diz ele. "Por favor. Podem ajudar-me a morrer?"

"Eu não sei. Eu vou... Eu vou tentar. Eu não posso fazer nada ilegal. Você entende?"

Ele acena.

"Onde nós estamos?" Janie pergunta. "Este é o seu sonho? Este ginásio escuro? É isso?"

Henry se levanta. "Por aqui." Ele chama as duas para segui-lo. Abre as portas duplas que levam para fora do ginásio. Eles andam através do corredor. Há portas nos dois lados.

Eles entram no primeiro quarto.

É uma sinagoga<sup>14</sup>.

Um menino está agitado em seu lugar. Seu pai, próximo a ele, o repreende.

"É você, o menino, não é?" Janie pergunta.

"Sim".

"Uma lembrança?"

"Mais ou menos. Esse é o meu sonho — minha vida, mais e mais."

Eles vão para a sala seguinte. As pessoas estão enfileiradas do lado de fora. Henry, a Senhora Stubin e Janie se espremem passando pela fila de pessoas e entram. É uma pizzaria. Eles andam passando pelas mesas cheias com pessoas comendo, rindo, vão para a cozinha, para o frigorífico. Lá, Henry está inclinado em um canto com uma garota. Beijando.

Janie olha espantada. "Quem é aquela?"

Henry olha para Janie. "Aquela é a Dottie".

"Você quer dizer Dorothea? Dorothea Hannagan?"

---

<sup>14</sup> Sinagoga é o local de culto da religião judaica, sendo desprovido de imagens religiosas ou de peças de altar e tendo como o seu objeto central a Arca da Torá.



Janie não pode crer, mesmo sabendo que provavelmente havia alguns beijos envolvidos em alguma parte.

"Sim." Ele suspira. "O verdadeiro amor da minha vida."

Janie quer amordaçá-lo.

A Senhora Stubin interrompe. "Nos diga o que aconteceu, Henry. Entre você e a mãe de Janie. Você irá?"

Ele parece cansado. E está frio lá dentro. "Não há muito a dizer."

"Por favor, Henry," Janie diz. Ela quer ouvir ele dizer isso. Quer a validação de que ela está fazendo a coisa certa.

"Nós trabalhamos juntos em Chicago um verão — ela estava no colégio, eu estava na Universidade de Michigan. No outono, voltei para Michigan. Ela saiu da escola e me seguiu. Nós vivemos juntos. Foi terrível. Os sonhos. Eu tive que escolher — com ela, miserável, ou ser capaz de funcionar, sozinho." Ele começa a puxar os cabelos novamente. "Oh, inferno", ele diz. "Ela está voltando."

"Então, você apenas deixou ela cuidar de si mesma? Você sabia que ela estava grávida?"

"Eu não sabia." Sua voz fica mais alta, como se ele estivesse tentando falar sobre o barulho em sua cabeça. "Janie, eu não sabia. Sinto muito. Enviei-lhe dinheiro. Ela não iria pegá-lo. Eu sinto muito." Ele agacha-se, a cabeça nas mãos.

"Você está feliz por ter feito isso? Feliz por estar se isolando?" Janie se abaixa por ele, ansiosa para obter respostas agora.

"Me ajude", ele grita. "Me ajude!" Ele pega sua camiseta. "Por favor, Janie, por favor, por favor me ajude! Me mate! Por favor!"

Janie não sabe o que fazer. A Senhora Stubin tenta desesperadamente acalmá-lo, mas nada funciona.

"Você está feliz?" Janie grita. "Você está? Foi a melhor escolha? "

"Não há uma melhor. É uma Morton's Fork." Ele cai no chão com um grito. "Me ajude! Oh, Deus. Me ajude! "

Janie olha para a Senhora Stubin com horror e vê as rachaduras na cena. Pedacos do sonho começam a desaparecer. Ela pode ouvir a estática à distância.

"Merda", diz ela. "Eu não posso ficar nisso."

"Vá!" A Senhora Stubin diz.

Eles dão as mãos por um momento. Olham nos olhos uns dos outros, Janie tentando desesperadamente comunicar que não vai voltar.

Não tem certeza se eles traduzem.



Mas é hora de ir embora, antes que ela fique presa aqui de novo.

Janie se concentra e com toda sua força, irrompe através da barreira dos sonhos.

Enquanto Janie está no chão, tremendo, tentando se mexer, tentando sentir a sua pele, tentando ver, tudo o que consegue pensar é o olhar no rosto da Senhora Stubin e do completo, sem esperanças, desespero de Henry, vencido por seus próprios demônios.

*Oh.*

*Senhora Stubin.*

*Que maneira horrível de dizer adeus para sempre.*

Lentamente, exausta, Janie puxa-se para a cadeira ao lado da cama de Henry. Suas articulações, até os dentes, doem, e ela se pergunta o que acontece com seu corpo quando ela está em um pesadelo como esse.

Mas isso não importa agora.

Ela está cansada deles.

Janie se enrola no cobertor para ajudar seu corpo a parar de tremer incontrolavelmente. Ela mal consegue olhar para o rosto do pobre Henry. Em algum momento desde que ela chegou aqui, Henry puxou a si mesmo em uma posição fetal, com as mãos na cabeça, como se fosse para se proteger dos terríveis monstros invisíveis que o levaram como refém. Janie vai até ele. Toca sua mão. Segura ela.

Ela implora com ele. "Por favor, por favor, apenas morra. Por favor." Sussurra repetidamente, implorando para que Henry fosse, implorando seus captores invisíveis para deixá-lo ir. "Eu não sei como ajudá-lo." Ela enterra o rosto nas mãos. "Por favor, por favor, por favor..."

As palavras roçam no ar em padrões rítmicos, como galhos de salgueiro fazendo calar as ondas na costa do Lago Fremont.

Mas Henry não morre.

Meia hora se passa no relógio. Parece como um outro mundo real na escuridão, no quarto quieto, como se eles estivessem em um mundo cortado do resto do mundo. Janie lancha o último sanduíche de sua mochila, tentando recuperar alguma força, e então ela começa a falar com seu pai para ajudar a passar o tempo.

Ela conta a Henry sobre Dorothea, escolhendo cuidadosamente suas palavras, para não dizer nada muito negativo — ela sabe que Henry não precisa ouvir coisas negativas em sua condição. Janie fala sobre ela mesma, também. Conta para ele coisas que ela nunca disse a ninguém, como o quão sozinha ela foi.

Ela lhe diz que ela não está brava com ele por não saber sobre ela. E ela fala sobre sua secreta vida de apanhadora de sonhos, que ela é exatamente como ele. Que ela entende. Que ele não é louco — e ele não está sozinho. Tudo vem depressa para fora — apanhar sonhos, seu



trabalho, A Senhora Stubin, e o plano de Janie de parar com os todos os sonhos e ter uma vida tranquila como Henry.

"Estou fazendo isso também, Henry", diz ela. "Eu estou isolando, como você. Você provavelmente não sabia da real escolha, não é? Sobre a cegueira e a perda de suas mãos."

E então Janie diz a Henry que ela entende porque ele fez o que fez a Dottie, mesmo que ele a amasse tanto. Ela entende que a escolha é horrível. Ela conta para ele sobre Cabe. Como o quão bom ele é, o quão paciente. Como ela está dividida sobre o que o plano de isolamento significa.

Como ela está com medo de dizer para ele.

Dizendo adeus.

É incrível, ter alguém que é exatamente como ela.

Alguém que entenda.

Mesmo que ele seja incapaz de responder.

De repente, Janie sente que perdeu muito tempo nos últimos dias, quando ela poderia ter estado aqui por Henry.

Ela diz a ele o quão difícil foi, descobrindo todas essas coisas em poucos dias, e ela chora um pouco.

Ela fala noite adentro.

Fala até que ela tenha esvaziado a sua alma.

O rosto de Henry não muda. Ele não se mexe de qualquer forma.

Quando Janie está muito cansada para pensar ou dizer outras palavras, ela deixa-se levar pela imaginação, encolhida na cadeira.

Tudo está quieto.

## 04h51min

Ela sonha.

Janie está em seu quarto, sentada na cama, desorientada. Sua língua está seca, ressecada, e ela molha os lábios. Sua língua deixa uma película sobre os lábios — parece áspero como areia. Quando Janie alcança para enxugar a aspereza, os lábios dela cedem. Seus dentes caem e pedaços minúsculos rompem em sua boca. Desintegrando. O toco afiado continua cortando sua língua.

Horrorizada, Janie cospe em suas mãos. Pedacos de dentes desintegrados saem. Janie continua cuspidando e cada vez mais, cacos de dentes se acumulam em suas mãos. Freneticamente, Janie olha para cima, sem saber o que fazer. Quando ela move os olhos, tudo está embaçado. Quase transparente. Como se ela estivesse tentando ver em um espelho



embaçado ou uma cachoeira. Ela despeja seus dentes na cama, esquecidos, e limpa seus olhos, tentando limpá-los, tentando ver. Mas ela está cega.

"Eu estou isolada," ela chora. "Eu não tenho que ficar cega! Não! Eu não estou pronta!" Janie arranha seus olhos, e depois percebe que ela tem fendas — buracos em seu rosto — perto de cada olho. Algo está saindo de cada um.

Janie pega o que quer que isso seja, e puxa.

Lascas de sabão deslizam pelas fendas.

Os olhos de Janie coçam e queimam como um louco. Ela bate violentamente neles e puxa mais pedaços de sabão para fora, mas as peças parecem reproduzir-se. Enquanto ela puxa para fora lascas de sabão, ela passa a língua sobre os irregulares restos de dentes, sentindo o gosto do sangue.

"Não!", ela chora.

Finalmente, ela puxa o resto do sabão e ela pode ver novamente. Ela olha, aliviada.

E lá.

Sentado em sua cadeira. Assistindo Janie com um olhar de calma em seu rosto.

Henry.

Janie olha para ele.

E começa a aparecer para ela, depois de um minuto, o que ela deveria fazer.

"Me ajude. Me ajude, Henry."

Henry parece surpreso. Obediente, ele se levanta e se aproxima de Janie. Janie mostra-lhe o punhado de dentes.

"Você pode me ajudar a mudar isso, você sabe. Está tudo bem se eu colocá-los de volta?"

Os olhos de Henry falam. Eles estão cheios de encorajamento. Ele acena.

Janie sorri um sorriso doce. Acena de volta. Empurra os dentes de volta no lugar como se fossem peças de Lego. Quando ela termina, ela dá um tapinha na cama e sorri.

Henry se senta. "Você é igualzinha a mim", diz ele.

"Sim."

"Eu ouvi você, todas as coisas que você me disse. Sinto muito."

"Eu estou feliz. Feliz por você ter ouvido, eu quero dizer. Você não tem que lamentar. Você não sabia." Ela olha a cadeira vazia de Henry.

Ele se vira para ela. "Eu acho... Eu acho que teria gostado de conhecer você."

Janie engasga um soluço.

Ele pega a mão dela. "Eu sinto falta dela. Dottie. Ela é boa para você? Uma boa mãe?"

Ela olha para a mão dele por um longo minuto. Não tem certeza do que dizer sobre isso.



Finalmente, ela dá de ombros. Diz: "Eu me saí bem." Olha para o rosto de Henry.

Sorri um sorriso torto em meio às lágrimas.

## 06h10min

A porta do quarto de Henry na UTI abre.

É a enfermeira do primeiro turno, verificando os sinais vitais. Janie acorda assustada, senta-se e esfrega os olhos.

"Não se preocupe comigo", diz a enfermeira, verificando o pulso de Henry. "Parece que você poderia usar um pouco mais o sono."

Janie sorri e se alonga. Ela olha para Henry, lembrando. Foi estranho, ter alguém em seu sonho pela primeira vez. Então, ela suga a respiração, surpresa, e dar um salto em seus pés para dar uma olhada melhor.

"Ele está —", ela diz para a enfermeira que se vira para sair. "Ele parece diferente. Seu rosto."

A enfermeira olha de relance para Henry e checa sua tabela. "Será que ele?" Ela sorri, distraída. "Melhor, eu espero."

Mas Janie está olhando para Henry. Sua postura relaxou, seu rosto não está mais tenso, as mãos estão estendidas e agora descansa suavemente pelo seu rosto. Ele parece pacífico. A agonia se foi.

A enfermeira dá de ombros e sai. Janie continua olhando, emocionada ao vê-lo parecendo melhor, esperando que ele não esteja mais tendo os pesadelos horríveis. Pergunta-se brevemente se há uma chance de que ele possa sair dessa.

Sabe que há uma melhor chance que ele vai finalmente irá morrer.

## 06h21min

Janie, com um plano, vai para o banheiro privado de Henry e fecha a porta. Ela sabe que ela não tem muita força, mas fechando a porta é uma burrice se ela ficar presa

Ela abre a porta e é sugada. Lentamente. Gentilmente. Sem estática, sem paredes brilhantes batendo nela.

É apenas um ginásio escuro, apenas uma mancha de luz jorrando pela janela alta.

O corredor de quartos está vazio agora.

A Senhora Stubin, Henry, ambos se foram.

Tudo o que resta é cadeira de Henry.

E na cadeira, uma nota.

Minha querida Jane,





Tem sido exigido muito de você. E ainda assim, você permanece mais forte do que você pensa.

Até nos encontrarmos novamente,

Martha

P.S. Henry quer que você considere a Morton's Fork.

06h28min

Janie fecha a porta de seu último sonho.

Quando ela se sente capaz, ela escapa do sonho de novo e se arrasta pelos corredores e para fora, para a parada de ônibus, pega o ônibus para casa, e cai na cama.

## *Terça-feira*

**8 de Agosto de 2006**

**11h13min**

Janie acorda, suando como uma maratonista. Seu rosto está preso à sua fronha. Seu cabelo está encharcado. Está fazendo pelo menos 450 graus em casa.

E ela está morrendo de fome.

### MORRENDO DE FOME.

Ela tropeça até a cozinha e pára na geladeira, comendo tudo o que pode encontrar. Ela pressiona o jarro de leite frio contra o seu rosto para resfriá-lo antes de tomar um longo gole de leite. E então ela pega um cubo de gelo e passa por todo o seu pescoço e por seus braços.

"Deus Todo-Poderoso", ela murmura, pegando uma vasilha de sobras de espaguete com almôndegas. "Eu preciso de ar!"

Quinze minutos depois, ela está no chuveiro, a temperatura da água no frio. É quase frio demais, mas Janie sabe que no minuto que ela sair de lá, ela vai começar a transpirar novamente, então ela mantém a configuração no frio.

Quando ela desliga a água e sai do chuveiro, ela ouve a voz de sua mãe, falando ao telefone. Janie congela e escuta por um minuto e, em seguida enrola uma toalha em torno de si, segurando-a em seu peito e abre a porta do banheiro, os cabelos escorrendo no chão.



Dorothea, na sua camisola, desliga o telefone. Se vira para olhar para Janie, o rosto abatido e com aparência velha. Pálida, como a lua.

"Ele está morto", ela diz simplesmente. Encolhe os ombros. "É sobre o tempo."

Vai se arrastando de volta para seu quarto, mas não antes de Janie poder ver o lábio de Dorothea tremer.

Janie está no corredor, pingando, sentindo-se entorpecida.

"Ele está morto", ela repete.

É como se o som de sua voz fizesse com que se tornasse real. Janie se inclina para trás contra a parede do corredor e desliza para baixo até que ela fique sentada no chão. Ela inclina a cabeça para trás até que ela bata contra a parede.

"Meu pai está morto."

Ainda entorpecida.

Está acabado.

Depois de alguns minutos, Janie se levanta e caminha até o quarto de sua mãe, não se incomodando em bater. Dorothea está chorando em sua cama.

"Então. O que precisamos fazer?" Janie pergunta. "Quero dizer, tipo, as coisas do funeral."

"Eu não sei", diz Dorothea. "Eu disse a eles que eu não quero ter nada a ver com isso. Eles podem simplesmente resolver isso. "

"O quê?" Janie sente como se estivesse gritando.

Ela se move para chamar o hospital sozinha, mas depois pára. E se volta para a mãe.

E diz em uma voz demasiadamente calma, "Ligue de volta para eles e diga que Henry é judeu. Ele precisa ir para uma funerária Judaica."

Janie olha de relance para o armário esparso de Dorothea.

"Você ainda tem um único vestido decente, Mãe? Você tem? "

"Pra quê eu preciso de um vestido?"

"Para o funeral", Janie diz com firmeza.

"Eu não estou indo ao funeral", diz Dorothea.

"Oh, sim, você está." Janie está chateada. "Você definitivamente está indo ao funeral do meu pai. Ele te amou, durante todos esses anos. Você pode não entender por que ele te deixou, mas eu entendo, e ele ainda te ama!" Janie engasga em seu erro. "Ele te amava," diz ela. "Agora vá ligar para o hospital antes que façam alguma coisa com ele. E depois ligue para a funerária - o hospital deve ser capaz de recomendar um."

Dorothea olha confusa, assustada. "Eu não sei os números."

Janie olha friamente.



"O que você é, uma desgraçada de oito anos de idade? Procure."

Ela sai trovejando do quarto e bate a porta.

"Deus", ela murmura, frustrada, enquanto ela passa pelo corredor e entra em seu quarto.

Ainda vestindo uma toalha, Janie procura algumas roupas em seu armário, joga elas na cama, e depois passa um pente por seu cabelo molhado e bagunçado. Ela ouve a mãe pela porta aberta. Poucos minutos depois, Janie pode ouvir Dorothea gaguejando ao telefone. Janie cai pesadamente de volta na cama, suando no calor de novo.

Dane-se.

"Henry", Janie diz.

Ela chora por tudo o que poderia ter sido.

## **12h40min**

Janie puxa a mala do armário.

Sobe para o sótão para procurar caixas.

Ela terá que mover suas coisas mais devagar porque ela tem que pegar o ônibus e caminhar.

Se pergunta brevemente se as chaves do Station Wagon de Henry estão penduradas em algum lugar óbvio de sua pequena casa. E então veta o plano. Poderia realmente parecer roubo se ela parasse no acostamento. Não faz sentido morrer pouco antes de recomeçar sua vida, também.

Ela enche sua mochila com roupa e pega a mala.

Sai porta afora.

## **13h29min**

Janie coloca suas coisas no meio da cabana e se senta na mesa de Henry para escrever uma lista de coisas que deve fazer:

Passar pelo funeral primeiro

Encontrar o aluguel e o endereço do proprietário para os pagamentos do aluguel

Descobrir se os utilitários estão incluídos, ou se eu devo pagar

Limpar a casa

Estudar a história da loja on-line para descobrir o que vender

Molhar o jardim!! E os vegetais congelados

Trocar para Internet a cabo se não for muito caro

Contar para a Capitã o plano



## Contar para Cabe

Ela pára de escrever e olha para as duas últimas palavras.

Joga a caneta na parede. Bate com os punhos na mesa. Empurra a cadeira para trás com tanta força que vira. Fica no meio do quarto e grita para o teto.

"Minha vida é uma merda do caralho, a pior de todas! Como você pode me forçar a escolher? Como você pode fazer isso comigo? Você pode me ouvir? Alguém?"

Ela cai de joelhos, cobre a cabeça com os braços, e se inclina para frente em uma bola.

Soluços rompem por toda a casa, mas ninguém está lá para ouvi-la.

Não há um conforto aqui.

## 15h57min

Janie olha para fora da janela do ônibus, rosto contra o vidro, olhando Fieldridge passar.

Enquanto ela anda até a parada de ônibus da casa de sua mãe, ela liga para ele.

"Hey", diz ele.

E de repente, Janie não pode falar. Em vez disso, um som distorcido vem de sua garganta.

## 04h43min

Cabel bate na porta. Ele está carregando um vaso de plantas e uma caixa da padaria do supermercado.

"Hey", diz ele. "Eu não tive tempo para fazer para você, tipo, uma caçarola ou qualquer outra coisa. Mas eu parei na loja e lhe trouxe isto. Sinto muito, Janers."

Janie sorri e seus olhos se enchem. Ela pega a caixa e as plantas, coloca a planta perto da janela.

"É realmente bonito", diz ela. "Obrigada."

Ela abre a caixa. "Oh, uau, donuts." Ela ri e vai para ele. Abraça ele apertado. "Você é o melhor, Cabe."

Cabel encolhe os ombros, um pouco envergonhado.

"Achei que donuts seria uma comida caseira. Mas vou arranjar algumas senhoritas para jantar, também, para que você não tenha que mexer com isso. "

Janie balança a cabeça, perplexa. "Para quê?"

"Isso é o que você faz quando alguém morre. Você traz para eles caçarolas e KFC<sup>15\*</sup> e merda. Charlie tem todos os tipos de alimentos, quando meu pai morreu no xilindró, e ninguém sequer gostava de meu pai. Eu estava no hospital, mas Charlie me trouxe alguns... Deus, estou divagando." Cabel arrasta seus pés. "Eu vou só calar a boca agora."

---

<sup>15</sup> O KFC ou Kentucky Fried Chicken é uma rede de restaurantes de comida rápida estadunidense.



Janie abraça ele fortemente de novo. "Isso é realmente estranho."

"Yeah," ele diz. Ele afaga os cabelos dela. Beija sua testa. "Eu realmente sinto muito sobre Henry."

"Obrigada, quero dizer, todos nós sabíamos que ele ia morrer. Ele na verdade é apenas um estranho." Janie diz. Mente.

"Entretanto", diz Cabel. "De qualquer forma, ele é seu pai. Você se sente mal, não importa o quê."

Ela encolhe os ombros. "Eu não posso..." Diz ela.

Não quer ir lá. Ela tem outras coisas imediatas para pensar agora.

Como ter sua mãe, bêbada, vestindo uma camisola para um funeral.

## 17h59min

Em vez de aquecer a casa ainda mais cozinhando, Cabel pega o jantar. Aparentemente, o cheiro de frango frito e biscoitos penetra no Portal da Tristeza, enquanto Dorothea aparece e colabora silenciosamente para comer antes de retirar-se novamente.

O diretor da funerária liga. Janie primeiro escreve as coisas freneticamente, em seguida, discute as opções de acordo com ele. Ela está aliviada em saber que os judeus têm os seus funerais o mais rapidamente possível. Isso satisfaz bastante ela. E sem entrar em contato com os parentes, eles colocam o serviço para a manhã seguinte, às onze horas.

Depois que ela desliga, Janie pega o cesto de roupas e junta algumas outras sujas para a lavanderia. Ela empurra o carrinho em Cabel, e então ela se lembra que prometeu à Cathy uma nota. Ela rabisca em um pedaço de papel e o entrega à Cabe, junto com um rolo de fita adesiva.

"Você pode dirigir até a casa de Henry e colocar isso na porta da frente?"

"Sem problemas", diz ele. Ele sai, enquanto Janie passa um vestido e depois limpa a poeira de um par das antigas, nitidamente, raramente usados.

"Não é justo", ela murmura. "Totalmente que não."

## 20h10min

Cabe aparece na porta da frente com a roupa-nova, limpa, e quase, uma espécie de dobrada.

"Nota sobre a porta, e o serviço de lavanderia está acabado."

Janie sorri e leva a cesta. "Obrigado. Você é maravilhoso. "

Cabel sorri. "A roupa não é o meu forte na área de especialização, mas eu consigo. Posso ficar com as calcinhas?" Ele sorri e volta para fora da casa.

"Uh... você terá que perguntar à minha mãe." Janie ri.

Cabe encolhe-se.



"Oof. Merda e ugh. Hey, eu vou deixar você fazer outras coisas.. e dar-lhe o seu espaço. Chame-me se você precisar de mim. Eu vou pegar vocês amanhã para o funeral, se você quiser."

"Obrigada", diz ela. "Sim, isso seria ótimo."

Janie o observa ir.

## *Quarta feira*

**9 de Agosto de 2006**

**08h46min**

Cabel bateu na porta.

"Sinto incomodar você." Ele falou. "Estou tentando não incomodar. Sei que você precisar de espaço. Mas aqui tem um pequeno café da manhã, para que você não precise se preocupar com isso."

Janie mordeu seu lábio inferior. Pegando a bandeja.

"Obrigado."

"Volto depois." Ele caminhou pelo quintal voltando para casa.

Janie bateu com firmeza na porta do quarto da mãe.

"O que é agora?"

"Mãe? Tenho café da manhã para você." Ela falou através da porta fechada. "Foi o Cabel que fez. Ele vai voltar aqui às dez e meia para nos pegar para o funeral, então você precisa se aprontar."

Silêncio.

"Mãe."

"Apenas coloque sobre a cômoda."

Janie entrou. Dorothea Hannagan estava sentada na beirada da cama se balançando para frente e para trás.

"Você está bem?"

"Coloque lá e dê o fora daqui."



Janie olhou para o relógio, colocou o prato sobre a cômoda e deixou o quarto, com um mau pressentimento em seu peito.

Ela entrou no chuveiro e deixou a água fria cair sobre ela. Não estava tão quente lá fora hoje. Isso seria um alívio durante o funeral, ao ter que ficar junto à cova sob o sol.

Janie somente havia estado em outro funeral em sua vida – o de sua avó em Chicago a muito tempo atrás. Aquele havia sido em uma igreja, com muito estranhos com cabelos azuis. Eles tiveram pão com presunto, biscoitos doces e suco de laranja depois do funeral, ela lembrava, e Janie havia corrido ao redor do porão da igreja junto com um bando de primos distantes até que as pessoas mais velhas os fizeram parar. Aquilo era tudo o que a Janie lembrava.

Janie escolheu um serviço de funeral para o Henry.

É difícil as pessoas caírem no sono quando estão em pé do lado de fora.

Até mesmo as bêbedas.

## 09h39min

Janie bateu timidamente na porta do quarto da mãe.

Não houve resposta.

“Mãe?”

Com apenas quarenta minutos até o Cabel ir buscá-las Janie começou a ficar nervosa.

“Mãe.” Ela falou mais alto dessa vez. Por que tudo tinha que ser tão difícil.

Finalmente Janie abriu a porta. Dorothea estava sentada na casa, com um copo de vodka na mão. Seu cabelo ainda estava oleoso. Ela ainda usava a camisola.

“Mãe!”

“Eu não vou.” Dorothea falou. “Não posso ir.” Ela se dobrou, passando o braço ao redor do estômago como se estivesse com dor, ainda segurando o copo. “Estou doente.”

“Você não está doente, está bêbada. Leve o seu traseiro para o chuveiro – agora.”

“Não posso ir.”

“Mãe!” Janie estava perdendo a paciência. “Deus! Por que você tem que fazer isso? Por que tem que fazer tudo ficar tão difícil? Estou abrindo o chuveiro e você vai entrar embaixo dele.”

Janie seguiu para o banheiro e abriu a água. E correu de volta para o quarto da mãe e tirou a bebida da mão da Dorothea. O colocou com força sobre a cômoda espalhando o líquido sobre a mão. E puxou a mãe pelo braço.

“Vamos! Eles não vão atrasar o funeral por sua causa.”

“Não posso ir!” Dorothea falou, tentando soar firme. Mas seu corpo magro não era páreo para a força da Janie.



Janie puxou a mãe até o banheiro e para baixo do chuveiro, ainda usando a camisola. Dorothea gritou. Janie pegou xampu, lavou o cabelo da mãe. Estava tão oleoso que não resolveu. Janie pegou outra mão cheia e tentou novamente.

Dorothea tentou agarrar a Janie jogando água em seu vestido. Janie segurou a cabeça da para trás, deixando a água escorrer sobre ela, enxaguando o xampu.

“Você estraga tudo.” Janie falou. “Não vou deixar você arruinar isso. Agora.” Janie falou enquanto fechava a água e pegava uma toalha. “Tire essa camisola ridícula e vá se secar. Eu não posso acreditar que isso está acontecendo. Estou tão cansada disso.”

Janie se virou abruptamente e marchou na direção do quarto, completamente ensopada, para procurar outra coisa adequada para vestir.

Tudo o que Janie podia escutar era o arrastar no banheiro. Ela passou a escoava pelo cabelo e concertou sua maquiagem ensopada. Então ela seguiu até o quarto da Dorothea pegar um vestido e roupas de baixo e os levou até o banheiro. Encontrando a mãe ainda se secando.

Janie olhou para a mãe, um rato molhado, tão magra que os ossos se salientavam sob a pele. Seu rosto estava cansado e abatido.

“Vamos mãe.” Janie falou suavemente. “Vamos arrumar você.”

Dessa vez Dorothea seguiu calmamente, e na luz fraca do quarto Janie ajudou a mãe a se vestir. Escovou seu cabelo, o prendendo em um coque. Acendeu a luz e aplicou um pouco de maquiagem nela.

“Você possui maçãs do rosto bonitas.” Janie falou. “Você deveria usar o cabelo preso mais vezes.”

Dorothea não respondeu, mas seu queixo se ergueu um pouco. Ela molhou os lábios.

“Vou precisar do resto daquele copo.” Ela falou baixo. “Se vou ter que passar por isso.”

Janie olhou a mãe nos olhos, e o olhar da Dorothea seguiu até o chão.

“Não estou orgulhosa disso, mas é a verdade.” O lábios da Dorothea se torceram.

Janie assentiu. “Tudo bem.” Ela se virou quando escutou o carro do Cabel parando em frente à casa e a porta da frente abrir. “Nós já vamos!”, ela gritou.

“Sem pressa senhoras. Eu que estou alguns minutos adiantados.” Cabel falou.

Dorothea bebeu a vodka em dois goles e estremeceu. Suspirou, mas aquilo soou mais como um fardo do que um alívio. Ela pegou a garrafa de vodka sobre a mesa de cabeceira e revirou sua bolsa retirando o cantil. Ela o encheu recolocando a tampa.

Janie não falou nada.

Dorothea fechou a bolsa e se virou para Janie. Janie a ajudou a colocar os sapatos.

“Pronta?” Janie perguntou. “Depois de você.”

Dorothea assentiu. Ela caminhou instável pelo corredor.

Cabel sorriu quando as duas se aproximaram. Ele estava usando um terno cinza escuro e





parecia incrível nele. Seu cabelo estava penteado e ainda úmido, se curvando junto ao colarinho.

“Eu sinto muito a sua perda Sra.Hannagan.” Ele falou. Oferecendo seu braço para ela.

Dorothea pareceu surpresa por um minuto, mas ela se recuperou e segurou o braço enquanto ele a guiava até a porta e para fora até o carro.

“Obrigada.” Ela falou com uma rara dignidade.

## 10h49min

Eles chegaram cedo ao cemitério. O local da sepultura era obvio pela pilha de terra, o caixão de pinho, o rabino e os trabalhadores do cemitério. Havia varias outras pessoas paradas calmamente ao redor. Cabel parou o carro no acostamento da rua estreita.

Janie saiu do carro e ajudou a mãe sair do banco da frente. Os três caminharam juntos enquanto o rabino seguia para cumprimentá-los.

“Bom dia.” Ele falou. “Sou o Rabino Ari Greenbaum” ele estendeu a mão.

Janie a segurou. “Sou Janie Hannagan. Essa é minha mãe Dorothea Hannagan, e meu amigo Cabel Strumheller. Sou a filha do falecido.” Ela estava orgulhosa por não ter gaguejado durante as apresentações, mas ela vinha praticando em sua mente. “Obrigada por nos ajudar com isso. Nós... nenhum de nós é judeu. Não, praticante pelo menos. Eu acho.” Ela ruborizou.

O rabino sorriu calorosamente, aparentemente sem se incomodar com a notícia. Ele se virou e eles caminharam juntos até o local do enterro. O rabino Greenbaun repassou os detalhes da cerimônia e entregou para cada um deles um cartão com o salmo 23.

Dorothea olhou para as palavras no cartão. E para o caixão. Fazendo uma careta. Sua boca se retorceu, mas ela permaneceu calada.

Os estranhos se aproximaram e pararam ao redor do caixão – muitos homens, e algumas mulheres também.

“Da minha congregação.” O rabino explicou. “Os homens preparam o corpo do seu pai para o enterro e sentam junto ao corpo durante a noite, então serviram como pallbearers<sup>16</sup> e carregaram o caixão até aqui.”

Janie olhou para ele agradecida. Achando tudo muito estranho, mas de uma certa maneira bonito também.

Era muito gentil dessas pessoas fazerem aquilo, e arrumar tempo para comparecer ao funeral de um estranho.

Eles pararam ao redor da cova e esperaram. Até mesmo os pássaros estavam calados enquanto eles se aproximavam da hora mais quente do dia.

Janie olhou para o buraco. Vendo uma fina raiz de árvore, recentemente cortada, branca e apontando para fora da terra. Ela imaginou o caixão no fundo do buraco, sob toda aquela terra pesada, as raízes crescendo e se enrolando nele, o confiscando, quebrando a madeira e

<sup>16</sup> Participantes dos velórios encarregados de levar o caixão até o local do enterro.



chegando ao corpo. Ela balançou a cabeça para limpá-la e passou a olhar para o céu azul.

Atrás dela, Janie escutou mais carros se aproximando. Ela se virou para olhar e viu duas viaturas. O sargento Baker, Cobb e Rabinowitz saindo de uma delas usando seus uniformes. Atrás das viaturas estava um sedã preto que a capitã saiu.

Charlie e Megan Strumheller estavam logo atrás, ainda bronzeados da semana no lago. Então Ethel estacionou com a Carrie e o Stu.

Janie chorou um pouco. À distancia, um grande caminhão da UPS entrou na estrada do cemitério. Janie não podia acreditar – todas aquelas pessoas haviam comparecido. Ela olhou para o Cabe, incrédula.

“Como eles ficaram sabendo?” Ela sussurrou. Ele sorriu e deu de ombros.

Havia chegado à hora.

O rabino recebeu a pequena congregação e falou por um momento.

E então.

“Que ele descanse em paz.” O rabino falou.

Antes de a Janie conseguir pensar, os funcionários do cemitério abaixaram o caixão até a cova e logo todos estavam olhando para seu pai no caixão. Ao lado da Janie, Dorothea fungou alto e balançou. Janie agarrou a mãe ao redor dos ombros e a estabilizou quando o rabino começou a falar novamente.

Enquanto Jane absorvia o fluxo das palavras do Rabino, a cadência musical dos salmos, uma pequena parte de sua vida também sufocava na caixa de pinho sob o solo.

“O Senhor é o meu pastor, nada me faltará.”

Janie é puxada de seus pensamentos pelo grupo ao seu redor, todos recitando em voz alta. Ela se apressou em achar onde eles estavam e começou a ler também.

Então o rabino perguntou se alguém gostaria de compartilhar alguma história sobre o Henry.

Janie olhou para a grama.

Depois de um momento Cathy, usando seu uniforme marrom da UPS, limpou a garganta e deu um passo para frente. Janie sentiu a mãe se retrair.

“Quem é essa?” Dorothea chiou para a Janie.

Janie apertou o ombro da mãe sem falar nada.

“Henry Feingold era meu cliente, e com o passar dos anos nos tornamos bons amigos.”

Cathy falou com sua voz falhando.

“Ele sempre tinha uma caneca de café para oferecer, ou uma bebida gelada. E quando ele descobriu que gosto de colecionar globos de neve, ele começou a procurá-los enquanto



procurava coisas para sua pequena loja na internet. Ele era realmente um homem muito gentil, e vou sentir falta dele em minha rota e... Sou grata a você Janie, por ter me avisado que ele faleceu e ter me dado a chance de dizer adeus. E é isso.” Cathy caminhou de volta ao seu lugar.

“Obrigado. Mais alguém?”

Cabel cutucou a Janie. Ela o empurrou de volta.

E então, e então.

Dorothea falou. “Eu quero falar algo.”

Janie se apavorou por dentro.

O rabino assentiu, e Dorothea deu alguns passos instáveis para onde ela poderia se virar e encarar as pessoas.

*O que ela vai falar?* Janie olhou para o Cabel, vendo que seus olhos também estavam preocupados.

A voz fina da Dorothea não era fácil de escutar em um lugar tão aberto.

Pelo menos até ela começar a gritar.

“Henry era o pai da Janie. O único homem que já amei. Mas ele me deixou depois de eu ter largado a escola por ele, e meus pais não me deixaram voltar para casa. Ele era louco e uma pessoa horrível. Ele arruinou minha vida, e estou feliz por ele estar morto!” Com isso, Dorothea lutou para abrir o fecho da bolsa.

“Querido Deus.” Cabel sussurrou.

As pessoas estavam completamente chocadas e em silêncio. Janie correu e guiou a mãe de volta para onde estavam parados. Ela sentia seu rosto queimando e vermelho. Suor escorria por suas costas. Ela propositadamente evitava olhar para os convidados. Mortificada.

Não ajudou nada o fato de Dorothea ter conseguido abrir a bolsa e fazer apenas um pequeno esforço para esconder que estava bebendo do cantil.

O Rabino Greenbaum se apressou a falar.

Cabe colocou a mão nas costas da Janie para confortá-la. Ele olhou para o chão, e Janie pode ver a aparência divertida em seu rosto. Ela sentiu vontade de pisar no pé dele. E empurrar a mãe para dentro da cova. Se perguntando que tipo de sitcom aquelas cenas poderiam fazer parte.

Janie olhou para cima e chamou a atenção do Rabino.

“Posso falar algo?” ela perguntou apesar dele parecer inseguro.

Janie ficou onde estava e apenas olhou para o caixão.

“Eu conheci meu pai há somente uma semana.” Ela falou. “Nunca o vi se mover, nunca o olhei nos olhos. Mas nesse curto tempo, descobri muitas coisas sobre ele. Ele era solitário, não



incomodava ninguém, apenas vivia a sua vida da melhor maneira que podia.”

“Ele não era maluco.” Ela continuou.

“Era sim.” Dorothea resmungou.

“Ele não era maluco.” Janie repetiu, ignorando a mãe. “Apenas lidava com um problema incomum, que é muito difícil de explicar para pessoas que não o entende.”

A voz dela ficou presa. Ela olhou para a mãe.

“Eu acho, e sempre acreditarei que Henry Feingold era uma boa pessoa. E não estou nem um pouco feliz com a sua morte.” Os lábios da Janie tremeram. Era como se o torpor repentinamente acabasse. “Gostaria de tê-lo de volta para poder conhecê-lo melhor.” Lágrimas escorriam por seu rosto.

Quando ficou claro que Janie havia falado tudo o que tinha para falar, o rabino liderou a Kaddish, uma oração. Então ele sorriu e chamou Janie para seguir até o outro lado da cova, a guiando até a pilha de terra. Cabel segurou Dorothea pelo braço e os seguiu. Havia várias pás no chão. Cada um deles pegou uma.

Janie pegou uma das pás e a encheu de terra. Um filete de terra caiu até a tampa do caixão mais abaixo. Ela mal conseguiu virar a pá. O Rabino murmurou algo sobre retornar ao pó, e finalmente ela largou a terra. O bater da terra contra a madeira fez seu estomago doer.

Dorothea fez o mesmo, seus braços tremendo, e Cabel o fez também, e lentamente cada membro do pequeno grupo pegou uma pá e jogou terra na cova. Eles continuaram até preencherem o buraco.

E foi quando Dorothea se entregou.

Ela caiu de joelhos, quase como se somente naquele momento ela havia se dado conta da verdade. “Henry!” Ela chorou.

Seus soluços se transformaram em estremecimentos. Janie apenas ficou ao lado dela, incapaz de ajudar. Sem vontade de parar aquilo.

Que confusão. Janie já podia ver, todas as pessoas no departamento falando sobre a bêbada da mãe da Janie, aquela que arruinou o funeral, aquela que transou por ai e acabou com uma filha ilegítima e não presta para outra coisa a não ser uma vergonha.

Ela balançou a cabeça, lágrimas escorrendo pelas bochechas enquanto pagava mais terra. Aquilo não importava de qualquer forma.

Quando eles terminaram, o monte de terra fresca se destacava, Janie sabia que ela teria que enfrentar os convidados. Cabel levou a Dorothea para o carro.

Janie largou a pá no chão. Ela se endireitou novamente e a Capitã estava lá.

A Capitã abraçou a Janie. A segurando. “Você fez bem.” Ela falou. “Sinto muito pela sua perda.”

“Obrigada.” Janie falou, as lágrimas escorrendo mais uma vez. Aquela não era a primeira



fez que Janie chorava no ombro da capitã. “Estou tão envergonhada.”

“Não fique.” A voz da Capitã era firme – era uma ordem.

Para Janie, era bom ter outra pessoa comandando o show por alguns momentos, pelo menos. Um alívio.

A Capitã deu tapinhas nas costas da Janie. “Você vai fazer o Shivah?”

Janie se afastou e olhou para ela. “Acho que não. Mas o que é isso?”

A capitã sorriu. “É o tempo de luto. Normalmente dura uma semana, mas leve o tempo que precisar.”

Janie balançou a cabeça. “Nós... eu não... eu nem ao menos sabia que era parte Judia até semana passada. Nós não somos praticantes ou coisa do tipo.”

A Capitã assentiu. Segurando a mão dela. “Vá até o meu escritório quando estiver pronta. Sem pressa, tudo bem? Eu acho que precisamos conversar.”

Janie assentiu. “Sim nós precisamos.”

A capitã apertou sua mão e Janie cumprimentou os rapazes do departamento. Janie queria tentar explicar, e se desculpar pelo comportamento da mãe, mas os rapazes não a deixaram falar nenhuma palavra sobre aquilo. Eles ofereceram suas condolências e no final, eles a fizeram rir. Como sempre.

Aquilo era bom.

Cathy permaneceu próxima a cova até o pessoal sair, então ela se aproximou de Janie.

“Obrigada pelo recado.”

“Ele ficaria feliz em saber que você veio. Eu acho.” Janie falou.

“Eu entreguei mais algumas caixas. Eles estão do lado de fora nos degraus. Você quer que eu as devolva?”

Janie pensou por um momento. “Não.” Ela falou.

“Vou cuidar disso. Provavelmente vai ter alguma coisa para ser enviada amanhã, então...” Janie não queria explicar ali.

Ela teria todo o tempo do mundo para falar com a Cathy na outra semana.

“Apenas agende uma coleta pela internet como você fez da ultima vez, certo? Vou pegá-las.” Cathy olhou o relógio. “Tenho que voltar ao trabalho. Você se cuide. Eu realmente sinto muito.”

“Acho que você o conhecia melhor do que ninguém Cathy. Eu também sinto muito.”

“É, sim, obrigada.” Cathy olhou para baixo. Ela se virou e caminhou na direção de seu caminhão.

Charlie e Megan abraçaram Janie em um abraço de grupo.



“Você vai ficar bem garota?” Charlie perguntou.

“Claro que vai.” Megan falou. “Ela é tão forte quanto pregos. Mas estamos aqui com você se precisar, certo?”

Janie assentiu agradecida.

E então a Carrie e o Stu estavam lá, oferecendo conforto. Stu estava usando a mesma camisa e gravata antiquadas que havia usado no baile da escola, e aquilo fez Janie sorrir, relembrando. Tanta coisa havia acontecido desde aquela época.

“Eu não posso acreditar que tantas pessoas vieram.” Janie falou. “Obrigada. Isso significou muito.”

Carrie segurou a mão da Janie e a apertou. “É claro que viríamos sua idiota.”

Janie sorriu e apertou a mão dela. “Hei.” Ela falou. “Onde está o teu anel?” então ela parou preocupada.

Carrie sorriu e segurou a mão do Stu com sua mão livre. “Não se preocupe. Nós decidimos que ainda não estamos prontos para isso, então o devolvi. Ele o está mantendo guardado, não é querido?”

“Muito.” Stu falou. “Aquela coisa é muito cara.”

Janie sorriu. “Estou feliz por vocês estarem bem. Obrigada mais uma vez por virem e Carrie – obrigado por tudo o que você fez.”

“O funeral mais divertido em que já estive.” Carrie falou.

Stu e Carrie abanaram um adeus e caminharam de mãos dadas pela grama na direção da Ethel.

Janie os observou se afastarem. “É.” Ela falou. “Muito bem amiga.”

Janie se aproximou dos estranhos que permaneciam em um pequeno grupo, conversando baixo.

“Muito obrigada por tudo o que fizeram.” Janie falou.

Um falou pelo restante. “Não é preciso agradecer. É uma honra cuidar do corpo de um falecido. Nossas sinceras condolências minhas querida.”

“Eu... obrigada. É...” Janie enrubesceu.

Ela olhou ao redor e viu o rabino. Foi até ele e se despediu. Depois não vendo mais ninguém, Janie seguiu até o carro.

“Nem uma única flor!” A Dorothea estava falando. “Que tipo de funeral é esse?”

Cabel bateu gentilmente na mão da mulher. “Os Judeus não acreditam em acabar com uma vida para honrar os mortos, senhora Hannagan. Eles não cortam flores.”

Janie fechou a porta e descansou a cabeça contra o banco. Estava agradável ali dentro.



“Você sabe disso Cabe?” ela perguntou.

“Perguntou ao rabino ponto com?”

Cabel levantou o queixo levemente e colocou o carro em movimento.

“Talvez.”

## **16h15min**

Quando escutou uma batida na porta Janie se levantou do sofá onde estava cochilando, sua mãe estava seguramente escondida no quarto.

Ela ajeitou o cabelo e pegou os óculos.

Era o Rabinowitz.

“Olá. Entre.” Janie falou surpresa.

Ele estava carregando uma caixa em uma das mãos e uma cesta de frutas na outra. Ele as levou para dentro as colocando sobre o balcão da cozinha.

“Isso é para ajudar a adoçar o seu pesar.” Ele falou.

Janie estava surpresa. “Obrigada.”

As palavras pareciam pequenas para expressar o que ela estava sentindo.

Ele sorriu e se desculpou. “Ainda estou trabalhando, mas queria trazer isso para você. Sinto muito por sua perda Janie.” Ele acenou e saiu.

Tudo do melhor. E todas aquelas coisas. Apenas fazia tudo ficar mais difícil.

## **16h28min**

Deitada no sofá e cheia de bolo.

Pensando sobre o que iria acontecer a seguir.

Sabendo que logo ela iria dizer adeus definitivamente para o Cabel.

E então?

Apesar dos benefícios, aquilo seria a coisa mais difícil que ela já fez.

## **18h04min**

Ela caminhou pela estrada esburacada da casa do Henry, com uma mochila nas costas, carregando uma mala e uma sacola com roupas. Duas caixas estavam na frente da porta. Janie entrou para guardar suas coisas e então puxou as caixas para dentro.

Ela abriu a primeira caixa e retirou uma roupa de inverno para bebês. Foi até o computador ancião e o ligou. Procurou no caderno que continha os pedidos, então abriu a gaveta de arquivos sob a mesa.



Embalou a roupa e escreveu o endereço na caixa.

Janie abriu a segunda caixa. E retirou algo embrulhado em bolha plástica.

Um globo de neve.

E não estava listado nos itens que deveriam ser entregues.

Com certeza era para a Cathy.

Paris. Janie sacudiu o globo e observou a neve de purpurina dourada girar sobre a estrutura de plástico cinza da Torre Eiffel e de Notre Dame.

Incrivelmente brega.

Ainda assim, cheio de algo especial.

Janie sorriu, o embrulhando novamente, o recolocando na caixa. E escreveu na caixa com uma caneta preta.

**Para Cathy, um último presente.  
De Henry.**

Janie terminou os negócios do pai e então procurou, e encontrou o velho contrato de aluguel. Descobrimo que Henry o pagava mensalmente desde 1987, apenas enviando os cheques por correio, fielmente para que chegassem ao início de cada mês. Era fácil continuar com aquilo.

Oh, ela deixaria o proprietário saber que o Henry faleceu. Mas ela faria com que o dono a aceitasse como seu novo inquilino. Ela até mesmo pagaria o primeiro ano adiantado se fosse obrigada.

Ela desligou o computador.

Retirou os lençóis da cama e os colocou em uma pequena máquina de lavar. Decidindo que iria limpar o lugar e dormir ali aquela noite.

Ali em sua nova casa.

Era um grande e estranho alívio.





# Memórias

**20h43min**

Ainda no dia do funeral.

A primeira noite em sua nova casa. Isolamento primeiro dia.

A roupa lavada, a casa limpa, sanduíche comido, lista de compras feita, Janie sentou em sua nova cama, com a caixa cheia de memórias do Henry.

Dentro:

- Quatorze cartas da Dottie.
- Cinco cartas ainda fechadas para a Dottie, do Henry, com a marca “devolver ao remetente.”
- Uma pequena e manchada medalha de um time de cross-country de uma escola.
- Um anel de turma
- Dois envelopes contendo fotografias.
- Um dólar canadense e um dólar de prata.
- Nove cliques de papel
- Uma velha carteira de motorista.
- E um pedaço de papel dobrado.

Cautelosamente, Jane retirou as fotografias do envelope e as olhou.

Fotos da Dorothea – muitas delas. Fotos com os dois juntos, rindo. Se divertindo. Se beijando e deitados juntos na praia, com sorrisos felizes em seus rostos. Nas grandes rochas do lago Michigan, um aviso ao fundo dizia. “Navy Pier”<sup>17</sup>. Eles ficavam bem juntos. Dorothea era bonita, especialmente quando sorria. Inacreditável.

Janie também reconheceu a sala nas fotos. Henry com seus pés sobre a mesma mesinha de café, as mesmas cortinas nas janelas, Dorothea esticada no mesmo velho sofá, apesar de tudo parecer quase novo nas fotos. Tudo ainda era o mesmo. Janie olhou novamente para as fotos do casal feliz.

Bem talvez nem tudo fosse o mesmo.

Janie colocou as fotos em ordem cronológica, as ordenando de acordo com as datas digitais marcado em vermelho no canto de cada foto, e ela os imaginou se cortejando. O ventoso

---

<sup>17</sup> Navy Pier é um píer com um quilometro de comprimento na costa do lago Michigan. O Píer foi construído em 1916 pelo custo de 4.5 milhões de dólares, o equivalente á 89.7 milhoes de dólares no dinheiro atual.



verão de 1986, quando eles trabalharam juntos no Lou's em Chicago, então ouve uma pausa nas fotos durante o outono – deveria ser do período em que estiveram separados, Dottie na escola e Henry na universidade. Janie espiou as cartas na caixa de sapato que foram escritas pela Dorothea, e viu os selos em cada um dos envelopes – todos estavam marcados de 27 de Agosto a outubro daquele ano. Quatorze cartas escritas a mão em dois meses, Janie pensou.

Isso que era amor.

O segundo grupo de fotos começava na metade de novembro de 1986 e a última foto foi tirada no dia primeiro de Abril de 1987. O dia dos bobos. Vá entender. Janie fez a matemática voltando do dia de seu aniversário, 9 de Janeiro de 1988. Estava correto, ela pensou. Nove meses antes seria 9 de Abril de 1987. Não havia se passado muito tempo do momento em que tiraram a foto ao que fizeram um bebê, e então estava tudo acabado.

Ela acariciou as cartas, extremamente curiosa. Muito curiosa. Mortalmente curiosa. Ela até mesmo pegou a primeira e passou seu dedo indicador ao longo da dobra da carta dentro do envelope. Mas a largou.

Era como se as cartas fossem sagradas, ou algo do tipo.

Isso, e também que eca. Provavelmente também haveria algo nojento escrito ali. Seria quase tão ruim quanto ser puxada em um sonho erótico da própria mãe. Eca, eca. Uma vez que você ler algo, não pode mais apagar de seu cérebro.

Janie colocou as cartas e fotografias de volta na caixa. Ela pegou a moeda e se perguntou a quanto tempo seu pai visitou o Canadá. Sorrindo, ela colocou a moeda de volta junto com o dólar de prata e pegou a medalha de cross-country. Ela a girou nos dedos, a segurando próxima ao rosto e focando tentando ver todos os pequenos detalhes e gravuras.

“Também sou uma corredora.” Ela falou baixo. “Só que de um tipo diferente. Do tipo que corre nas estradas.” Ela segurou a medalha perto e então a prendeu em sua mochila.

A seguir Janie olhou para a carteira de motorista. Era a primeira carteira dele, há muito tempo vencida. Sua foto era hilária e sua assinatura uma versão mais jovem da que Janie viu pela casa.

E então Janie pegou o anel de classe. Com o ano de 1985 bordados de um lado, e LHS do outro. Havia uma minúscula figura de um corredor abaixo das letras. O anel era dourado com um rubi e era lindo. Janie o imaginou no dedo do Henry, e então ela voltou a pegar as fotos e o viu na mão direita. Janie o colocou em sua própria mão. Era grande demais. Mas servia em seu dedão. Ela o retirou e o recolocou na caixa.

Então voltou a pegá-lo.

O colocando no dedo.

Ela gostava do sentimento dele lá.

**23h10min**



Depois de olhar tudo mais de uma vez, exceto as cartas, Janie encontrou um pedaço de papel dobrado com as palavras impresso nele.

Ela o abriu.

## MORTON'S FORK

1889 em referencia a John Morton (1420-1500) – arcebispo de Canterbury, que cobrava empréstimos compulsórios para o Henrique VII, argumentando que os ricos obviamente poderiam pagar e os pobres como obviamente viviam vidas frugais e, portanto tinham economias e também poderiam pagar.

Fonte: American Psychological Association (APA): morton's fork. (n.d.) Online Etymology Dictionary. Retirado do Dictionary.com

Website:

[dictionary.reference.com/browse/morton'sfork](http://dictionary.reference.com/browse/morton'sfork).

Janie leu novamente. Lembrando da marcação no livro, e do site.

Lembrando do que o recado da Sra.Stubin falava sobre Henry querer que Janie considerasse Morton's Fork.

“É, já entendi isso Henry. Você teve uma escolha. Eu sei.”

Ela havia considerado aquilo, um milhão de vezes. Ela sabia disso, mesmo antes de saber da existência do Henry. Pobre Henry não teve a ajuda do caderno verde da Sra.Stubin. Nem ao menos soube da verdadeira escolha.

“Estou muito a frente de você cara.” Ela falou.

Janie sabia qual das escolhas soava melhor para ela. Ou ela não estaria ali.

Ela amassou o papel e o jogou na lixeira.

Ela deu uma ultima olhada para as cartas. E as deixou em paz.

Apagou as luzes.

Revirou-se na cama, sabendo que amanhã teria muitas explicações difíceis para dar.

## 06h11min

Ela sonha.

Henry estava parado em uma pedra gigantesca no meio das corredeiras, no topo de uma cachoeira.

Seu cabelo havia se tornado um enxame de vespas. Elas zumbiam ao redor raivosamente.

Se ele pulasse as vespas poderiam ir embora, mas ele morreria na queda da cachoeira.

Se ele ficasse na pedra, ele seria ferroadado até a morte.

Janie o observou. De um lado estava a Morte, sua capa negra e longa que não se movia



com a brisa. Do outro estava à velha Martha Stubin em sua cadeira de rodas. Cega e retorcida.

Henry deitou na pedra e tentou jogar água nas vespas em seu cabelo. Isso somente as deixava mais furiosas. Elas começaram a ferroá-lo, e ele gritou, batendo nelas, em um esforço fútil de fazê-las parar.

Finamente ele caiu da rocha e cai pela cachoeira. Mergulhando para a morte.

Janie pulou acordada e sentou arfando, desorientada.

Ela sentou, se afundando contra o travesseiro, tentando fazer o batimento de seu coração voltar ao normal.

Pensando.

Muito.

Muito mesmo.

Então ela correu até o computador e esperou na manhã fria até ele iniciar e conectar à internet.

Procurou por Morton's Fork novamente.

*Por que Morton's Fork simplesmente não desaparece? Por que continuo encontrando esse conceito estúpido? Eu já entendi. Sério. Eu. Entendi. Eu tenho mais informações do que o Henry jamais teve.*

Ela encontrou. E pronunciou baixo.

“Uma escolha ruim entre dois resultados igualmente terríveis. Tudo bem, tudo bem, certo? Eu SEI disso.”

Ela pensou mais sobre aquilo, no caso de estar perdendo alguma coisa.

Pensou sobre o Henry.

O Morton's Fork do Henry era obvio. Ele escolheu o isolamento á tortura e a natureza impraticável de ser sugado para os sonhos dos outros. Essa havia sido sua escolha. Era isso o que ele sabia.

Igualmente terrível.

Sim, Janie podia argumentar sobre suas opções serem igualmente terríveis. Ele poderia ter seguido em qualquer direção.

Ela pensou na Martha Stubin. Sobre como quando ela era jovem, sua escolha havia sido exatamente igual a do Henry, e ela havia escolhido o outro caminho. Ela não sabia, na época de sua escolha, o que aconteceria com ela. Mas então, ela ficou cega e aleijada.

O que adicionava um fator. E fez a escolha de Janie diferente.

Ainda assim, aquilo não era nenhuma novidade. Ela já sabia de todas essas informações desde que leu o caderno verde.

Igualmente terrível.

O termo se prendeu ao cérebro da Janie e ela começou a caminhar pela pequena casa, o chão de madeira frio e macio sob seus pés descalços.



Ela abriu a geladeira e olhou para dentro, sem realmente ver as coisas, e pensou sobre suas opções.

Discutindo com ela mesma.

*Sim, era igualmente terrível. Abandonar o Cabel e a sociedade para viver em uma cabana sozinha? Sim, aquilo era muito ruim. Tão ruim quanto se tornar cega e inválida? Claro.*

*Não é?*

*Mas e se o Cabel não fosse o fator?*

Isolamento. Sair para viver sozinha – eremitas fazem isso. Monges fazem. As pessoas na verdade escolhem fazer isso. Se isolarem.

Ninguém em sã consciência escolheria ficar cego e inválido – não depois de realmente pensar sobre isso, como Janie fazia. Martha não escolheu isso – apenas aconteceu. Ela não sabia que poderia acontecer. Ninguém nunca escolheria isso.

Ninguém.

A não ser que a única alternativa fosse igualmente ruim.

Ela pensou. Pensou sobre o Henry. A maneira como vivia. Como morreu. Como ele finalmente ficou calmo. Depois. Somente depois de ser sugado para dentro do sonho da Janie.

“Não há melhor escolha.” Ele falou durante seu sonho. Segurando a cabeça.

Mas ele estava falando sobre sua versão do Morton's Fork. Sua escolha. Janie sabia que Henry não poderia saber da verdadeira escolha – ele não sabia sobre a Sra.Stubin e sua cegueira, e mãos. Ele ainda não sabia, provavelmente, a menos que ela tenha contado para ele. Depois.

## 07h03min

O cérebro de Janie não deixava o assunto morrer.

Por que e se?

E se o problema com o cérebro do Henry na verdade não fosse uma doença real, como um tumor ou aneurisma, que as pessoas normais têm?

E se... E se fosse uma consequência?

As enxaquecas, as dores. Arrancando o próprio cabelo. Como se houvesse muita pressão.

Por não usar sua habilidade.

A pressão por não entrar nos sonhos das outras pessoas.

Tanta pressão que parte de seu cérebro explodiu.

“Nãooo.” Ela falou baixo.

Sentada, congelada.

Em choque.



Então ela abaixou a cabeça, descansando a bochecha contra a mesa.  
Gemendo.

“Merda Henry.” Ela falou baixo. Suspirou e fechou os olhos, e eles começaram a arder e queimar. “Você e seu fodido Morton’s fork.”

## O último dia

**Quinta**  
**10 de Agosto de 2006**  
**07h45min**

Janie ainda está sentada na mesa de Henry. Em choque. Negando.

Mas, no fundo, ela sabe que é verdade. Tem que ser. Tudo faz sentido.

Não pode acreditar que tudo se resume a uma escolha totalmente diferente do que ela — e a Senhora Stubin — tinham pensado o tempo todo.

Não entre o isolamento e ficar cega e retorcida.

Mas entre ficar cega e retorcida, ou se isolando até seu cérebro explodir.

“Gaaah!” Janie grita. Essa é uma grande coisa sobre esta casinha no meio do nada. Ela pode gritar e ninguém liga para a polícia.

Ela cai para trás na cadeira. Então, lentamente, levanta-se.

Cai na cama e só fica lá, olhando para a parede.

“E agora?” Ela sussurra.

Ninguém responde.

**09h39min**

Ela se levanta. Olha ao redor da pequena barraca. Sacode a cabeça.

Triste.

Muitíssimo triste.

E agora, olhando para um novo conjunto de opções igualmente fodidas, uma verdadeira Morton's Fork, ela percebe que tem uma nova escolha a fazer.

Ela se senta de pernas cruzadas sobre a cama, papel e caneta na mão, e põe tudo para fora. Prós e contras. Benefícios e malefícios. Merda versus merda.

*A vida da Senhora Stubin ou a de Henry?*

*Qual delas Janie quer?*



"Sem arrependimentos", disse a Senhora Stubin no caderno verde. Mas ela não sabia a verdade.

"Não há uma melhor", Henry tinha dito no sonho. Ele não sabia.

Janie, sozinha no mundo, é a única que sabe a verdadeira escolha.

## 10h11min

Ela liga para a Capitã.

"Komisky. Hey, Janie, como está?"

"Oi, Capitã — ok, eu acho. Você tem tempo para falar hoje?"

"Um segundo". Janie ouve as unhas da Capitã clicando em seu teclado do computador. "Que tal meio-dia? Vou pegar comida para levar, nós podemos almoçar no meu escritório. Parece bom?"

"Parece ótimo", disse Janie. Ela desliga o telefone. Sente o friozinho na barriga.

E então.

Ela sacode a cabeça e começa a arrumar.

Arrumando as coisas que ela trouxe para cá, esmagando-os em sua mala para fazer tudo se encaixar. Na esperança de levar tudo isso em uma carga.

Ela vai voltar para casa.

Se não fosse Cabe, ela provavelmente apenas arriscaria. Continuaría isolada. No caso de ela estar absolutamente errada sobre o que realmente aconteceu com Henry.

Mas ela tem quase certeza que ela está certa.

É uma coisa de instinto.

Então.

É isso.

Janie pega uma alça de sacola debaixo da pia de Henry e enche com todas as coisas que não caberia em sua mala. Sacode a cabeça de vez em quando.

Ainda não consegue acreditar.

Antes de sair, ela liga para o proprietário da casa, para que ele saiba que Henry morreu. Então, ela fecha loja online de Henry, agenda um coletor para o último item restante, e deixa o globo de neve do lado de fora, com um sinal para que Cathy não o esqueça.

Ela coloca a sua mala no chão. Fecha a porta atrás dela, deixando-a destrancada, assim como ela encontrou.

Respira profundamente o ar do campo e o segura, soltando-o lentamente.



Olha para o potente protetor solar, que ainda está sobre o capô do Station Wagon.

Pega a sua mala. E sai.

Triturando o cascalho da entrada de carros como uma pessoa sem-abrigo, levando todo o lixo dela.

Não olha para trás.

Quando ela chega em casa, ela tira suas coisas e coloca no quarto, e puxa da sacola a caixa de sapatos, todas as letras intocadas. Janie, com a medalha presa em sua mochila e o anel no dedo, leva a caixa para a cozinha e coloca-a sobre o balcão ao lado das frutas e do bolo de Rabinowitz.

## 11h56min

Janie cumprimenta os caras enquanto ela passa pelo departamento, até escritório da Capitã. Ela pára no balcão de Rabinowitz para agradecer-lo novamente pelos doces, mas ele não está lá. Janie sorri e escreve uma nota em um pedaço de papel rabiscado.

Então, ela bate na porta da Capitã.

"Entre!"

Janie entra. O cheiro de comida chinesa faz seu estômago roncar. A Capitã está tirando os pratos de papel e talheres de plástico. Ela abre as embalagens da comida e sorri calorosamente.

"Como vai?"

Janie fecha a porta e se senta. "Oh, você sabe", diz ela levemente. "Louca, como de costume." Ela pega o guardanapo e tira um da pequena pilha, colocando-o próximo ao prato da Capitã.

"Sirva-se", diz a Capitã. Elas colocam a comida no prato.

Parece estranho, o silêncio, apenas as duas. Comendo. Janie toca o novo anel em seu dedo e, acidentalmente, pinga molho de castanha de caju em sua blusa branca. Tenta desesperadamente limpá-la com o guardanapo antes que grude.

A Capitã alcança em sua gaveta — a gaveta que parece ter tudo o que alguém poderia precisar — e puxa um pacote individual de Shout Wipes<sup>18</sup>. Entrega para Janie.

Janie sorri e o rasga para abri-lo. "Você tem absolutamente tudo naquela gaveta. Lanches, Steri-Strips<sup>19</sup>, limpa manchas de alimentos, talheres de plástico...o que mais?"

"Tudo e qualquer coisa que uma pessoa precise para viver por vários dias", diz a Capitã. "Kit de costura para emergência com botões, grampos de cabelo, produtos de higiene, chave de fenda, Canivete Swiss Champ<sup>20</sup> e não, você não vai pegar emprestado, ele é super-carro. Vamos

<sup>18</sup> é uma marca daqueles guardanapos removedores

<sup>19</sup> Steri-Strip é um curativo, tipo o Band-Aid.

<sup>20</sup> Canivete Swiss Champ é uma marca daqueles canivetes de mil e uma utilidades.





ver, apito de cachorro, brinquedos de cachorro, apito de polícia, anti-veneno, EpiPen<sup>21</sup>, garrafas de água. . . e a bagunça tradicional das fitas de borracha, clips de papel e selos desatualizados. Um pouco de dinheiro."

Janie riu. Descontraída. "Isso é incrível." E dá uma mordida.

"Eu era uma escoteira." O rosto sério da Capitã nunca vacila.

Janie bufa, e depois se pergunta se a Capitã não estava brincando. Nunca se sabe com ela.

"Então", diz o capitão. "Temos um grande trabalho de apanhadora para fazer." Ela acrescenta creme para o café. "Minha avaliação brilhante é de que seu pequeno problema familiar da semana passada teve algo a ver com a morte de seu pai. Verdade?"

"Verdade", afirma Janie.

"Por que diabos você não me disse o que era antes?"  
Janie olha para cima rapidamente. "Eu — "

"Nós somos uma família aqui, Hannagan. Eu sou a sua família, você é minha família, todo mundo aqui é um membro da família. Você não nega a sua família. Você me conta quando algo grande como isso está acontecendo, você está me ouvindo?"

Janie limpa a garganta. "Eu não queria incomodá-la. Não é como se eu mesmo o conhecesse. Bem, não realmente. Ele estava inconsciente o tempo todo."

O suspiro da Capitã sai como uma explosão de advertência de um motor a vapor. "Pare com isso."

"Sim, senhor".

"Graças a Deus Strumheller teve bom senso suficiente para me contar sobre o funeral, ou você estaria ferrada."

"Sim, senhor." Janie perde seu apetite. "Me desculpe."

"Bom. Agora, seu pai. Vamos falar sobre ele. Ele era um apanhador de sonhos também?"  
O queixo de Janie cai. "Como você sabia?"

"Você disse isso em seu depoimento. Entre as linhas. Você disse que ele tinha problemas que as pessoas não entendiam, mas você entendia, ou alguma coisa desse tipo. Uma pessoa normal não teria adivinhado o que você realmente queria dizer."

Janie acena. "Eu não tinha a intenção de dizer — apenas saiu. Mas sim, ele era um apanhador de sonhos isolado."

---

<sup>21</sup> O EpiPen é um dispositivo contendo adrenalina para a auto-administração em situações de emergência alérgica.



"Ahh, isolado. Como o que você está considerando. Bem, não admira que não sabia sobre ele ", diz o capitão. "Como você soube?"

"Eu entrei em seus sonhos."

"Oh?"

"Uh... é. Descobri algumas coisas interessantes."

"Eu aposto. E como você soube da motorista dele, Sra. Hannagan? Parece um pouco estranho que você nunca tenha falado com seu pai, mas pelo que ela disse em seu depoimento, você aparentemente teve uma conversa prévia com aquela senhora de macacão marrom." A Capitã pega um pedaço do seu almoço. "O que é isso no seu dedo? Parece um anel tipo bling<sup>22\*</sup> do ensino médio da década de oitenta. Não responda isso."

Janie sorri. Seu rosto fica vermelho. "Sim, senhor."

"O tipo de detetive que você é, mesmo quando você não está em missão."

"Eu acho."

"Então. Você já tomou uma decisão? Sobre o que conversaremos? A coisa do isolamento?"

Janie coloca o garfo para baixo. "Sobre isso", ela diz, um olhar preocupado no rosto. "Eu, uh..."

A Capitã olha Janie nos olhos. Não diz nada.

"Eu estava indo. Quero dizer, eu tomei uma decisão." Janie levou um tremendo tempo dizendo isso.

O olhar da Capitã não se abala.

"E observe, isso não irá resolver, apesar de tudo."

A Capitã se inclina para frente. "Diga-me," ela diz baixinho, mas tem uma aspereza. "Vamos."

Janie está confusa. "O quê?"

"Diga. Pelo amor de Deus, diga. Compartilhe algo que se passa no misterioso cérebro de vocês. Você não tem que sempre aguentar tudo. Eu sou uma boa ouvinte. Realmente."

"O quê?" Janie diz novamente, ainda intrigada. "Eu só—"

A Capitã acena encorajadamente.

"Ok, eu só descobri que Martha Stubin tinha errado. As minhas escolhas são diferentes —

---

<sup>22</sup> Bling-bling (ou só bling) é um estilo, adotado principalmente por rappers, pelo uso de muitas jóias e brincos.



ou ficar como ela, ou ficar como ele. Meu pai. Ele se isolou. E seu cérebro explodiu."

A Capitã levanta uma sobrancelha. "Explodiu. Termo médico?"

Janie ri. "Não realmente."

"O que mais?" A voz da Capitã perde a rispidez.

"Bem, acho que eu vou viver em casa, então. E, eu acho, ir para a escola como o planejado. Quero dizer, é cara ou coroa — cega e aleijada em meus vinte anos, morta de uma explosão em meu cérebro com quase quarenta anos. O que você escolheria? Eu acho, porque eu tenho Cabe, eu vou escolher cega e aleijada. Se ele pode lidar com isso, é isso." Janie lembra de seus sonhos.

"Será que ele sabe disto? Algo disso, afinal?"

"Er... não."

"Você sabe o que eu digo sempre, né?"

"Fale com ele. Sim, eu sei."

"Faça isso, então!"

"Ok, ok." Janie sorri.

"E quando as coisas se acalmarem após sua semana terrível, e você começar a se sentir bem sobre a escola, porque você vai, nós vamos falar sobre você e seu trabalho. Ok?"

"Ok". Janie suspira. É um alívio tão grande.

Elas embrulham os restos do almoço.

"Antes de ir", diz a Capitã, rolando sua cadeira até o arquivo, e abrindo a gaveta do meio, "aqui está algo — se não for útil pra você, só jogue-o. Eu não vou ficar ofendida." Ela puxa um papel laranja fotocopiado de um arquivo, dobra-o, e entrega para Janie. Se levanta e leva Janie até a porta. "E se você quiser falar sobre isso, você sabe onde me encontrar. Família. Não se esqueça."

"Ok". Janie pega o papel e sorri. "Obrigada pelo almoço. E tudo mais." Ela se levanta e sai pela porta.

"De nada. Agora, pare de me incomodar." Ela sorri e observa Janie ir.

"Sim," Janie diz enquanto ela sobe os degraus da rua. Mais uma conversa difícil. Vai para fora e anda até a parada de ônibus. Ela abre o papel laranja e dá uma olhada, lendo.

Depois de um momento, ela dobra novamente, devagar, pensativamente, e o coloca em seu bolso.

13h43min



Ela vai de ônibus até a parada da vizinhança. Ninguém sonhando nesta tarde.

Caminha até a casa de Cabel.

Ele está pintando a porta da garagem agora.

Janie pára na grama do lado da entrada para carros e o observa.

Pensa sobre todas as coisas que têm acontecido nos últimos dias. Toda a jornada em que ela esteve. Os pontos baixos, e os mais baixos.

Ela pensou que teria que dizer adeus.

Para sempre.

E agora, ela não precisa.

Ela deveria se sentir tão bem.

Mas ainda há a questão dos seus sonhos.

Ela limpa a garganta.

Cabel não vira. "Você está tranquila", diz ele. "Não tinha certeza de quanto tempo você ia ficar aí."

Ela morde o lábio.

Enfia as mãos nos bolsos.

Ele se vira. Havia tinta em suas bochechas. Os olhos brandos e enrugados. "E aí? Você está bem?"

Janie fica lá.

Tenta parar o tremor.

Ele vê. Coloca o pincel para baixo.

Vai até ela. "Oh querida," diz ele. Puxa ela para perto. A segura. "O que é isso?"

Afaga seu cabelo enquanto ela chora em sua camisa.

## 14h15min

Na grama, sob a sombra da árvore no quintal. Eles conversam.

Sobre os pesadelos dele.

E o futuro dela.

Por muito, muito tempo.

## 16h29min

É tudo tão complicado.

Sempre é, com Janie.

É impossível para Janie saber o que vai acontecer, não importa o quanto ela tente entender. Não importa o quanto Cabe convença Janie de que ele não tinha idéia de que ele



estava tendo sonhos tão perturbadores, e admita que talvez ele esteja com medo. Mas também que ele realmente está lidando com as coisas — ele realmente está.

Não importa o quanto eles prometam para continuar falando quando uma merda como essa vier à tona. Porque sempre vai.

Não há felicidade depois do livro de Janie.

Mas ambos sabem que há algo. Algo de bom entre eles.

Há respeito.

E há profundidade.

Altruísmo.

Um entendimento entre eles, que ultrapassa um enorme inferno.

E há aquela coisa de amor.

Então, eles decidem. Eles decidem decidir a cada dia o que vier.

Sem compromissos. Sem grandes planos. Apenas a vida, a cada dia.

Progredindo. Cortando a pressão.

Há a maldita pressão em qualquer lugar.

E se isso funciona, funciona.

Ela sabe de uma coisa, lá no fundo.

Sabe que é difícil. E bom.

Ele é o único cara que ela sempre vai contar.

*Isso é o que é*

**17h25min**

Ainda no último dia.

"Ei, você pode me levar para um lugar hoje à noite?" Suas bochechas estão ruborizadas. E ela tem um maldito chupão. Você faz idéia.

"Claro. Onde?"

"Um lugar fora do North Maple."

Cabel inclina a cabeça curiosamente, mas não pergunta.

Sabe que ela não irá lhe dizer de qualquer forma.

Sorri para si mesmo e balança um pouco a cabeça enquanto ele vai até o fogão para fazer



o jantar. "Deus, eu te amo loucamente", resmunga.

## 18h56min

Cabel pára em frente ao edifício. Janie observa pela janela e então, olha o papel laranja.

"Sim, é isso." Ela está nervosa. Não tem certeza sobre isso. "Você pode ficar aqui por cinco minutos, no caso de, você sabe, não ser legal?"

"Claro, doce. Se eu for embora, quando você sair, apenas me mande uma mensagem. Eu virei rapidamente." Ele dá um aperto tranquilizador na coxa de Janie e a beija na bochecha. "Eu provavelmente vou à uma das livrarias daqui. Talvez dirigir pelo campus e dar uma volta."

"Ok". Janie respira profundamente e sai do carro. "Vejo você." Anda, determinada, para a porta. Não olha para trás. Não vê Cabel pegar o papel laranja do banco onde ela o deixou. Ele o lê. Sorri.

## 19h01min

Uma dúzia de pessoas ao redor da sala, pegando café e batendo papo. Principalmente adultos, mas um casal parece ter a idade de Janie. Janie anda pela sala, se sentindo estranha, não tem certeza de onde ficar. Lentamente, ela se apóia em uma parede e olha ao redor, um sorriso falso no rosto, tentando não fazer contato visual.

"Bem-vindo", diz um homem atarracado de meia-idade enquanto ele anda até Janie. "Meu nome é Luciano." Ele oferece a mão.

Janie aperta. Balança. "Oi", diz ela.

"Que bom que você veio. Você já foi para Al-Anon<sup>23</sup> antes?"

"Não — esta é a minha primeira vez."

"Não se preocupe. Todos nós temos algo em comum. Deixe-me iniciar isso."

Luciano volta para a sala e grita para todos pegarem um lugar na mesa. Janie faz seu caminho, e um jovem oferece café a Janie. Janie sorri agradecida e aceita, adicionando seus tradicionais três cremes, três açúcares.

O pequeno grupo se acalma e Luciano fala.

"Bem-vindo ao Al-Anon. Para quem é novo aqui, este é um grupo de apoio para as pessoas que estão lidando com os efeitos do álcool em sua vida." Ele olha para o rapaz do outro lado da mesa. "Carl, você gostaria de levar a reunião de hoje?"

Janie escuta atentamente a introdução e o depoimento de uma mulher na mesa que fala

---

<sup>23</sup> Alcoólicos Anônimos



sobre seu pai, alcoólatra abusivo. Depois disso, Carl leva um debate sobre um dos doze passos. É bom saber que ela não está sozinha.

E que Dorothea beber não é culpa de Janie.

Quando ele termina, Janie pega alguma literatura das prateleiras. Ela desliza para fora da sala, manda uma mensagem para Cabe de que ela está pronta, e sai para fora na noite fria. Pensando. Percebendo uma tonelada de coisas sobre sua mãe. E sentindo, pela primeira vez, que parte do stress da sua vida, parte da responsabilidade, foram tirados. É uma sensação fabulosa, na verdade.

Se pergunta por que ela nunca pensou em fazer isso antes.

## 20h31min

Eles andam ao redor do campus da U of M, primeiro de carro, depois à pé, andando pelos parques e em torno dos edifícios, Cabel apontando o que ele sabe sobre onde as coisas estão e como chegar lá. Parece estranho, e divertido, e assustador, como uma estranha aventura, andando pelo campus de uma escola tão grande. Logo, eles vão ser uma parte de tudo isso.

Eles param para tomar um sorvete na Stucchi e rir por o que parece ser a primeira vez em muito tempo.

Quando Cabel leva Janie embora, ela o beija docemente, e o abraça apertado. "Eu estou realmente feliz com o nosso acordo", diz ela.

"Eu também." Cabe diz. "Então... amanhã..." Ele parece relutante.

"Sim?"

"Eu preciso de algum lixo para a escola. Suponho que, contra o meu melhor julgamento, devemos ir às compras."

Janie sorri. "Encantador", diz ela. "Vou trazer um garfo para o caso de tudo ser demais para você e você precisar para arrancar seus globos oculares fora."

Ele ri. "Seria irônico se eu fosse cego antes de você ser, não seria?"

Eles compartilham um sorriso irônico. Um prolongado e sentimental beijo.

## 23h05min

Quando Cabe sai da entrada de carros, Janie caminha lentamente para casa e se senta no degrau. Só pensa em coisas, coisas e coisas.

Como o tempo em que Cabel a trouxe nesse degrau em seu skate.

E ela pensa na Senhora Stubin, e como ela realmente nunca teve uma chance de dizer



adeus. Ela está feliz com a nota sobre a cadeira.

Ela pensa sobre a Capitã, e seus olhos ficam vagos. Família, disse ela.

É bom ter uma família como essa.

Janie vira o anel de Henry para que ele pegue o brilho do poste. O rubi brilha. Ela o pega nas mãos. Pressiona o anel nos lábios. O segura lá. Em seguida, o levanta para o céu.

Diz: "Ei, Henry..." E pára, porque a garganta dói muito para ir adiante.

Janie ouve os grilos e os sapos das árvores — ou fios — zumbindo em seus últimos dias de verão, antes de os sons das folhas triturando assumir mais uma vez.

Ela pensa em sua mãe de uma maneira diferente. Um novo modo, esta noite. Planeja voltar a um outro encontro Al-Anon. Pode compartilhar até mesmo sua própria história em algum momento. Se ela sentir que sim. Ou não. Sem decisões precipitadas. Sem grandes compromissos. Cada dia que vier.

Janie respira profundamente e sente a vivacidade da noite, enchendo seus pulmões. Ela senta um pouco mais no degrau, e então se levanta e observa dentro da casa pela janela da cozinha, empurrando seu rosto contra a velha tela empoeirada, envolvendo as mãos em torno de seus óculos para protegê-los da luz da rua. Raios suaves de luz da janela cortam diagonalmente a cozinha.

A caixa de memórias desapareceu.

E o bolo.

Janie ri baixinho, mas por dentro, dói um pouco. Por um momento, ela deixou todos os problemas para trás. E agora aqui está ela novamente, e estará, por enquanto, pelo menos.

É difícil ficar animada sobre isso.

Mas a vida continua.

Tudo evolui em uma direção ou outra. Relacionamentos, habilidades, doenças, deficiências. Conhecimentos.

Escola. Uma nova vida em que poucos a conhecem. Onde poucos irão chamá-la de garota da narcóticos. Mas onde muitos irão sonhar.

Ela suspira.

Um dia de cada vez. Um sonho de cada vez.

Sua escolha está feita. Por agora. Por hoje.

"É isso", ela sussurra para os fios zumbindo. "É realmente isso."

O frio da noite, o preâmbulo do outono, já chegou, e Janie esfrega os braços nus, cobertos de arrepios.

É cansativo pensar sobre tudo isso. Calmamente, ela vai para dentro. Tranca a porta atrás dela. Escorrega seus sapatos e joga sua mochila no sofá. Mas antes de Janie dizer que hoje foi





uma boa noite, ela tem apenas mais uma tarefa em mente.

Ela anda a passos surdos com os pés descalços pelo pequeno corredor na noite quieta.

E faz uma pausa no portal para outro mundo.

Havia apenas mais um sonho de tristeza para mudar.

# FIM!



Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - [http://twitter.com/tradu\\_digital](http://twitter.com/tradu_digital)

*Traduzido por:*

*Nelda Mews Farias*

*Baby*